

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

NAJA KAYANNA POLICHUK

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE INTEGRANTES DO MOVIMENTO *HIP-HOP*
EM PONTA GROSSA-PR: seus elementos e o lazer**

PONTA GROSSA
2011

NAJA KAYANNA POLICHUK

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE INTEGRANTES DO MOVIMENTO *HIP-HOP*
EM PONTA GROSSA-PR: seus elementos e o lazer**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, Estado do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais Aplicadas.

Orientador: Prof Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Jr.

Co-orientadora: Prof Dr^a. Solange Ap. Barbosa de Moraes Barros.

PONTA GROSSA

2010

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

P766r Polichuk, Naja Kayanna
Representações sociais de integrantes do Movimento Hip- Hop em
Ponta Grossa-PR : seus elementos e o lazer / Naja Kayanna Polichuk.
Ponta Grossa, 2011.
130p.
Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas),
Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Orientador: Prof. Dr . Cosntantino Ribeiro de Oliveira Jr.
Co-orientadora : Profa. Dra. Solange Ap. Barbosa de Moraes
Barros

1.Representações Sociais. 2. Movimento Hip-Hop. 3.Lazer.
I. Oliveira Jr., Constantino Ribeiro de. II. Barros, Solange Ap.
Barbosa de Moraes. III.T.

CDD: 301.1

TERMO DE APROVAÇÃO

NAJA KAYANNA POLICHUK

"REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE INTEGRANTES DO
MOVIMENTO HIP-HOP EM PONTA GROSSA-PR: seus elementos
e o lazer"

Dissertação aprovada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-
Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Setor de
Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de
Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

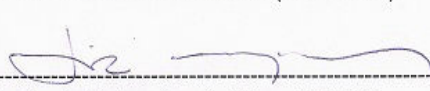
Assinatura pelos Membros da Banca:



Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior (UEPG) – Presidente



Dr. Gustavo Luiz Gutierrez - (UNICAMP)



Dra Lenir Mainardes da Silva - (UEPG)

Dr. José Augusto Leandro - (UEPG) - Suplente

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus avós Victória e Tarácio.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Jr, pelas orientações, pela atenção, pela paciência e contribuições no caminho percorrido.

A Prof^a. Dr^a. Solange Ap. Barbosa de Moraes Barros pelas contribuições acadêmicas e pessoais, que sem o seu apoio e amizade esse caminho não teria sido o mesmo.

A Prof. Dra. Jussara Ayres Bourguignon por dividir a experiência de docência comigo, agradeço pelas leituras e correções que me indicaram um caminhar mais seguro nessa pesquisa.

A minha amiga e companheira nesse Mestrado Heloísa Sayumi Miyahara. (Helô). Sou muito grata pelos ensinamentos e pensamentos compartilhados comigo, aprendi coisas essenciais para continuar vivendo melhor e com mais sabedoria nessa vida.

A tia Marisa Polichuk que me escutou chorar, rir, reclamar, refletir, e sempre esteve do meu lado para me acolher com palavras sábias.

A minha mãe Roslangela Polichuk e aos meus irmãos e irmãs pelos momentos de alegria, de carinho e apoio.

A tia Zeni de Lourdes Roberto que me ajudou a compreender que sempre podemos alcançar aquilo que realmente queremos e que tudo tem hora certa pra acontecer.

Ao meu companheiro Jaison Henrique Mainardes, que apesar do seu silêncio, sempre me sorri com brilho no olhar dando-me força pra continuar.

Aos amigos e amigas Thêre, Marcelo, Aline, Adriano pelo apoio e trocas de experiências.

Aos colegas de mestrado que por motivos pessoais não puderam terminar esse caminho. Também aos que terminaram e aos que ainda terão que caminhar por mais alguns meses.

Aos integrantes do *Hip-Hop* em Ponta Grossa que fizeram parte dessa pesquisa, que compartilharam comigo suas experiências de vida.

Aos Membros da banca pelas contribuições teóricas.

As demais pessoas que fizeram parte dessa trajetória.

E a Deus que sempre ilumina meus caminhos para seguir a vida.

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo geral identificar quais são as representações sociais dos integrantes do Movimento *Hip-Hop* em Ponta Grossa-PR. Os objetivos específicos estão em descrever como os integrantes vivenciam o Movimento *Hip-Hop*; apontar quais são as atividades desenvolvidas dentro do Movimento *Hip-Hop*; identificar se essas atividades desenvolvidas são para as integrantes atividades de lazer. Para que os objetivos fossem alcançados construímos um referencial teórico pautado em discussões sobre o conceito de representação social, sobre lazer e sobre o Movimento *Hip-Hop*. Essa pesquisa é qualitativa e teve como procedimentos metodológicos a pesquisa exploratória. Para a coleta de dados utilizamos as técnicas de entrevista semiestruturada e a observação participante. O método de análise dos dados empíricos foi o Hermenêutico.

Palavras-chaves: Representações Sociais, Movimento *Hip-Hop*, Lazer.

ABSTRACT

This research aims at identifying what are the social representations of members of the Movement in Hip-Hop Ponta Grossa-PR. The specific objectives are to describe how members experience the Hip-Hop Movement, pointing out which are the activities developed within the Hip-Hop Movement, to identify whether these activities are integral to recreational activities. For the objectives to be achieved construct a theoretical framework guided discussions about the concept of social representation, leisure and about the Hip-Hop Movement. This research is qualitative and methodological procedures was the exploratory research. To collect data we used the techniques of semistructured interviews and participant observation. The method of analysis of the data was the Hermeneutic.

Keywords: Social Representations, *Hip-Hop* Movement, Leisure.

LISTA ILUSTRAÇÕES

FOTO 1	Pesquisadora e apreciador observando as atividades.....	18
FOTO 2	Integrantes do Movimento se apresentando.....	18
IMAGEM 1	Primeiro contato feito com o integrante Jackson para conhecê-lo....	22
IMAGEM 2	Primeiros contatos para marcar entrevistas.....	26
QUADRO 1	O espaço de estudo das representações sociais	47
IMAGEM 3	Martin Luther King Líder pacifista negro norte-americano.....	72
IMAGEM 4	África Bambaataa é um <i>DJ</i> Estado-unidense e líder da Zulu Nation, reconhecido como fundador oficial do <i>Hip Hop</i>	72
FOTO 3	Apresentação de integrantes do Movimento <i>Hip-Hop</i> na Praça do Prado no bairro da Ronda em Ponta Grossa.....	73
FOTO 4	Observação realizada em 16 de outubro de 2010 no Ginásio Oscar Pereira em Ponta Grossa onde acontecia o evento “União <i>B-Boys</i> ”.....	74
FOTO 5	Observação realizada em 16 de outubro de 2010 no Ginásio Oscar Pereira em Ponta Grossa onde acontecia o evento “União <i>B-Boys</i> ”.....	74
FOTO 6	As batalhas entre os <i>B-Boys</i>	74
FOTO 7	Graffiti assinado pelo grafiteiro Jackson. Local do graffiti: muro na Rua: Av. Bispo Dom Geraldo Pelanda.....	76
FOTO 8	Graffiti assinados pelos grafiteiros Jackson e Leboard. Local do graffiti: muro na Rua Benjamim Constant.....	76
FOTO 9	Graffiti assinado pelo grafiteiro Jackson. Local do graffiti: Ruínas de uma casa antiga na Rua: Visconde de Nácar com a Rua Comendador Miro.....	76
IMAGEM 5	Coletânea histórica do <i>Hip-Hop</i> nacional.....	80
IMAGEM 6	Capa do Cd do grupo de <i>Rap</i> Racionais.....	80
IMAGEM 7	Cartaz de divulgação do evento: Abril pro <i>Rap</i>	83
IMAGEM 8	Cartaz de divulgação do Evento: Graffiti no Escadão.....	84
IMAGEM 9	Cartaz de divulgação do evento: União <i>B-boys</i>	84
IMAGEM 10	Cartaz de divulgação do prêmio Cultura <i>Hip-Hop</i> Edição Preto Ghóez.....	86

IMAGEM 11	Cartaz do 1º Fórum Estadual <i>Hip-Hop</i> em Ponta Grossa.....	87
IMAGEM 12	Cartaz de divulgação do 1º Fórum Estadual do Movimento.....	88
IMAGEM 13	Integrante Guég. Nome: Ismael dos Santos.....	90
IMAGEM 14	O Grupo Ponta <i>Rap</i> integrantes atuais: Guég, <i>MC Pá</i> e <i>DJ A</i>	92
IMAGEM 15	Ilustrações dos projetos realizados pelo Ponta <i>Rap</i>	93
FOTO 10	Integrante Adriano do Grupo “Consciência do Gueto” participando de uma batalha de rimas.....	98
FOTO 11	Integrante Lenart do Grupo “Manifesto Sonoro” se apresentando....	100
FOTO 12	No centro temos o integrante do “Nação Jesus Salva”, Sergio se apresentando na Igreja.....	104
IMAGEM 16	Ilustração do Grupo “Federação Repúbli-k”.....	107
FOTO 13	Zero Meia, Gafanhoto e <i>DJ Banga</i> do Grupo Federação Repúbli-k..	119
FOTO 14	Integrantes do Grupo “DDR a Firma”.....	112
FOTO 15	Integrantes do Grupo “Depoimento Profético” se apresentando.....	113
IMAGEM 17	Jackson Five Grupo musical de R&B e Soul dos Estados Unidos....	115
IMAGEM 18	James Joseph Brown Jr. Cantor, compositor e dançarino norte-americano.....	115
FOTO 16	Tiago de Deus, executando um movimento característico do Break.	115
IMAGEM 19	Conversa para atualizar informações sobre a pesquisa com o integrante Lenart.....	123

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	13
1.1 Trilhando um Caminho.....	13
1.2 Caminhos Metodológicos: Os passos dessa investigação.....	13
CAPÍTULO 2	29
2.1 PARTE 1 - Representações Sociais	29
2.1.2 Representações Sociais: O conceito de representações coletivas em Durkheim e o enfoque da Psicologia Social em Moscovici.....	29
2.1.3 A Teoria das Representações Sociais.....	41
2.2 PARTE 2 - A trajetória do pensamento sobre lazer percorrida nessa pesquisa.....	49
2.3 Lazer na Busca da Excitação: O enfoque de Norbert Elias e Eric Dunning.	58
CAPÍTULO 3	72
3.1 O Movimento <i>HIP-HOP</i>	72
3.2 O <i>HIP-HOP</i> no Brasil.....	79
3.3 O <i>HIP-HOP</i> em Ponta Grossa (PG) – PR.....	81
CAPÍTULO 4	90
4.1 Análises.....	90
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	124

INTRODUÇÃO

A motivação de pesquisar o tema surgiu a partir de estudos sobre lazer durante a trajetória acadêmica de graduação em Bacharelado em Serviço Social e posteriormente no aprofundamento teórico durante o Curso de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas.

Identificar quais são as representações sociais dos integrantes do Movimento *Hip-Hop* em Ponta Grossa-PR é o objetivo dessa dissertação, pois partimos do pressuposto que os integrantes do Movimento desenvolvem atividades dentro dos quatro elementos do *Hip-Hop*: o *rap*, o *Break*, o *grafitti* e o *DJ*, e que essas atividades são atividades de lazer.

Entendemos que o lazer seja uma atividade que proporcione prazer e também de incentivo próprio de quem irá praticá-la, e nesse contexto o Movimento *Hip-Hop* em Ponta Grossa apresenta-se como nosso campo de estudo.

Portanto, a inquietação é saber se essas atividades são consideradas pelos integrantes do Movimento *Hip-Hop* atividades de lazer, e se esse lazer está dentro da perspectiva acima descrita. Portanto nosso objeto de estudo são as representações sociais de integrantes do Movimento *Hip-Hop* em Ponta Grossa-Pr.

Iniciamos essa pesquisa com o primeiro capítulo expondo os caminhos metodológicos percorridos, onde, apresentamos os passos que iluminaram a construção desse estudo. Esse processo de investigação ocorreu a partir de aproximações contínuas e instigantes com a realidade. Portanto essa etapa merece destaque em nosso trabalho.

Alguns questionamentos embasaram a construção dos capítulos dessa dissertação. Para o primeiro capítulo questionamos sobre quais seriam os passos de investigação empírica da pesquisa, sobre quais instrumentos seriam utilizados na coleta e análise de dados realizadas nessa pesquisa. As discussões que nos ajudaram a responder esses questionamentos estão embasadas em autores como Triviños (1987), Gil (1999) e Minayo (2002).

No segundo capítulo temos a construção teórica deste trabalho. Lançou-se mão de um estudo exploratório em que utilizamos vários autores como fonte de inspiração, para podermos visualizar um determinado fenômeno. Ao mesmo tempo, não se pretende assumir um discurso eclético. Mas, garantido os afastamentos e aproximações entre autores diversos, captar possibilidade de compreensão do

fenômeno. Esse capítulo está dividido em duas partes, a primeira apresenta uma discussão sobre o conceito de representações sociais passando por autores como Jodelet (1984), Durkheim (1999) e Moscovici (2009).

Os questionamentos para essa primeira parte do capítulo estão pautados em compreender o que são representações sociais, como o conceito de representações sociais foi trabalhado pelos autores e como a partir da compreensão desse conceito é possível entender as representações sociais dos integrantes do Movimento *Hip-Hop*.

Entre os autores Durkheim e Moscovici existem algumas aproximações. Ambos trabalham o conceito de representações, contudo em Durkheim temos as representações coletivas e em Moscovici as representações sociais. Esses dois conceitos podem apresentar numa primeira aproximação características semelhantes, contudo ao ler os autores observamos que são conceitos partem de uma lógica de compreensão diferente um do outro. Exploraremos esse contexto no capítulo dois parte um.

Na segunda parte, observamos que os estudos teóricos sobre lazer nos aproximaram de um imenso referencial bibliográfico. Procuramos identificar o que é lazer, sob diferentes perspectivas demonstrando o “estado da arte” em que o tema se encontra. Apresentamos nossa trajetória de leitura e reflexões que nos levaram a alguns entendimentos que delimitaram Norbert Elias como base para este trabalho. Portanto, esse capítulo apresenta alguns questionamentos, tais como: O que é lazer? Como ele pode ser entendido? Quais são os aspectos do lazer na teoria de Elias?

No terceiro capítulo o estudo empírico apresenta um conjunto de saberes entendidos como necessários na compreensão sobre o Movimento *Hip-Hop*. Apresentamos algumas experiências dos integrantes no Movimento que revelam subjetividades e nos proporcionam “entrar” no Movimento e desvendar vivências e experiências de integrantes do Movimento em Ponta Grossa

Para esse capítulo pensamos em questões sobre o que são Movimentos Sociais e em específico o que é o Movimento *Hip-Hop*? Como o Movimento “surgiu”? Como “veio” para o Brasil e para Ponta Grossa Pr? Quais são os elementos que compõe o Movimento? Como os integrantes vivenciam as atividades dentro do Movimento? Quais são as representações do Movimento *Hip-Hop* para esses integrantes?

Assim, temos o intuito de trazer reflexões a respeito das atividades vivenciadas pelos integrantes do Movimento *Hip-Hop* demonstrando como essa pesquisa começou, como ela se desenvolveu e como, a partir das nossas conclusões, novas perspectivas e olhares para a mesma realidade podem surgir.

1. CAPÍTULO 1

1.1 TRILHANDO UM CAMINHO

Um pesquisador pode percorrer diversos caminhos, pois como um ser pertencente de uma sociedade dinâmica e em constante transformação (como as sociedades contemporâneas), busca desvelar as relações humanas, sociais e políticas (dependendo de seu objeto) que subsidiam todo o processo da pesquisa.

Tal processo apresenta muitas vezes caminhos árduos, intensos, pelo qual o pesquisador experimenta a solidão do observar. O revelar dessa observação tem o desafio de apresentar e interpretar uma realidade específica. Quando o pesquisador consegue demonstrar essa realidade ele constrói um saber que permite revelar um mundo complexo e muitas vezes interessante.

Nesse primeiro capítulo vamos demonstrar os caminhos metodológicos que subsidiaram essa pesquisa, fazendo com que o leitor perceba a complexibilidade da tarefa do pesquisador, mas, mais do que isso, que o leitor possa sentir e explorar um pouco da cultura, dos valores, e costumes de grupos e indivíduos, que pertencem a uma mesma sociedade com regras, leis e normas.

1.2. CAMINHOS METODOLÓGICOS: Os passos dessa investigação

Imagine-se tecendo uma trama cheia de especificações próprias, com inúmeros fios de várias cores, diferentes texturas, articulando cada fio desses de um modo que eles se entrelacem, dando origem a uma trança complexa de fios unidos para uma finalidade.

Esse pequeno exemplo ilustra algo das escolhas feitas por pesquisadores que pretendem construir um conhecimento sobre o real. A primeira imagem que se tem desse real é parecida com a imagem da trama, complexa, cheia de especificações próprias.

A segunda imagem é a do objetivo do pesquisador que utilizando ferramentas, trança, tece uma trama no decorrer de sua busca na compreensão da realidade. É evidente que todas as tranças não são perfeitas, pois a realidade em que elas estão demonstram um mundo onde tudo se transforma continuamente, um mundo diversificado. Entretanto estas possuem uma finalidade.

Em Elias (1980) essa trama é a relação de interdependência em que as pessoas vivem. As relações humanas presentes no círculo familiar, no trabalho, no local onde vivemos, e, com um nível de consciência mais desenvolvido, segundo o autor, podemos perceber o envolvimento de milhares e milhões de pessoas relacionadas umas as outras e dependentes entre si.

Essa rede é tão significativa que os indivíduos que a constituem não conseguem compreender esse fato, como também não compreendem que essa trama de relações influencia o seu desenvolvimento independentemente das intenções de cada sujeito que a constitui.

Essas relações sociais são interdependentes e não planejadas, ou seja, são cegas, incontrolável e pressupõe uma balança de poder difusa. O poder para o autor é um elemento integral de todas as relações humanas.

Nos trabalhos de Norbert Elias (1986, 1994) podemos observar uma sociologia dos grupos sociais, sendo o social um conjunto de relações que muitas vezes pressupõe tensão e poder. Essas relações estão sempre em processo, podendo se desfazer, se construir, reconstruir ou se rearticular o podem estabelecer conflitos e lutas entre os humanos.

A cada momento as relações se atualizam, fortificam ou se esgarçam e a compreensão desse processo revela configurações que de algum modo permitem adentrar na rede de entrelaçamentos, dependências e interferências que constituem grupos e sociedade. Então para que possamos visualizar essa trama de interdependências, Elias (1980) afirma ser necessário à aplicação de uma teoria.

Parte fundamental da teoria eliasiana é o conceito que o autor utiliza para explicar essa teia de relações: o conceito de configuração.

Elias utiliza da metáfora dos jogos para explicitar esse conceito:

Se quatro pessoas se sentarem à volta de uma mesa e jogarem cartas, formam uma configuração. As suas ações são interdependentes. Neste caso, ainda é possível curvarmo-nos perante a tradição e falarmos do jogo como se este tivesse uma existência própria. É possível dizer: « O jogo hoje à noite está muito lento!». Porém, apesar de todas as expressões que tendem a objetivá-lo, neste caso o decurso tomado pelo jogo ser obviamente o resultado das ações de um grupo e indivíduos interdependentes. Mostramos que o decurso do jogo é relativamente autónomo de cada um dos jogadores individuais, dado que todos os jogadores têm aproximadamente a mesma força. Mas este decurso não tem substância, não tem ser, não tem uma existência independente dos jogadores, como poderia ser sugerido pelo termo «jogo». Nem o jogo é uma idéia ou um «tipo ideal», construído por um observador sociológico através da consideração do comportamento individual de cada um dos jogadores,

da abstração das características particulares que os vários jogadores têm em comum e da dedução que destas se faz de um padrão regular de comportamento individual (ELIAS, 1999, p. 141 - 142).

O padrão criado pelos jogadores por meio das suas mentes, ações nas relações entre os outros jogadores no jogo é o que pode ser entendido como a configuração, e o movimento da vida social é o jogo pra Elias.

Contudo o estudo de uma configuração social pressupõe visualizar não somente as ações dos indivíduos isoladamente, mas também a interdependência das relações que as pessoas estabelecem umas com as outras.

Essas configurações também apontam, de certa forma, a complexidade do processo de pesquisa, que emerge de interesses, de paixões humanas, como produto de circunstâncias específicas nas quais existem pessoas engajadas na tarefa de pesquisar.

Essa lógica configuracional é a utilizada por Elias para compreender o indivíduo na sociedade e a sociedade dos indivíduos, e como nós utilizaremos esse autor como base para as análises nesse trabalho, entender essa lógica torna-se importante.

No contexto dessa pesquisa a observação do empírico (Movimento *Hip-Hop*-PG) trouxe oportunidade de vivências com pessoas que tem em si uma característica muito envolvente: eles demonstram sentir alegria em fazer parte do Movimento, que se traduz em muito esforço, perseverança e compromisso com a sua cultura.

Foi a partir de observações realizadas em um parque da cidade de Ponta Grossa-Pr que a delimitação da pesquisa surgiu. O Parque Ambiental¹ oferece espaços propícios para atividades, as quais os dançarinos de *Break*² desenvolviam em uma tarde de sexta-feira em meados de novembro de 2009. De forma suntuosa dançavam alegremente com passos complexos e quase que inacreditáveis.

Nesse momento de construção e re-construção do objeto de estudo da dissertação o tema lazer estava definido mas o empírico ainda passava por mudanças. O intuito era encontrar algum grupo de pessoas que vivenciasse alguma atividade e a partir de então ver como o lazer poderia ser vivido por indivíduos na sociedade. Em que contexto? Em que sentido?

¹ O Parque Ambiental fica localizado no centro da cidade de Ponta Grossa e segundo a Prefeitura da cidade ele é espaço de lazer e cultura para a população.

² Esse elemento do *Hip-Hop* vai ser trabalhado no decorrer desse texto.

Mas nesse turbilhão de pensamentos e idéias nem tudo foi possível. Entramos em contato com os *B-boys*³ que dançavam na praça e eles contaram um pouco sobre o movimento e a conversa se desenvolveu. Mas quando indagados se gostariam de participar da pesquisa a resposta foi que não gostariam.

Ao dialogar o empírico com o teórico tudo que havíamos pensando e desenvolvido tornou-se ilusão. Mas não desistimos. Fomos atrás de mais informações sobre o Movimento *Hip-Hop* em Ponta Grossa e percebemos que a resposta que havíamos escutado tinha um significado mais profundo que as atribuições⁴, muitas vezes, tolas que tínhamos imaginado.

O que acontecia na cidade de Ponta Grossa nesse momento (mês de novembro do ano de 2009) era uma procura muito grande, por parte de estudantes e pesquisadores pelo Movimento *Hip-Hop*, e, os seus integrantes estavam cansados de pessoas querendo saber informações das mais diversas possíveis para suas pesquisas, então:

“Pô” não dá. Sabe o que que é? É assim muita gente vem aqui pesquisa, pergunta, tira foto, e isso não volta pra gente, não tem retorno nenhum para o movimento. Não é que eu esteja falando de dinheiro ou coisa do tipo, é mais um retorno pra gente saber o que a pesquisa ou aquela troca de idéia representou, ou o que aconteceu (INTEGRANTE GUÉG DO GRUPO PONTA RAP).

Essa fala significou para essa pesquisa três coisas. A primeira reforçar o compromisso ético do pesquisador em manter seus sujeitos atualizados sobre o processo de pesquisa e também apresentar as conclusões do estudo.

A segunda, respeitar o sujeito em suas decisões mesmo que elas signifiquem que o pesquisador terá de traçar outras estratégias para compreender o fenômeno que estuda.

E a terceira um alívio, pois o contato posterior e os diálogos ajudaram a esclarecer questões sobre a própria pesquisa, o contexto geral dela, e os propósitos do pesquisador. Assim, por decisão dos próprios integrantes do Movimento, passaram a fazer parte dessa trajetória.

³ *B-Boys* são os indivíduos que dançam *break*, e o *break* é um estilo de dança que compõem os quatro elementos do *Hip-Hop*.

⁴ Essas atribuições dizem respeito aos pensamentos que tivemos sobre a resposta dos integrantes. Pensamos que eles optaram em não participar dessa pesquisa por questões pessoais e não pelo motivo real, apresentado aqui no decorrer desse texto.

É assim, você pode ir lá em casa que eu te mostro tudo que eu tenho do movimento Hip-Hop, documentos, falo sobre os grupos de rap e os B-Boys. Eu acredito que é importante estudar sobre o movimento Hip-Hop, porque é uma forma de difundir a cultura e mostrar que a gente existe (INTEGRANTE GUÉG).

A partir de então, começamos a “entrar” no Movimento as primeiras inquietações foram surgindo nesse caminho: a escolha das teorias para a análise de um gesto, de uma palavra, de uma rima, uma expressão, uma lágrima e o reconhecimento da existência do empirismo nas relações sociais como fonte de análise concreta do real, capaz de subsidiar discussões científicas.

Assim, depois de revisões de literatura em busca de fontes para subsidiar essa pesquisa, o estudo sobre Representações Sociais surgiu como uma possibilidade concreta para a compreensão da realidade vivenciada, pois é a partir da compreensão desse conceito que trabalhamos as representações dos integrantes do Movimento, delimitando o que se pretende compreender.

Mas uma pesquisa não está delimitada somente quando o método é escolhido, é preciso selecionar as técnicas de coletas de dados.

Quando a pesquisa é qualitativa as técnicas de coletas de dados são bastante diversificadas, porém o objeto de estudo serve de guia para a construção tanto da metodologia como também posteriormente na estratégia adotada para a análise dos dados empíricos.

Definimos realizar uma pesquisa exploratória na busca de elementos teóricos que nos propiciariam melhor compreender o tema e também, empíricos para continuar o estudo, uma vez que o primeiro contato com os sujeitos e com o Movimento *Hip-Hop* em Ponta Grossa demonstrou que não se pode determinar a metodologia, as técnicas e simplesmente aplica-las, mas que o contexto, a dinâmica da realidade demonstram o continuo refazer e re-pensar estratégias de compreensão da realidade.

Nesse sentido Lakatos et. al. afirma que a pesquisa exploratória (1996, p. 77) [...] “tem como objetivos, desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, [...] modificar e clarificar conceitos”, ou seja, enriquecer a pesquisa à medida que permite uma breve contextualização e compreensão do fenômeno estudado.

Na pesquisa exploratória, após a construção de elementos teóricos, fomos a dois eventos com intuito de nos familiarizar com o Movimento *Hip-Hop*. Na foto

abaixo podemos ver a pesquisadora e um apreciador do Movimento, na segunda foto os meninos se apresentando na Praça do Prado no bairro da Ronda em Ponta Grossa:



Foto 1: Pesquisadora e apreciador observando as atividades.



Foto 2 : integrantes do Movimento *Hip-Hop* se apresentando.

Depois desses primeiros contados e aprofundamentos teóricos a técnica da observação participante foi definida como ferramenta para conhecer e compreender mais profundamente o universo *Hip-Hop*, portanto o contato com o Movimento *Hip-Hop* utilizando a observação participante foi essencial para a compreensão do conjunto de atividades que os integrantes se envolviam: Bailes, encontros de

grafiteiros⁵, de *rappers*⁶, de *free* estaleiros⁷, *DJs*⁸ e dançarinos de *Break*⁹, apresentações, manifestações artísticas.

Segundo Rizzini (1999, p.70-71) na observação participante:

O pesquisador observa e participa do contexto histórico sócio cultural de um grupo ou comunidade. O simples fato de andar pela comunidade poderá proporcionar dados que não se obteriam de outra forma, e que contribuem para a compreensão do cotidiano de uma comunidade ou grupo. [...] Uma observação cuidadosa dos fatos proporciona dados não verbais relacionados com o tema de estudo [...] ajudam a situar práticas em seu contexto cultural, de forma a se tornarem compreensíveis, proporcionando, assim, capacidade para futuras intervenções no âmbito da pesquisa.

A busca constante de informações sobre eventos, reuniões dos integrantes e participações em shows acabavam por nos deixar perto do Movimento e perto dos seus integrantes.

Esses foram os primeiros passos para romper com preconceitos do pesquisador em relação ao estilo musical *Rap* e em relação aos “manos e minas”¹⁰ que curtem o estilo *Hip-Hop*. Ao lançar um novo olhar para o *Hip-Hop*, surgiram as primeiras aprendizagens e depois a longa caminhada com muitas surpresas e descobertas de ritmos, sons, gestos, gírias e muitas emoções. Essa ruptura segundo Quivy e Campenhoudt (1992, p. 6) “[...] consiste precisamente em romper com falsas evidências, que somente nos dão a ilusão de compreendermos as coisas”, portanto a busca do conhecimento e o aprofundamento teórico contribui para iluminar nosso caminho como pesquisadores e também como seres humanos.

Esse estilo de “viver a vida” dos integrantes do Movimento possui características especiais, como por exemplo, o modo de falar, de vestir e os gestos. Para a técnica de observação participante permitir informações e compreensão

⁵ Grafiteiros são indivíduos que por meio do grafitti (pintura ou desenho feito geralmente com spray) expressam sentimentos, reivindicam melhores condições de vida, e também se comunicam com a sociedade.

⁶ *Rappers* são cantores de *Rap* que é um estilo musical que compõem os quatro elementos do *Hip-Hop*.

⁷ *Free estaleiros* são indivíduos que cantam e rimam no freestyle (estilo livre) que é um estilo musical.

⁸ *DJs* (disc jockey) são artistas profissionais que selecionam músicas previamente gravadas e as tocam para um determinado público alvo, utilizando instrumentos que possibilitam realizar efeitos nas músicas.

⁹ *Break* é um estilo de dança que compõe um dos quatro elementos do *Hip-Hop*.

¹⁰ Os termos que aparecem em itálico e entre aspas são termos geralmente utilizados pelos integrantes do Movimento Hip-Hop. “*Manos*” significa menino, rapaz ou homem (gênero masculino), e “*mina*” significa menina, moça ou mulher (gênero feminino).

sobre o que se pretende estudar o observador deve [...] “adquirir algumas habilidades e competências, tais como¹¹”:

[...] “ser capaz de estabelecer uma relação de confiança com os sujeitos” [...] (Id), no contexto desse estudo, procuramos dialogar sobre a pesquisa, informando aos nossos sujeitos os objetivos, o contexto e as aspirações. Mas também entendê-los como indivíduos únicos na sociedade;

[...] “ter sensibilidade para pessoas” [...] (Id), procuramos escutar e observar com muita atenção sendo [...] “um bom ouvinte” [...] (Id);

[...] “ter familiaridade com as questões investigadas” [...] (Id), como o contexto em que os sujeitos estão envolvidos é o Movimento *Hip-Hop* procuramos saber questões sobre o próprio Movimento, seus elementos e sua história, tendo a [...] “preparação teórica sobre o objeto de estudo ou situação que será observada” [...] (Id);

[...] “ter flexibilidade para se adaptar a situações inesperadas” [...] (Id), como ocorrido no primeiro encontro com os dançarinos de *Break*, para assim [...] “não ter pressa de adquirir padrões ou atribuir significado aos fenômenos observados [...] (Id);

[...] “elaborar um plano sistemático e padronizado para observação e registro dos dados” [...] (Id), quando estávamos em algum evento ou encontro buscávamos anotar, prestar atenção para depois fazer uma síntese das informações. Sabemos que a realidade é um processo que esta em constante modificação e que os indivíduos que pertencem a essa processo também. Portanto não basta somente sistematizar e padronizar observações e registros pois há situações em que isso fica muito aquém da realidade.

E nesse sentido também [...] “ter habilidade em aplicar instrumentos adequados para a coleta e apreensão dos dados. Então procuramos coletar os dados, observar a realidade, conhecer e entrevistar os integrantes do Movimento da melhor forma possível, para após [...] “relacionar os conceitos e teorias científicas aos dados coletados (Id)”.

E foi por meio desses exercícios de habilidade e competências descritos na citação acima que descobrimos que há inúmeras pessoas que fazem parte do

¹¹ QUEIRÓZ. D. T. et al. Observação Participante na Pesquisa Qualitativa: Conceitos e Aplicações na Área Da Saúde, 2007. Disponível em <http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf> Acesso em 03 ago 2010.

Movimento *Hip-Hop* sejam elas *Djs*, dançarinos de *Break*, grafiteiros, *MCs*¹², comerciantes de produtos como roupas e acessórios do estilo *Hip-Hop*.

Quem entrevistar? Como definir os depoentes para a pesquisa? Quem pode representar um grupo? Quem pode representar o Movimento? Foram as dúvidas que surgiram quando se observou a dinâmica das relações e delas começa a se fazer parte.

O Movimento *Hip-Hop* PG é representado por inúmeros grupos de *rap*, grafiteiros, *Djs* e dançarinos de *Break*, são em torno de cem pessoas diretamente ligadas ao Movimento que poderiam fazer parte desse estudo.

Como a formação dos grupos de *Rap* atuais sofreram a influência de outro grupo de *Rap* (o Grupo Ponta Rap), que já tem uma década de história dentro do Movimento¹³, a delimitação dos participantes dessa pesquisa foi traçada em dois caminhos.

O primeiro, por meio do contato com o Grupo Ponta Rap objetivou verificar quais eram os integrantes do Movimento e o segundo era identificar quantos integrantes do Movimento participavam ativamente das reuniões, apresentações e projetos desenvolvidos, com intuito de visualizar a construção e formação do Movimento.

Diante disso ocorreram cerca de vinte e cinco encontros com esses integrantes no período de novembro de 2009 a fevereiro de 2011 em eventos e festividades, ou contatos individuais com alguns integrantes, buscando observar como esses grupos se articulavam com os outros grupos e com os outros participantes. Tínhamos a preocupação em observar como os locais das reuniões eram escolhidos, quais critérios para estabelecer as datas e como se dava o apoio de órgãos públicos e privados da cidade patrocinando tais encontros, para ter noção das articulações realizadas pelo Movimento.

Assim, critérios foram estabelecidos para definir os sujeitos dessa pesquisa. São eles:

- Fazer parte do Movimento *Hip-Hop* em Ponta Grossa;
- Desenvolver algum tipo de atividade relacionada ao Movimento;
- Ser reconhecido pelos outros integrantes do Movimento;

¹² *MCs* (Mestre de cerimônia) são os indivíduos que animam as festas, e também que cantam, fazem rimas ou passam algum recado aos demais ouvintes.

¹³ A relação entre esses grupos e a dinâmica dessas relações serão exploradas mais adiante.

- Demonstrar interesse em participar da pesquisa.

Fazer parte do Movimento é um critério essencial assim como desenvolver alguma atividade relacionada a ele. Ser reconhecido pelos integrantes foi uma escolha que demonstrou quais as pessoas que mais aparecem dentro do Movimento e que conseqüentemente mais se dedicam a ele. Quando a “*troca de idéias*” entre pesquisador e os integrantes do Movimento *Hip-Hop* PG aconteciam alguns nomes eram constantemente citados pela maioria dos integrantes, então um critério determinou outro.

Se o integrante do Movimento demonstrasse interesse em participar da pesquisa o contato era feito para explicar questões sobre o estudo, e, definir o dia e a hora do encontro para a entrevista. O número de depoentes para essa pesquisa ficou entre dez a vinte integrantes, pois não podíamos entrevistar poucos integrantes devido ao critério de ser reconhecido pelos demais integrantes do Movimento e não podemos entrevistar todos devido ao critério de demonstrar interesse em participar dessa pesquisa.

Na imagem a seguir temos um exemplo desses primeiros contatos feitos com os integrantes para conhecê-los¹⁴:



Imagem 1: Primeiro contato feito com o integrante Jackson para conhecê-lo.

¹⁴ A utilização dessa ferramenta virtual será explicada adiante.

Os contatos com os integrantes estavam sendo feitos e a escolha da técnica para coletar os dados foi a entrevista semiestruturada pois é um dos instrumentos que permite interatividade entre pesquisador e sujeitos da pesquisa.

A entrevista segundo Gil (1999, p. 117) é “[...] a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção de dados que interessam a investigação”. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social, e a partir dessa interação é que buscamos subsídios para as análises e interpretações da realidade. Sendo assim as perguntas devem ser elaboradas com cautela, para que possamos ser bem compreendidos na pergunta.

A primeira entrevista semiestruturada foi realizada com o Grupo Ponta Rap e os integrantes estavam juntos, mas o que ocorreu foi que somente um integrante respondia as questões, enquanto os outros aguardavam em silêncio. Sabemos que o silêncio também revela sentidos e percepções de vida, porém o que acontecia era que somente um integrante falava e os outros olhavam atentos e se manifestavam com gestos favoráveis as respostas.

As entrevistas semiestruturadas realizadas em grupo revelaram a situação em que somente um indivíduo respondia, neste contexto, perdia-se um pouco do que cada integrante achava sobre as perguntas, ou seja a experiência de cada um no grupo ficava atrelada a resposta de um participante. Assim, optamos por entrevistas individuais, pois a necessidade de compreensão do discurso é muito importante no contexto da pesquisa, saber como cada integrante sentiu e vivenciou o surgimento do seu grupo, como ele, integrante, compreende o Movimento *Hip-Hop*, entende os elementos do *Hip-Hop* e assim por diante.

Na relação pesquisador e entrevistado já existe um certo grau de tensão no diálogo, que pode influenciar o entrevistado a não divulgar muito sobre o que se discute. Essa mesma situação na presença de seu grupo revelou ser mais intimidador ainda.

Um dos cuidados a se tomar num trabalho acadêmico seria não correr o risco de realizar generalizações. Cada grupo é um grupo e nem todos os integrantes poderiam se comportar como os integrantes do primeiro grupo a participar da entrevista.

A construção do conhecimento a partir de discursos do senso comum requer entender aspectos do conteúdo histórico, do contexto social e a realidade em que

esses sujeitos estão inseridos. Portanto ao formular as perguntas essas dimensões acerca do Movimento *Hip-Hop* em geral foram estudadas.

Isso porque as representações sociais do Movimento *Hip-Hop* para os integrantes são representações sociais construídas ao longo de suas vivências. E a importância de se conhecer aspectos do contexto geral e específico da realidade dos integrantes do Movimento contribui adiante na interpretação e análise dos dados coletados.

Como as perguntas levam em consideração a história de cada integrante no Movimento *Hip-Hop* não poderíamos realizar questionários e nem entrevistas fechadas, pois a experiência de vida e as representações sociais fogem a simples respostas de sim e/ou não. Por isso a técnica de entrevistas semiestruturadas foi escolhida para que proporcionasse ao entrevistado mais abertura e tranquilidade nas respostas, e ao entrevistador uma direção para que não se perca os objetivos.

Segundo Triviños (1987) na entrevista semiestruturada o informante tem a possibilidade de discorrer sobre suas experiências, a partir do foco principal proposto pelo pesquisador; e ao mesmo tempo em que permite respostas livres e espontâneas.

Mas quais seriam as indagações feitas para os integrantes para conseguir respostas que nos ajudassem a entender o fenômeno estudado?

Como dissemos acima procuramos definir as perguntas com base na experiência e na prática dos sujeitos dentro do Movimento, buscando nesse roteiro algumas respostas. Contudo, outras perguntas fora desse roteiro que fossem julgadas necessárias nas entrevistas também poderiam ocorrer.

O roteiro das entrevistas semiestruturadas seguiu essas questões:

- **Qual foi o primeiro contato com o *Hip-Hop*?**
- **Você acha que é um integrante do Movimento *Hip-Hop* em PG?**
- **O que o Movimento *Hip-Hop* representa para você, na sua vida?**
- **Quais as atividades desenvolvidas dentro do *Hip-Hop* em geral?**
- **Vivenciando essas atividades como *rapper/DJ/Boy* e/ou grafiteiro, você acha que elas podem ser atividades de lazer? Em que sentido?**
- **Em quais espaços o lazer e/ou as atividades são ou podem ser desenvolvidas pelo grupo e pelo Movimento?**
- **Fale um pouco sobre periferia e centro?**

Com essas perguntas buscamos perceber como o depoente vivencia o Movimento, como ele conheceu o *Hip-Hop* e se identificou com ele, trazendo assim dados empíricos sobre a vida do integrante e da dinâmica da construção do pensamento sobre o *Hip-Hop*, para construir um referencial teórico sobre o *Hip-Hop* também pautado nas falas dos integrantes e não somente em leituras de livros, dissertações, teses e artigos sobre o Movimento.

A pergunta sobre lazer possibilita ao pesquisador saber se as atividades são consideradas pelos integrantes como de lazer ou não, e, em que sentido essas atividades são de lazer.

A última pergunta surgiu quando observamos que o Movimento *Hip-Hop* PG apresenta contradições sobre a relação entre os integrantes do Movimento que moram na periferia e os que moram no centro de Ponta Grossa-Pr. Talvez essa questão apareça, num primeiro momento, separada do contexto da pesquisa. Mas como temos objetivo de compreender também o Movimento *Hip-Hop* explicar essa questão por meio das falas dos sujeitos se torna importante.

A partir da sistematização da metodologia de coleta de dados, partimos para a parte empírica da pesquisa. Para marcar o dia e a hora que a entrevista ocorreria utilizamos ferramentas virtuais, como por exemplo, redes sociais como o Orkut¹⁵, Facebook¹⁶ e Messenger¹⁷. Todas as entrevistas semi-estruturadas foram marcadas utilizando essas ferramentas disponíveis on-line.

O contato pessoal do pesquisador com os integrantes do Movimento, para realizar as entrevistas semi-estruturadas individuais, foi privilegiado, pois há certos gestos, falas e emoções que somente podem ser percebidas no contato pessoal.

Na imagem dois podemos observar uma conversa entre pesquisador e integrantes do Movimento marcando as entrevistas com a utilização da ferramenta virtual Orkut:

¹⁵Segundo o site oficial do orkut o “orkut é uma comunidade on-line criada para tornar a sua vida social e a de seus amigos mais ativa e estimulante. A rede social do orkut pode ajudá-lo a manter contato com seus amigos atuais por meio de fotos e mensagens, e a conhecer mais pessoas”. Disponível em <http://www.orkut.com.br> Acesso em 06 11 2010

¹⁶ Segundo o site oficial do Facebook ele é uma ferramenta virtual que tem que tem a missão de levar as pessoas uma maneira de se conectar com outras pessoas do mundo. Disponível em www.facebook.com.br Acesso em 06 11 2010

¹⁷ Segundo o site o messenger “é um programa que permite conversar on-line e em tempo real, com a família, amigos e colegas”. Disponível em www.msn.com.br Acesso em 06 11 2010.



Imagem 2: Os primeiros contatos para marcar entrevistas, depois que conhecemos os integrantes e que eles aceitavam participar da pesquisa.

É importante escolher com cautela e rigor as técnicas para a coleta dos dados, pois eles são fundamentais para que a pesquisa alcance seus objetivos, e mais do que isso que os participantes sintam-se respeitados em suas visões de mundo, vivencias e interpretações da realidade.

Nem sempre trabalhos de pesquisas concluídos apresentam dados empíricos articulados ou explicados por um referencial teórico. Muitas vezes os dados empíricos são usados com significações distorcidas.

Nesse sentido a escolha dos procedimentos de análise se tornam importantes para que os dados sejam tratados e trabalhados com atenção e revelem o máximo de informações possíveis quando relacionado com referencial teórico.

Sob a luz da hermenêutica a análise dos depoimentos contribuem significativamente para a compreensão da realidade estudada, por isso escolhemos utilizar essa metodologia.

Em Minayo¹⁸ vemos o a hermenêutica ligada à dialética, contudo para esse trabalho privilegiamos somente a hermenêutica por entender que as categorias presentes na lógica da dialética (contradição, dissenso etc) não necessariamente nos ajudam a entender nosso objeto de estudo.

A hermenêutica segundo a autora se move entre os seguintes termos:

¹⁸ MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Hermenêutica-Dialética como Caminho do Pensamento Social**. Disponível em <http://www.nesp.unb.br/utics/aexperiencia.pdf> Acesso em 01/09/10.

Compreensão como a categoria metodológica mais potente no movimento e na atitude de investigação; liberdade, necessidade, força, consciência histórica, todo e partes, como categorias filosóficas fundantes; e, significado, símbolo, intencionalidade e empatia como balizas do pensamento (MINAYO, [200-] p. 1).

Ou seja, possibilita ao pesquisador compreender a dinâmica das relações sociais por meio da linguagem, construindo uma reflexão da experiência humana de mundo e ampliando o olhar sobre a realidade investigada.

Voltando ao entendimento apresentado no início desse capítulo sobre a teia de relações sociais explicada em Elias, podemos ver uma relação com a hermenêutica.

Segundo Elias os indivíduos são seres sociais que se relacionam com outros indivíduos formando uma rede interdependência, que estabelece configurações. Sendo assim, podemos afirmar que há um modo pelo qual nós nos comunicamos. Segundo Elias a linguagem, a fala é um ajustamento social necessário para o ser humano e:

[...] o que decide qual língua será gradualmente depositada no aparelho de linguagem do indivíduo é a sociedade em que ele cresce. E os hábitos sociais de fala, o estilo mais ou menos individual de discurso que o indivíduo pode ter quando adulto, são uma diferenciação do interior do meio lingüístico em que ele cresce. São uma função da sua história individual dentro de sua sociedade e da história desta (ELIAS, 1994, p. 40).

A relação que se apresenta com a hermenêutica é justamente a linguagem. A interpretação da realidade por meio da linguagem caracteriza a hermenêutica. E na citação acima temos bases para afirmar que a análise dos dados por meio da hermenêutica nos proporciona compreender mais profundamente hábitos, vivências, pois ela (a linguagem) pode anunciar traços desse estilo mais ou menos individual de discurso e da história dos indivíduos em determinada sociedade.

Aproximando ao nosso objeto de estudo onde o empírico traz sujeitos que integram o Movimento *Hip-Hop* e trazem consigo uma linguagem peculiar ao Movimento, observamos justamente essa característica marcada pela história individual e também pelo contexto do qual eles fazem parte.

E a interpretação das entrevistas nessa lógica somadas aos dados obtidos por meio das observações e as constantes aproximações com os integrantes contribuíram para o desenvolvimento desse estudo.

A sistematização de todos os dados coletados foi realizada a partir das transcrições das entrevistas, leituras de documentos, anotações das observações realizadas e síntese geral desses elementos.

O momento onde se estabeleceu a articulação das análises com o referencial teórico construído constituiu a base para as respostas das inquietações e dos objetivos propostos por essa pesquisa, e, mais do que isso, para a compreensão da realidade complexa e dinâmica onde o prazer de relacionar com indivíduos únicos em sua maneira de pensar e agir, tornou-se uma experiência única.

2. CAPÍTULO 2

2.1. PARTE 1 – Representações Sociais

Esse capítulo apresenta uma discussão a cerca das representações sociais e também sobre a teoria das representações sociais com intuito de nos aproximarmos de bases teóricas para compreensão do objeto em estudo.

Iniciamos essa caminhada demonstrando que a partir do estudo sobre representações sociais podemos apontar caminhos para compreender as relações humanas.

Os elementos que constituem o *Hip-Hop* e que dão “cara” a esse Movimento são diversificados, além do *Break*, há o *DJ*, o *Rap* e o *Graffiti*¹⁹, e “entrar” nesse universo, nessa cultura tão peculiar muitas vezes tão diferente da cultura que vivenciamos propicia a escolha de uma base teórica que venha a sustentar ou ao menos facilitar a compreensão desse universo.

Sabemos que no âmbito das Ciências Sociais existem vários conceitos e teorias que permitem compreender as relações sociais e as significações sobre a realidade.

A partir da metodologia construída no primeiro capítulo onde definimos estratégias e ferramentas, pretendemos nesse segundo capítulo: parte um, refletir sobre o que são representações sociais estabelecendo uma síntese teórica sobre as concepções de autores como Durkheim, Moscovici, Minayo e Jodelet, para que posteriormente tenhamos condições teórico-metodológicas para coletar e interpretar os dados empíricos dessa pesquisa.

2.1.2. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: O conceito de representações coletivas em Durkheim e o enfoque da Psicologia Social em Moscovici

Iniciamos esse item apresentando uma reflexão sobre representações coletivas, baseadas no pensamento do sociólogo Émile Durkheim, pois foi esse autor que iniciou os estudos sobre representações, e, como o conceito de representações sociais de alguma forma teve suas “bases” no conceito de

¹⁹ Esses quatro elementos serão detalhados no terceiro capítulo.

representações coletivas, torna esse contexto Durkheimiano necessário nessa reflexão.

Quando realizamos a leitura em Moscovici (2009) visualizamos a indicação do mesmo para que fosse feita a leitura de Durkheim, pois com essas leituras poder-se-ia compreender melhor o que Moscovici propõe. Destarte, temos a intenção de utilizá-lo como base para aprofundar a presente pesquisa nos conceitos dados por Moscovici. Ou seja, sobre representações sociais.

Por isso, posteriormente o conceito passa a ser trabalhado na perspectiva da psicologia social sendo nessa área do conhecimento que o conceito é aprofundado e se torna base para a escolha das categorias que norteiam a análise nessa pesquisa.

A análise teórica da realidade tem suas bases em conceitos construídos, os quais vão determinando o conteúdo de uma teoria; esses conceitos são entendidos como um caminho para ordenar o real e também um caminho de criação, pois ao observar os fatos e as relações os conceitos vão surgindo (MINAYO, 2002).

Por isso, na tentativa da compreensão do conceito de representação social as dimensões históricas e ideológicas de sua elaboração vão sendo recuperadas. O Sociólogo Émile Durkheim elaborou algumas considerações sobre representações, sendo considerado um dos primeiros autores a trabalhar esse conceito.

Considerado por Moscovici o ancestral ambíguo das representações sociais²⁰, Durkheim ao analisar as questões da sociedade, como a moral, pensou que as idéias retidas na memória e os fenômenos de lembranças não eram somente explicados por meio dos aspectos psicofisiológicos de cada indivíduo, mas que estavam relacionados com uma espécie de “memória coletiva”, pois ao experimentar uma sensação o indivíduo relacionaria imediatamente com outras representações, construindo assim novas representações (DURKHEIM, 1970).

Contudo, para compreender o pensamento do autor é necessário compreender questões sobre a sociedade e sobre o que Durkheim chamou de fato social.

Segundo o autor o homem seria apenas um animal selvagem que só se tornou Humano porque conseguiu se socializar, ou seja, foi capaz de aprender hábitos e costumes, peculiares ao seu grupo social, para poder conviver no meio

²⁰ Segundo Moscovici (2009) essa ambigüidade estaria em separar o que era defendido por Durkheim do que seria o real objeto das Ciências Sociais. Ou seja, em Durkheim as Representações Coletivas não sofriam quaisquer intervenções individuais e, em Moscovici as Representações são formas de expressão individual e social. Por isso o termo adotado por Moscovici é o social, ao invés do coletivo.

deste. Esse processo de aprendizagem Durkheim chamou de “Socialização” e disse que a nossa consciência coletiva seria formada durante essa socialização sendo composta por tudo aquilo que habita nossas mentes e que serve para nos orientar como devemos ser, sentir e nos comportar.

E esse “tudo” ele chamou de “Fatos Sociais”, que seriam os verdadeiros objetos de estudo da Sociologia. Segundo Emile Durkheim (1999) a sociedade não é mera soma de indivíduos, ao contrário, o sistema formado por sua associação representa uma realidade específica que tem suas próprias características, e, o modo como o homem age está sempre condicionado pela sociedade, logo a sociedade é que explica o indivíduo .

Esses fenômenos que se apresentam no interior da sociedade e que apresentam alguma forma de organização são fatos sociais. O autor ainda define fatos sociais como coisas, dizendo que, “[...] as coisas sociais só se realizam através dos homens; elas são um produto da atividade humana” (DURKHEIM, 1999, p. 18).

Assim,

É preciso portanto considerar os fenômenos sociais em si mesmos, separados dos sujeitos conscientes que os concebem; é preciso estudá-los de fora, como coisas exteriores, pois é nessa qualidade que eles se apresentam a nós (DURKHEIM, 1999, p. 28).

Então, considerar os fatos sociais como “coisas” pressupõe eliminar completamente a influência dos fatos subjetivos e individuais, dessa maneira a imparcialidade e a neutralidade necessária para estudá-los estaria garantida. Entretanto nós não acreditamos nessa eliminação completa de influências individuais, pois sabemos que a neutralidade e imparcialidade não são alcançadas no processo. Entendemos que a subjetividade e a individualidade não necessariamente comprometem o processo de compreensão dos fenômenos.

Além disso, Durkheim (1999) afirmou que os fatos sociais possuem três características: a Coercitividade, Exterioridade e a Generalidade. A coercitividade está relacionada com a força dos padrões culturais do grupo que os indivíduos integram e esses padrões culturais são fortes que de alguma maneira obrigam os indivíduos a cumpri-los:

Certamente, fazemos da coerção a característica de todo fato social. Só que essa coerção não resulta de uma maquinaria mais ou menos engenhosa,

destinada a mascarar aos homens as armadilhas nas quais eles próprios se pegaram. Ela simplesmente se deve ao fato de o homem estar em presença de uma força que o domina e diante da qual se curva; mas essa força é natural. Ela não deriva de um arranjo convencional que a vontade humana acrescentou completamente ao real; ela provém das entranhas mesmas da realidade; é o produto necessário de causas dadas. Assim, para fazer o indivíduo submeter-se a ela de boa vontade não é preciso recorrer a nenhum artifício; basta fazê-lo tomar consciência de seu estado de dependência e de inferioridade naturais - quer ele faça disso uma representação sensível e simbólica pela religião, quer chegue a formar uma noção adequada e definida pela ciência. Como a superioridade que a sociedade tem sobre ele não é simplesmente física, mas intelectual e moral, ela nada tem a temer do livre exame, contanto que deste se faça um justo emprego. A reflexão, fazendo o homem compreender o quanto o ser social é mais rico, mais complexo e mais duradouro que o ser individual, não pode deixar de revelar-lhe as razões inteligíveis da subordinação que dele é exigida e dos sentimentos de apego e de respeito que o hábito fixou em seu coração (DURKHEIM, 1999, 124).

Ou seja, a força que os fatos exercem sobre os indivíduos os levam, de alguma maneira, a se conformar com as regras da sociedade em que vivem independentemente de sua vontade e/ou escolha. Essa força pode ser observada quando um indivíduo desenvolve ou aprende um idioma, por exemplo, ou também quando esse indivíduo é educado se submetendo a um determinado tipo de estrutura familiar, ou, quando está subordinado a certo código de leis ou regras morais.

“De fato, a coerção é fácil de constatar quando se traduz exteriormente por alguma reação direta da sociedade, como é o caso em relação ao direito, à moral, às crenças, aos costumes, inclusive às modas” (DURKHEIM, 1999, p.10).

Outro atributo do fato social é a Exterioridade. Está característica transmite aos fatos que os padrões de cultura são exteriores aos indivíduos, ou seja, vem do exterior e são independentes das suas consciências: “É preciso portanto considerar os fenômenos sociais em si mesmos, separados dos sujeitos conscientes que os concebem; é preciso estudá-los de fora, como coisas exteriores, pois é nessa qualidade que eles se apresentam a nós (DURKHEIM, 1999, p. 28).

Por sua vez, a Generalidade apresenta-se como outra característica, onde, os fatos sociais existem não para um indivíduo específico, mas para a coletividade, ou seja, se manifestam através da natureza coletiva ou um estado comum ao grupo. É social todo fato que é geral.

Por exemplo:

O crime não se observa apenas na maior parte das sociedades desta ou daquela espécie, mas em todas as sociedades de todos os tipos. Não há

nenhuma onde não exista uma criminalidade. [...] Em primeiro lugar, o crime é normal porque uma sociedade que dele estivesse isenta seria inteiramente impossível. O crime, conforme mostramos alhures, consiste num ato que ofende certos sentimentos coletivos dotados de uma energia e de uma clareza particulares (DURKHEIM, 2003, p. 82).

Esse fenômeno (o crime) exprime um sentimento coletivo dotado de uma forma de agir individual:

A consciência moral da sociedade se manifestaria por inteiro em todos os indivíduos e com uma vitalidade suficiente para impedir todo ato que a ofendesse, tanto as faltas puramente morais como os crimes. Mas uma uniformidade tão universal e tão absoluta é radicalmente impossível; pois o meio físico imediato no qual cada um de nós se encontra, os antecedentes hereditários, as influências sociais de que dependemos variam de um indivíduo a outro e, por conseguinte, diversificam as consciências²¹

O autor acreditava que o pensamento coletivo teria o poder de nivelar as diferenças conservando as verdades passadas de geração por geração, estruturando a sociedade. Já a autonomia individual seria a atitude de aceitar tais verdades e regras preocupando-se em preservar a ordem sem questionar o modelo de sociedade vigente (DURKHEIM, 1970), por isso que:

Para que, numa sociedade dada, os atos reputados criminosos pudessem deixar de ser cometidos, seria preciso que os sentimentos que eles ferem se verificassem em todas as consciências individuais sem exceção e com o grau de força necessário para conter os sentimentos contrários. Ora, supondo que essa condição pudesse efetivamente ser realizada, nem por isso o crime desapareceria, ele simplesmente mudaria de forma; pois a causa mesma que esgotaria assim as fontes criminalidade abriria imediatamente novas (DURKHEIM, 1999, p. 68).

Essas formas de agir e de pensar seriam acionadas e realimentadas pelos indivíduos durante as “trocas sociais” possibilitando recursos para manter as relações na sociedade. Segundo Durkheim essas representações (memória coletiva) homogeneizariam os indivíduos, de forma que esses indivíduos estariam ligados a

²¹ DURKHEIM, Emile. As regras do Jogo sociológico disponível em http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:64q07htcuYcJ:gesem.com.br/Durkheim%2520-%2520As%2520regras%2520do%2520metodo%2520sociologico.pdf+A+consci%C3%AAncia+moral+da+sociedade+se+manifestaria+por+inteiro+em+todos+os+indiv%C3%ADduos+e+com+uma+vitalidade+suficiente+para+impedir+tudo+ato+que+a+ofendesse,+tanto+as+faltas+puramente+morais+como+os+crimes.+Mas+uma+uniformidade&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESgjoT58d_aLSvZU5y4f4SqAv48-EGUuvceVAoCujuoszatp53R_YYNbapmwTeo_DoovTyikkGBrOYzhhbQYf_eqK4yuC6hiBcnjnHsjdoVHgggLUZSJbV-95f9SbfMqQJ-tOug&sig=AHIEtbS83uYtDBuSzsEkS5vqiKy_VkuReg Acesso em 02 01 2011.

síntese da memória coletiva, por isso o poder de coerção tão argumentado e criticado por autores que vieram a discutir posteriormente Representações Sociais.

Vejamos que as formulações teóricas e explicações sobre a realidade são históricas, limitadas e superáveis, sendo assim, o ser humano é capaz de simbolizar e criar representações traduzindo uma consciência infinita e cheia de possibilidades relativas, e, o fruto dessa capacidade humana resulta na revelação das identidades transitórias construídas socialmente. É por isso que somos processos e que a realidade vivida muda constantemente.

Isso significa dizer que na perspectiva de Durkheim, as representações coletivas eram marcadas por um pacto por parte dos indivíduos para compartilhar questões que permeiam a realidade. Na época em que o autor trabalhava esses conceitos (1890-1905) acabou trazendo muitos avanços teóricos na área da sociologia reconhecidos até hoje, contudo, hoje é possível aceitar a idéia de que as representações coletivas que são criadas e re-produzidas também podem ser esquecidas e outras representações coletivas passam a ser produzidas, e que nem sempre se apresentam com esse poder coercitivo que Durkheim afirmava existir.

Primeiramente é Durkheim (1898) que atribui ao conceito de representações coletivas como sendo uma categoria, um conceito produzido coletivamente que formaria uma espécie de bagagem cultural de uma sociedade. Uma vez construídas, as individualidades não seriam apenas formas e expressões dessas representações coletivas.

O que importa ressaltar nesse momento é que uma das características que diferencia o conceito de representação coletiva das representações sociais de Moscovici (1989) é que de acordo com Durkheim as representações coletivas são concebidas como formas de consciência impostas pela sociedade no modo de pensar dos indivíduos. Durkheim está falando sobre valores, o bem e o mal, a solidariedade, a moral, a coerção que caracterizavam a sociedade dentro do contexto histórico de cada momento. E ao contrário, em Moscovici as representações são geradas pelos sujeitos inseridos na sociedade, mas esses valores mudam, assim como o contexto histórico, então não podemos aproximar os dois autores como se estivessem falando sobre os mesmos valores e características da sociedade.

Embora a terminologia utilizada pelos dois autores nos leve a pensar que há uma correlação histórica e que o autor Moscovici somente tenha optado em utilizar

social ao invés de coletivo, isso não ocorre, pois a força coercitiva atribuída ao coletivo de Durkheim é criticada por Moscovici quando ele constata que não se deve subestimar a autonomia do presente e a construção da realidade feita por cada membro da sociedade, uma vez que, cada indivíduo constrói o real e de alguma maneira contribui para a construção da realidade social em que vive.

E é nesse aspecto de Moscovici que pensamos o indivíduo nessa pesquisa, como sujeito que de alguma forma constrói a realidade e tem autonomia para construí-la.

Nesse sentido, autores contemporâneos trazem novas perspectivas sobre representações, pois há um novo contexto histórico e social, que se apresenta diferente do contexto histórico e social vivido por Durkheim. Hoje as representações são entendidas como representações sociais onde a consciência individual também contribui com criação/reprodução dessas representações e também as influencia.

Apesar de Durkheim ter demonstrado que representações (representações coletivas, termo adotado pelo autor) existiram, ele pensou que elas eram forças que regiam a sociedade para compreender as relações estabelecidas nessa sociedade.

Contudo é a partir desse conceito criado por Durkheim que Moscovici desenvolve os seus estudos sobre representações sociais.

O conceito de representação social explica um fenômeno na sociedade e novos elementos apareceram nos estudos posteriores aos de Durkheim. As representações sociais compõem a vida em sociedade; sendo assim, o conceito passa a ser analisado numa perspectiva diferente da visão de Durkheim.

Utilizamos aqui a perspectiva da psicologia social para explicar essa diferença no conceito, buscando bases teóricas em autores como Moscovici (2009), Minayo (1994) e Jodelet (2001).

Na abordagem da psicologia social há um rompimento com o conceito de representações coletivas como visto no conceito de Durkheim “[...] é a sociedade que pensa, portanto, as representações não são necessariamente conscientes do ponto de vista individual [...] reproduzem-se e se misturam” (MINAYO, 2002, p. 90). Moscovici pensa que “a sociologia vê, ou viu as representações sociais como artifícios explanatórios, irreduzíveis a qualquer análise posterior” (2009, p. 45). Os dois argumentos são considerados em um ângulo diferente por Moscovici.

Para Moscovici (1989) a oposição entre o individual e o coletivo não existe, pois, o autor considera que o indivíduo ao estar sujeito às representações

dominantes no seu grupo social, pensa e manifesta os seus sentimentos nele; “o fenômeno das representações está [...] ligado aos processos sociais implicados com diferenças na sociedade” [...] assim “as representações sociais são uma forma de criação coletiva” (MOSCOVICI, 2009, p. 16).

A re-produção das representações sociais de aspectos do Movimento *Hip-Hop* não é feita por um sujeito isolado, pelo contrário, as representações surgem na coletividade e posteriormente sofrem a ação da consciência individual. Sendo assim, o Movimento é um fenômeno, que demonstra que as representações sociais existem e são estruturas complexas permeadas pelas relações sociais.

Às vezes o olhar e a percepção que se tem dos outros oculta outros olhares de tal modo que um grupo de indivíduos passa a ser aquilo que representa para nós, fragmentando a realidade. Opta-se por uma forma de percepção relegando alternativas do que esse grupo realmente pode ser. Nota-se então “a intervenção de representações que tanto nos orientam em direção ao que é visível” (MOSCOVICI, 2009, p. 31), mas, embora o que é visível seja racionalmente mais fácil de perceber, o que é invisível e parcialmente inacessível é o que se torna exclusivo, de certa forma.

Assim, para tornar o invisível em visível é preciso observar o fenômeno atentamente, buscando entender quais são as representações sociais de determinado grupo. Sabemos que a análise desse visível e do invisível busca a objetivação, pois o olhar de quem analisa é o olhar de quem também faz parte dessa sociedade, isso quer dizer que seria impossível analisar despido de representações sociais.

Talvez seja isso que Moscovici percebe ao relatar que as representações sociais “[...] são impostas sobre nós, transmitidas e são o produto de uma seqüência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações” (2009, p. 37), portanto “[...] penetram e influenciam a mente de cada um” (2009, p. 37).

A idéia de consciências individuais e coletivas tem sua dinâmica interna onde a primeira pode se expressar na segunda e a segunda pode interagir com a primeira, tornando a construção da realidade uma relação de trocas.

Então, Moscovici define representação social como “Um sistema de valores, idéias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo”,

ou seja, a representação social é uma forma de conhecimento prático, que se manifesta por meio de palavras, sentimentos, comportamentos. E em segundo lugar “[...] possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambigüidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social” (MOSCOVICI, 2009, p. 21).

A partir dessa lógica percebe-se que as representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar, pois:

[...] são conjuntos dinâmicos, seu status é o de uma produção de comportamentos e relações com o meio, o de uma ação que modifica uns e outros, e não o de uma reprodução [...], nem o de uma reação a um estímulo exterior determinado. [...] são sistemas que têm uma lógica própria e uma linguagem particular, uma estrutura de implicações que se referem tanto a valores como a conceitos [com] um estilo de discurso próprio. Não as consideramos como opiniões sobre nem imagens de, mas como “teorias”, como “ciências coletivas” *suigeneris*, destinadas à interpretação e à construção da realidade (MOSCOVICI, 1974, p.48).

Assim a tentativa de compreender o outro em seu aspecto visível e invisível não é simplesmente observar e relatar, mas sim tentar penetrar na essência do outro e tentar revelar alguns aspetos subjetivos.

“Ta ligado mano?”²², por trás desse modo de se expressar, numa linguagem freqüentemente utilizada pelos integrantes do movimento *Hip-Hop*, já é possível perceber essa dimensão sócio cultural, ou seja que essas representações sociais são “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 1984, p. 32).

Por isso é essencial identificar, a sociedade, ou o grupo onde circulam as representações sociais, bem como o espaço e o tempo, pois o contexto particular de cada sociedade pode assumir certas características que permitem pensar representações para compreensão mais profunda da realidade.

Sendo assim as representações sociais “constituem o mundo tal como ele é conhecido e as identidades que elas sustentam garantem ao sujeito um lugar nesse mundo” (DUVEEN, 2002 p. 267), garantindo também segurança para que esses sujeitos se desenvolvam.

²² Linguagem utilizada pelos integrantes do Movimento Hip-Hop. Significa dizer que a pessoa está entendendo algo dito ou uma idéia compartilhada.

Produto de ações e práticas da sociedade as representações são produzidas e reproduzidas. Segundo Frege (1977, p.38) “[...] alguém comunica um pensamento [...]”, sabemos que o ato de comunicar não obriga as pessoas a aceitar como verdade ou acreditar em tal pensamento, contudo somente o ato de comunicar pode influenciar a realidade e os fatos da vida cotidiana.

E essa ação indica o por que criamos representações sociais e segundo Moscovici (2009, p.54) isso está ligada a determinadas hipóteses. Essas hipóteses segundo Moscovici são a da desiderabilidade: “[...] uma pessoa ou um grupo procura criar imagens, construir sentenças que irão tanto revelar, como ocultar sua ou suas intenções” (2009, p.54), ou a hipótese do desequilíbrio onde [...] “todas as ideologias, todas as concepções de mundo são meios para solucionar tensões psíquicas ou emocionais devido a um fracasso ou uma falha de integração social” (2009, p.54). E ainda há uma terceira hipótese, a do controle: “[...] isto é, os grupos criam representações para filtrar a informação que provém do meio ambiente e dessa maneira controlam o comportamento individual” (2009, p.54).

As três hipóteses de Moscovici apresentam possibilidades para a criação das representações sociais.

Veja na perspectiva do Movimento *Hip-Hop* essa hipóteses.

O movimento teve início com o propósito de reivindicação para a melhoria das condições sociais, políticas e econômicas. Na hipótese da desiderabilidade, onde algumas pessoas revelaram suas intenções em prol do bem comum, pode ser um fator que construiu a representação social de como o Movimento *Hip-Hop* hoje e de como ele é compreendido.

Na hipótese do desequilíbrio pode-se dizer que a ideologia do movimento cresceu e desenvolveu-se a partir de tensões, para restabelecer a estabilidade emocional ou psíquica de sujeitos.

E na terceira hipótese, é possível que o Movimento tenha surgido com intenção de controlar o comportamento humano. Por isso esse controle pode determinar que a representação social do Movimento demonstre um entendimento dele como algo errado, ou negativo.

Essas hipóteses são vistas como gerais e não dão conta de explicar especificamente a realidade, devolvendo ao pesquisador a tarefa de criar outras hipóteses. Contudo Moscovici alerta que “[...] a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não-familiar” (MOSCOVICI, 2009, p. 54), ou

seja, a maioria das relações, acontecimentos e a dinâmica da realidade são percebidos e compreendidos a partir de paradigmas já existentes.

Ao fabricar uma representação social sobre o Movimento *Hip-Hop*, no caso específico de Ponta Grossa, tornamos o não-familiar (incomum) em familiar; então essas representações são resultados de um esforço em tornar alguma coisa que nos ameaça em enriquecedora, formadora ou até mesmo normal (MOSCOVICI, 2009).

Ou seja, a partir do momento em que o pesquisador “entra” no Movimento e vivencia as atividades que ocorrem dentro dele, conhece sua história e seus integrantes vêm que o não-familiar, o invisível, se torna familiar. Contudo somente o olhar atento sobre a realidade é capaz de revelar o invisível.

A partir daí “[...] uma série de ajustamentos, o que estava longe, parece ao alcance de nossa mão, o que parecia normal torna-se concreto [...]” (MOSCOVICI, 2009, p. 58). Entretanto, há também a possibilidade de re-produzir representações com intuito (inconsciente ou consciente) de voltarmos ao que nós já conhecíamos e o qual nós já estávamos familiarizados há tempo (MOSCOVICI, 2009).

Esse processo de tornar o não-familiar em familiar é o que gera as representações sociais. No entanto para que isso ocorra são necessários mecanismos chamados de objetivação e ancoragem.

Na ancoragem as idéias estranhas são transformadas em categorias. O termo ancorar se refere a classificar, dar nome, rotular, “[...] transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada” (MOSCOVICI, 2009, p. 61).

Classificar, rotular, categorizar, demonstra que o indivíduo pertence a certo grupo e utiliza então um determinado paradigma para realizar tal processo. Um grande problema está no fato de que classificar algo ou alguém permite que a compreensão de tal processo torne-se generalizadora e excludente, pois se esse algo ou alguém é rotulado e classificado como anormal em relação ao dominante, ao “normal” tende-se a persuadi-los, ou então se livrar deles.

Contudo o nomear, classificar, associar é preciso para que os indivíduos tenham a possibilidade de representar a realidade e construir assim novos conceitos, dando sentido ao que antes não se apresentava como familiar. A partir do momento em que se coloca algo ou alguém num contexto familiar, parte-se para o segundo mecanismo a objetivação.

Na objetivação as idéias tidas como abstratas, em um primeiro momento, transformam-se em imagens concretas através do reagrupamento de idéias, idéias essas que tem em comum um mesmo contexto: “Objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma idéia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem. Comparar é já representar, encher o que está naturalmente vazio, com substância”, (MOSCOVICI, 2009, p. 71).

Ou seja, ao dar nomes as coisas, visualiza-se tais coisas: “um complexo de imagens que reproduzem visivelmente um complexo de idéias” (MOSCOVICI, 2009, p.72). E embora nem todas as palavras possuam ligação com imagens, o processo de objetivar permite que o indivíduo caracterize a realidade através das imagens e essas imagens tornem-se concretas, partes da realidade vivida.

Um indivíduo não é um ser isolado e sim um ser social que vive e compartilha suas manifestações individuais com outros sujeitos, assim “[...] um individuo adulto, inscrito numa situação social e cultural definida, tendo uma história pessoal e social [...]” (JODELET, 1984, p. 36) se apropria da realidade fazendo com que as representações sejam re-produzidas.

Nesse sentido as representações sociais já não estão em sua gênese de criação, passam agora a serem re-produzidas por indivíduos que já se apropriaram delas e a comunicação (expressões lingüísticas), que é fundamental nesse processo, torna-se exemplo claro dessa produção e re-produção de signos, imagens, que moldam a realidade e nos ajudam a viver:

Primeiro, ela (a comunicação) é o vetor de transmissão da linguagem, portadora em si mesma de representações. Em seguida, ela incide sobre os aspectos estruturais e formais do pensamento social, à medida que engaja processos de interação social, influência, consenso ou dissenso e polêmica. Finalmente, ela contribui para forjar representações que, apoiadas numa emergência social, são pertinentes para a vida prática e afetiva dos grupos (JODELET, 2001, p. 32).

Assim como a linguagem e a comunicação permitem a circulação das representações também contribui para que elas perpetuem, ou que novas representações sociais surjam.

As representações sociais se manifestam por meio de palavras, sentimentos e comportamentos presentes nas relações estabelecidas na sociedade, e devem ser estudadas e analisadas a partir da compreensão das estruturas presentes nessa

sociedade ou grupo. Sendo assim, a linguagem aparece como uma possível mediadora (MINAYO, 2002), mesmo que traduza um pensamento fragmentado.

Cada grupo social tem seu repertório de discurso construído e reconstruído pelas relações sociais, políticas, econômicas e históricas, portanto a dimensão prática que orienta a compreensão de mundo e determina o conteúdo desse discurso também permite a análise da realidade.

Isso quer dizer que o senso comum também é uma forma de conhecimento, de ação e comunicação numa sociedade, sendo o estudo das representações sociais, um método para compreender fenômenos, aspectos e relações na realidade vivenciada.

A partir do conceito de representações sociais, trabalhado até esse momento na perspectiva da psicologia social com intuito de entender como as representações são criadas e reproduzidas, surge a Teoria das Representações Sociais que nessa pesquisa é utilizada para compreensão do objeto em estudo.

2.1.3 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.

Originada na Europa, a Teoria das Representações Sociais (T.R.S²³) surgiu após a publicação do estudo realizado por Moscovici sobre *La Psychanalyse: Son image et son public*, onde o autor aborda a temática Psicologia Social. A teoria de Moscovici é frequentemente classificada como uma forma sociológica de Psicologia Social, e embora haja um impasse sobre a “origem” da Psicologia Social, pode-se dizer segundo Farr (2002, p. 31) que “ela pertence em termos de ancestralidade, ao solo intelectual de toda a tradição ocidental”.

Contudo 30 anos após o surgimento da T.R.S tornando-se esta um fato no âmbito da Psicologia Social “está longe de ser o fato neutro e asséptico que faz o prazer e o gosto dos cânones estabelecidos da disciplina [...]”, ou seja, “[...] a teoria nasceu – cresceu – sob a égide de interrogações radicais, que repõe contradições e dilemas que ainda hoje precisamos responder” (JOVCHELOVITCH, 2002, p. 63).

Uma das críticas feitas a T.R.S segundo Moscovici (2009) é que a teoria é muito vaga. Ou seja, que não aprofunda o conceito de representações sociais, ou

²³ Essa abreviação T.R.S aparece padronizada pelos autores que estudamos. Utilizaremos a sigla que significa Teoria das Representações Sociais.

então que não difere o conceito de outros conceitos como por exemplo o conceito de cognição social, crenças, estereótipos.

Na psicologia social, segundo Moscovici (2009) as teorias devem ser “mais ricas” para que descrevam e possivelmente expliquem os fenômenos sociais. Então de que maneira a crítica de que a T.R.S é vaga toma corpo? Se alguém compara o conceito de representações sociais com conceitos matemáticos, formais, então ela é vaga, e se analisar conceitos de economia e relacionar com representações então ela não é mais vaga? Porque a T.R.S deveria ser mais ou menos vaga ou complexa que as outras teorias se o modelo de teorias que explicam fenômenos diferentes quase sempre não podem ser os mesmos. Veja [...] “hipotético-dedutivo da física, indutivo descritivo da biologia”, ou então [...] “reduzir teorias a simples proposições”, [...] “para explicar fenômenos complexos, essa idéia é vaga”.(MOSCOVICI, 2009, p. 307).

Outra crítica é a de não haver uma metodologia fechada que busca a comprovação de algum fato. Entretanto, segundo Moscovici (2009) a metodologia utilizada para a análise das representações deve buscar a descoberta e reflexão. Por isso a T.R.S é suficientemente elástica e complexa; não procura definir conceitos e torná-los verdades.

Contudo, analisar o conhecimento legítimo do senso comum sob a luz da T.R.S concebe rigor científico e a busca da objetividade. Esses são os pressupostos indispensáveis para a pesquisa nessa área do conhecimento, na perspectiva de Moscovici (2009).

Os embasamentos epistemológicos e teóricos nessa forma de compreensão da realidade se inserem na tradição hermenêutica e construtivista²⁴. Traremos nas próximas linhas uma apresentação a respeito da hermenêutica e embora já tenhamos no capítulo metodológico admitido que a análise de nossos dados será realizada por meio da Hermenêutica, essa contextualização por meio de autores como Gadamer mesmo possuindo posicionamento metodológico diferente da autora Minayo, se torna necessária para a compreensão das representações sociais.

²⁴ Por entendermos que o construtivismo possui abordagens voltadas a quase sempre a lógica experimental, optamos em não utilizá-lo como estratégia na formulação da metodologia dessa pesquisa, isso está fundamentado pelo caráter qualitativo que norteia todo esse estudo. Mas isso não significa dizer que o construtivismo não possa ser utilizado como método de compreensão e análise da realidade.

Na hermenêutica a compreensão da expressão de nosso pensamento é realizada por meio da linguagem, portanto hermenêutica significa “[...] em primeiro lugar práxis relacionada a uma arte [...] a do anúncio, da tradução, da explicação e interpretação, que inclui naturalmente a arte da compreensão [...]” (GADAMER, 2002, p. 112), ou seja quando algo é estranho, não-familiar ou duvidoso há questionamentos que nos fazem querer compreendê-lo.

A hermenêutica traz uma tradição dogmática, de interesses teológicos em estudos de escrituras sagradas, leitura e compreensão da bíblia e também de leituras jurídicas (FLICKINGER, 2003). Entretanto o autor Schleiermacher (1768–1834) desvencilhou a hermenêutica enquanto teoria universal da compreensão e do interpretar.

A fundamentação feita por Schleiermacher trouxe um aprofundamento sobre os fundamentos da hermenêutica e acabou permitindo a construção de um sistema científico com base hermenêutica, mas os traços dogmáticos só viriam a desaparecer posteriormente. Um dos autores que trouxe uma refundamentação de idéias numa base da psicologia descritiva e analítica foi Dilthey (1987). Essa outra perspectiva serviu mais tarde como ponto de partida para a hermenêutica da facticidade de Heidegger.

Para Heidegger, para se ver o mundo é necessário investigar o “ser-no-mundo” cotidiano em sua sustentação fenomenal, ou seja, (HEIDEGGER, 2001) o existir humano não é um objeto simplesmente dado e nem encerrado em si mesmo, o ser tem sua história e se relaciona com ela e com outros seres.

A reflexão feita por Heidegger contribui para que Gadamer, em seguida, retomasse a hermenêutica sobre novas dimensões, associando a realidade histórica e sua interpretação como integrante na vida do ser humano. Assim a hermenêutica contemporânea, de natureza filosófica, é aplicável às temáticas da filosofia, das ciências humanas, sociais e das ciências da natureza.

Para Gadamer a hermenêutica é o reconhecimento de uma estrutura ontológica (universal) do ser histórico, que se relaciona utilizando-se da linguagem:

A hermenêutica toma por fundamento o fato de que a linguagem nos remete tanto para além dela mesma como para além da expressividade que ela apresenta. Não esgota no que diz, ou seja, no que nela vem a fala. A dimensão da hermenêutica aqui entreaberta significa certamente uma limitação do caráter objetivador do que pensamos e comunicamos. A expressão de linguagem não é simplesmente imprecisa, algo que precisa

ser melhorado, mas justamente o que, realizando suas possibilidades, permanece e necessariamente aquém do que evoca e comunica (GADAMER, 2002, p. 210-211).

Isso diz que quando falamos, nem tudo que dizemos é entendido pelo ouvinte como dissemos e nem tudo que falamos também é a idéia exata do que estávamos pensando quando por meio da linguagem nos expressamos:

Isso porque o dizer implica sempre num sentido implícito que só exerce sua função de sentido permanecendo como um pano de fundo. Trata-se de um sentido que quando expresso perde sua função. Para esclarecer isso, quero distinguir duas formas em que o dizer movimenta-se para trás de si mesmo: o que no dizer permanece não dito, tornando-se, porém, presente como não-dito no dizer, e além disso o que no dizer se encobre (GADAMER, 2002, p. 210).

Contudo não é somente pela linguagem que o processo de comunicação se dá. Outras formas de expressão do pensamento e interação entre os seres humanos podem acontecer sem a utilização da linguagem verbal, “[...] a voz apagada da letra escrita” (GADAMER, 2002, p. 216), é um exemplo.

Não somente podemos nos comunicar e nos fazer entender pela linguagem verbal, apesar dessa ser o fio condutor para a análise da hermenêutica, gestos, sentimentos, feições e até o silêncio possuem uma forma de linguagem.

Outra questão a ser abordada. Durante um diálogo o que se diz e expressa realmente é o que se está pensando? Quais as condições para um diálogo verdadeiro²⁵? Segundo Gadamer a conversação entre duas pessoas só exprime um verdadeiro diálogo quando deixa marcas, ou seja, quando as pessoas envolvidas na conversa sintam que algo mudou: “[...] o que perfaz um verdadeiro diálogo não é termos experimentado algo novo, mas termos encontrado no outro algo que ainda não havíamos encontrado em nossa própria experiência de mundo” (GADAMER, 2002, p. 247).

No contato nosso com os sujeitos de pesquisa, encontramos uma experiência de mundo que não havíamos encontrado, que é o próprio contato com esses sujeitos.

Na conversa que tivemos com os sujeitos dessa pesquisa, alguns fatores contribuíram para que a conversa, propriamente dita, acontecesse: a interação, a

²⁵ A palavra verdadeiro nessa frase está atrelada não a concepção de verdade absoluta, mas a uma condição de compreender o que o outro está falando.

personalidade, a maneira como o processo de aceitar responder a determinadas perguntas se desenvolveu.

Lembremos que essas conversas são transcrições, e transcrições:

[...] não conseguem conservar ou reproduzir o verdadeiro carisma do diálogo que apenas está presente na espontaneidade viva da pergunta e resposta, no dizer e deixar-se dizer. Mesmo assim, essas transcrições apresentam uma força documental peculiar (GADAMER, 2002, p.244).

De fato no discurso transcrito a espontaneidade do momento não pode ser gravada, mas talvez traços dessa espontaneidade possam ser transcritos. Utilizamos como estratégia nessa pesquisa no momento vivo da pergunta e da resposta como estratégia a observação visual e a tradução de gestos, emoções ou uma pausa silenciosa em escrita no momento vivo da pergunta e resposta. Essa estratégia tenta resgatar um pouco dessa singularidade do sujeito e da conversação²⁶.

Contudo não existe um método ou uma maneira de se interpretar algo dito que seja capaz de traduzir o pensamento verdadeiramente tal como ele foi reproduzido, mesmo por que quem o interpreta também está mergulhado num mar de tradições, crenças e isso demonstra existência da subjetividade do ser, que em momento algum poderá deixá-la de lado e prosseguir livre de qualquer preconceito.

A hermenêutica está presente na T.R.S pelo fato da linguagem ser uma espécie de fio condutor na criação e re-produção das representações sociais. E a apropriação desse método de compreensão da linguagem torna possível também a compreensão dessas representações sociais uma vez que é basicamente por meio das palavras que nos fazemos comunicar e nos relaciona.

A utilização da T.R.S permite dar voz aos sujeitos de pesquisa, admitindo assim uma análise íntegra e complexa da realidade. Segundo Jodelet (2001) as representações sociais são formas de conhecimento prático, derivam do senso comum, e por isso devem ser estudadas como um processo de análise e reflexão.

Ainda segundo a autora, deve-se estudar a representação social articulando elementos sociais, afetivos e mentais, integrando-os a cognição, a linguagem e a comunicação. Tais relações sociais podem afetar as representações e a realidade

²⁶ Essa estratégia foi utilizada nessa pesquisa com o objetivo de tornar os discursos mais "vivos" e a análise mais rica.

material, social ou ideal (do campo das idéias) sobre a qual elas podem interferir (JODELET, 1989).

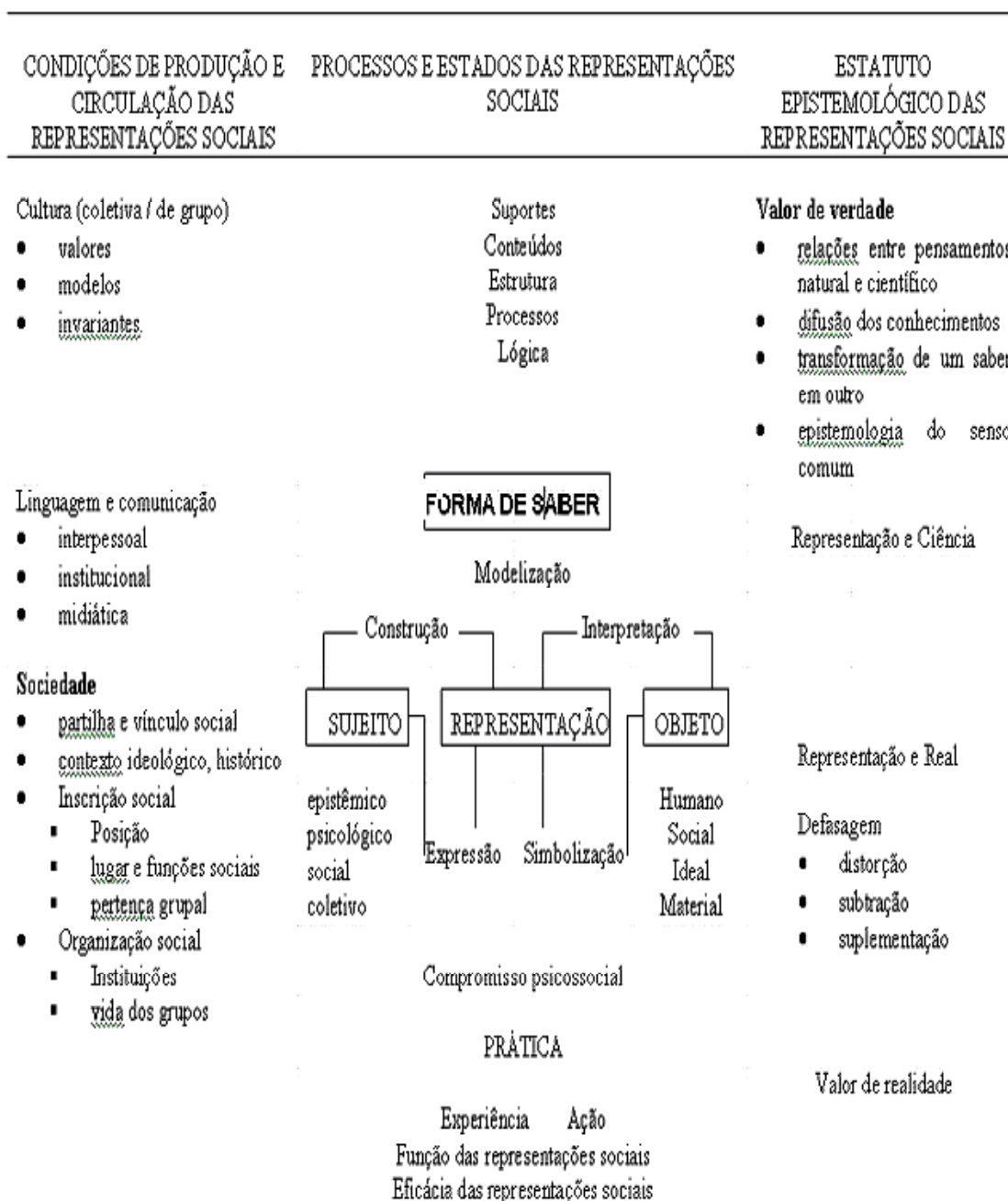
O subjetivo e a objetividade estão presentes na pesquisa em representações sociais e com a quebra do paradigma científico dominante, esses dois pressupostos se tornaram chave dentro da lógica da pesquisa qualitativa:

[...] a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com o nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo de relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variações (MINAYO, et al, 2001, p. 2 - 22).

Se fundamenta em perspectivas que valorizam o subjetivo, as representações sociais, os significados atribuídos pelos sujeitos aos fenômenos sociais e o “modo de vida” dos sujeitos, a pesquisa qualitativa revela como se constituem no cotidiano a experiência social humana.

Essa dimensão subjetiva dos indivíduos é estruturada metodologicamente numa perspectiva que compreende a totalidade, ou seja, articula o contexto sócio histórico e a realidade em que o indivíduo está inserido, o que possibilita a compreensão dos fenômenos sociais em contextos históricos determinados, não delimitando a compreensão dos fenômenos à apenas descrevê-los e verificá-los.

No quadro a seguir apresenta-se um exemplo de como esse universo de significados e representações é complexo e como o processo de compreensão, estudo e reflexão de uma determinada realidade pode ser realizado por meio da teoria das Representações Sociais:



QUADRO 1 - O espaço de estudo das representações sociais

Fonte: (JODELET, 2001, p. 33).

O “quadro 1” mostra como as representações sociais são criadas e circulam na sociedade, sendo partilhadas entre os sujeitos que vivem nessa sociedade. Linguagem, relações sociais, ações individuais formam uma complexa rede de idéias, valores e exprimem a realidade. Apreender e interpretar esses dados empíricos e a realidade da qual eles surgem só é possível se compreendermos o todo maior e as suas partes.

Sendo assim, a categoria de análise pautada no referencial teórico são as Representações Sociais, e no âmbito do nosso objeto de estudo analisaremos quais são as representações sociais do Movimento *Hip-Hop* e quais as representações sociais dos elementos que compõe o *Hip-Hop* para seus integrantes verificando as perspectivas de lazer nesse contexto.

Por meio da compreensão sobre o Movimento *Hip-Hop*, das atividades desenvolvidas pelo Movimento *Hip-Hop* em Ponta Grossa-Pr; e da compreensão dessas atividades enquanto lazer analisaremos as falas dos sujeitos dessa pesquisa com auxílio das observações feitas e detalhadas ao longo desse estudo. Assim pretendemos dentro dessas categorias verificar como os sujeitos interpretam e compreendem o Movimento *Hip-Hop* e as atividades desenvolvidas.

No próximo capítulo dessa dissertação apresentaremos algumas reflexões que fizeram parte dos estudos e leituras sobre lazer para essa pesquisa.

Essas construções são pautadas em vários autores nos trouxeram uma iluminação teórica para que de certa maneira delimitássemos o autor e a teoria sobre lazer para realização das análises dos dados empíricos.

O objeto de estudo em questão trata das representações de integrantes do Movimento *Hip-Hop* e o foco é compreender o lazer a partir de manifestações culturais desse Movimento.

O intuito dessa pesquisa não é esgotar a temática e nem tão pouco tentar “dar conta” de todas as possíveis interpretações sobre lazer, o que procuramos fazer foi considerar as concepções clássicas sobre lazer e refletir a partir dos autores que se apresentam, e, posteriormente definir um autor como base para a interpretação dos dados. Nesse caso o autor será Norbert Elias, pois sua teoria sobre lazer demonstra pontos importantes para entendermos as atividades dentro do Movimento *Hip-Hop*.

2..CAPITULO 2

2.2. PARTE DOIS: A trajetória do pensamento sobre lazer percorrida nessa pesquisa.

No capítulo anterior apresentamos o pensamento sobre representações coletivas em Durkheim e a transição para as representações sociais em Moscovici.

Vimos que em Durkheim que as representações são produzidas coletivamente e formam a bagagem cultural de uma sociedade, e que as performances individuais não são mais do que forma ou expressão das representações coletivas.

A transição do conceito para o Moscovici aponta uma característica que a diferencia do conceito de Durkheim que é a autonomia que os indivíduos possuem de construir a realidade e partilhá-la, gerando assim as suas próprias representações sociais, não estando somente sofrendo uma imposição das representações coletivas.

Nesse sentido, nós como pesquisadores também construímos o real, e as nossas representações sociais influenciam na construção e interpretação do fenômeno estudado. O que pretendemos é relatar a trajetória de leitura sobre lazer que fizemos com intuito de absorver parte do conhecimento disponível para assim optar por um determinado modelo que nos permitia uma aproximação com as representações sociais dos sujeitos dessa pesquisa.

No entanto, estamos conscientes de podemos cair numa armadilha que seria adotar em um debate pluralista ao tentar eleger categorias em diversos autores, portanto, nós elegemos Norbert Elias como o principal autor e as categorias de análise pertinentes ao nosso trabalho estão na lógica eliasiana.

Com esse posicionamento acreditamos estar demonstrando que fazer pesquisa é estar em continuo movimento, em continua construção e reflexão intensa.

Quando se pretende estudar sobre lazer muitas perspectivas e tendências são anunciadas: lazer e ócio; lazer e trabalho; lazer e tempo livre; lazer e consumo; lazer emoções/prazer; lazer e estilo de vida; lazer substancial, ou simplesmente lazer.

Dentre filósofos, sociólogos, historiadores, antropólogos, psicólogos que tentaram explicar o que era o lazer, várias foram as abordagens e as conclusões a que chegaram, contribuindo, de certa forma, para o estudo desse tema.

Nossas primeiras leituras sobre lazer revelaram autores que estudaram o conceito de ócio pois acreditam que existe uma relação entre ócio e lazer.

Esse é o caso do autor Mascarenhas que no artigo: Em busca do ócio perdido: idealismo, panacéia e predição histórica à sombra do lazer; descreve que o lazer aparece como sendo mais verdadeiro quando se aproxima do ideal de ócio antigo. Esse ócio antigo para o autor traduz a idéia de *Skholé* (MASCARENHAS, 2006, p. 77), palavra grega que significa basicamente a isenção de atividades de labor; indica também dedicação a um modo de vida contemplativo, de busca ao desenvolvimento físico e intelectual:

Vimos essa idéia exposta também no livro do Parker: A sociologia do Lazer, que apesar de estudar o lazer evidenciando compreensões de vários autores com um objetivo diferente do Mascarenhas, nessa passagem colabora com a discussão do ócio grego:

A concepção grega de lazer baseava-se numa associação à “aprendizagem” ou cultivo do eu, em lugar de basear-se em tempo livre. O sentido original da palavra grega *scholē*²⁷ era “parar” ou “cessar”, e portanto ter paz ou silêncio [...]. Os gregos viam a capacidade de usar o lazer adequadamente como a base de toda uma vida do homem livre (PARKER, 1978, p. 26-27).

Esse cultivo do eu em busca de sabedoria e de conhecimento apresenta uma contradição, pois quem dispunha de tempo e poderia parar e cessar completamente as atividades para ter paz ou silêncio eram somente aqueles que ou faziam parte da nobreza ou que tinham condições de viver sem precisar trabalhar.

Na Grécia o ócio era entendido como valor central da vida e era considerado mais importante que a atividade de trabalho, mesmo que isso significasse a libertação de alguns e o aumento da servidão de outros. O ócio tinha um propósito maior e era ligada também a noção de escola, de aprender e se elevar espiritualmente e intelectualmente.

Em Mascarenhas notamos a discussão do lazer ligado a essa noção de ócio como aprendizagem. Contudo outros autores entraram nessa discussão de ócio,

²⁷ Grifos do autor.

como por exemplo, Dumazedier que relacionou o ócio Grego com o lazer alegando que este não pode ser considerado lazer, pois essa ociosidade deveria se relacionar com algum tipo de trabalho e não com a idéia de aprender somente. “Ela não é nem um complemento nem uma compensação; é um substituto ao trabalho. [...] o lazer não é ociosidade, não suprime o trabalho; o pressupõe” (DUMAZEDIER, 1999, p. 28).

Seguindo uma linha de pensamento sobre lazer na escala de tempo linear, o que temos a respeito do ócio posteriormente ao ócio Grego são os romanos. Utilizando também as leituras em Mascarenhas vimos que entre os romanos²⁸, o trabalho era identificado pela palavra negócio, que literalmente é a negação do ócio, diferenciando-se da noção de ócio na Grécia:

O *otium* romano, em oposição ao negócio – ou seja, atividades como comércio, exercício, exército ou governo – passa a ser concebido como tempo de descanso do corpo e recreação do espírito. Diferentemente do que ocorre na Grécia, o trabalho na Roma antiga perde a sua conotação negativa e o ócio assume, pela primeira vez, o significado de tempo livre de trabalho. Em função do novo contexto socioeconômico, o ócio ganha também outra função, pois é nesse momento, através da por demais conhecida política do *panis et circens*, que surge a recreação de massas. Contraposto ao ócio das classes dirigentes, a experiência e as atividades de ócio vividas pela maioria da população constituíram-se como importantes meios de despolitização e controle inaugurado e patrocinado pelo Estado (MASCARENHAS, 2006, p. 91).

O ócio romano se constituía como um aspecto da vida destinada ao descanso e sustentação de poder, uma vez que, só grupo de nobres e privilegiados do império gozavam da vida ociosa. Enquanto as festividades na Roma como os combates de gladiadores, jogos, organizações de espetáculos cada vez mais populares, atraíam multidões divertindo o povo e deixando- iludido, fazendo desses eventos atividades de ócio para controlar, de certa maneira, os indivíduos.

Posteriormente esse contexto do ócio na Roma tem-se a Idade média onde o ócio também carregou a marca nobre de ostentação de riquezas, entretanto perdeu o ideal, já abalado no período romano, de experiência interior de aprendizagem:

O ócio como ideal de nobreza que, na Idade média, somando-se ao dito *ócio popular*, um tempo de descanso e de comemorações intermediadas por festas organizadas sob rígido controle dos poderes da igreja e dos senhores feudais, marca o surgimento de um tipo de ócio caracterizado por um espírito lúdico eminentemente classista. Dessa maneira, o nobre ideal

²⁸ IV a.C.

de ócio vincula-se ao desinteresse e repulsa pelo trabalho, diretamente associado ao significado de um tempo de nada fazer produtivo. Se, por um lado, a indignidade do trabalho constitui-se como um dos fatores para o aparecimento de tal modo de se conceber o ócio, por outro, este último passa também a ser visto como uma demonstração de posses e riquezas que permitem uma vida de ociosidade, deixando, definitivamente de ser uma experiência interior e subjetiva, ao contrário, devendo ser exteriorizada. Nota-se ainda que a partir de tal compreensão os conceitos de ócio e ociosidade podem ser identificados como iguais (MASCARENHAS, 2006, p. 91).

Ainda que a categoria trabalho seja condenada o ócio compreendido dessa forma também não trazia nenhum benefício intelectual, social ou mesmo político. Mas o que estava por vir nos tempos da revolução Industrial mudaria completamente o ócio e o trabalho. Nesse último período o ócio passa a ser entendido como:

Vício que, no início da Idade Moderna, é condenado pelo puritanismo religioso difundido pela reforma protestante. Novos valores sobrepõem-se ao ócio fazendo com que a antiga conduta medieval passe a ser duramente criticada. Os princípios éticos-religiosos desta época exaltam o trabalho, tornando-se sinônimo do esforço pessoal necessário para o acúmulo de riquezas, o que justificaria a ascensão da burguesia. Predestinados eram aqueles cujo trabalho materializava-se como sementes de fortuna [...]. Assim, os alicerces de uma concepção que propõe o combate aos perigos da ociosidade, inimiga das distrações e prazeres mundanos, sugerindo a noção de ócio como tempo perdido, são fincados originalmente nesse período (MASCARENHAS, 2006, p. 92).

A ruptura que se apresenta nesse momento da história (tempos da revolução industrial) sobre como os indivíduos se apropriavam e se organizavam no tempo de não-trabalho trouxe novas perspectivas de compreensão dos valores humanos:

O trabalho, de acordo com a tradição, classifica-se a um nível superior, como um dever moral e um fim em si mesmo; o lazer classifica-se a um nível inferior, como uma forma de preguiça e indulgência. Este, alias, é identificado com frequência com o prazer, ao qual também se atribui uma avaliação negativa na escala de valores nominal das sociedades industriais (ELIAS, DUNNING, 1992, p.106).

Portanto, o trabalho passa a ser a principal atividade desenvolvida em um dia que tem duração de vinte e quatro horas e o tempo livre nestas 24 h passa a ser o tempo que não se está trabalhando. Mas as mudanças que ocorreram não somente mudaram a noção de ócio e lazer, o trabalho também passou por diversas transformações.

Vimos em Albornoz (2002) que o homem trabalhava para poder viver, em tempos modernos o homem trabalhava para dar sentido a sua vida e agora é um

momento de rupturas e mudanças no âmbito do trabalho. Desde a era campesina até os tempos atuais o trabalho permeia a vida dos indivíduos, entretanto, com intensidade e valores diferentes.

Em Arendt (1992) lemos que o trabalho pode ser entendido como labor, poiesis e práxis. O labor é toda atividade voltada às necessidades naturais do homem, atividades realizadas durante o convívio familiar como se alimentar, saciar a sede, enfim atividades do corpo humano para sobreviver

Já o trabalho propriamente dito, aquele que traduz a palavra grega *poiesis*, o fazer, fabricar e criar, é entendido como um produto da arte, obra das mãos humanas manejando instrumentos. Esse trabalho tem a qualidade da permanência, ou seja, deixa no tempo e no espaço vestígios, contudo a continuidade da vida não depende dessa atividade de trabalho (ARENDR, 1992).

Labor e poiesis juntos traduzem a ação humana em relação com a natureza, com o meio, é a esfera privada da vida, onde ainda não se tem o caráter da práxis (ARENDR, 1992).

O instrumento utilizado na práxis é a palavra, onde, no âmbito da vida pública política os indivíduos agem e pensam, mas segundo Arendt (2004) somente se os indivíduos agirem e interagirem com igualdade e diferença é que a práxis elevará a condição humana.

A igualdade, uma das características fundamentais do espaço público, não é tornar os cidadãos idênticos, mas igualar direitos; e a diferença se apresenta como necessidade da fala, da palavra para se fazer entender perante os outros (ARENDR, 2004). Somos capazes de nos compreender e de compreender nossos ancestrais, mas precisamos do discurso e da ação para nos fazer entender em nossa singularidade:

Através deles [discurso e ação], os homens podem distinguir-se, ao invés de permanecerem apenas diferentes; a ação e o discurso são os modos pelos quais os seres humanos se manifestam uns aos outros, não como meros objetos físicos, mas enquanto homens (ARENDR, 2004, p.189).

Assim a ação, ao contrário do labor e do trabalho, é sempre interação entre os indivíduos permitindo que a essência humana seja preservada, nesse sentido o ser humano esta na esfera da vida pública (práxis) e não na esfera e nas obrigações da vida natural (labor e trabalho).

O problema é que, as atividades que os indivíduos desenvolviam passaram de labor e trabalho (no sentido acima descrito) para operário e trabalhador, sem a perspectiva da práxis enquanto ação coletiva de emancipação política (ARENDT, 2004).

É evidente que a práxis política presente em nosso cotidiano não está disponível a todos “[...] na democracia representativa dá só a poucos um lugar na assembléia de real poder. Nós simples votantes – quando o somos- olhamos os políticos pela televisão” (ALBORNOS, 2002, p. 49-50).

A generalização, nesse caso, não é presente, contudo sabemos que o que emana de nós cidadãos não foi aprendido somente nessa vivência, foi transmitido a nós pelas gerações, mas também não é possível afirmar que pelo fato de herdarmos formas ideológicas, políticas e culturais de agir não possamos transformá-las.

Assim sendo, os interesses da vida humana foram evoluindo para um mundo de trabalho alienado onde a instância está em buscar a felicidade na abundância dos bens materiais e na dominação da natureza, e nesse processo ocorreu que:

O capitalismo monopolista da segunda metade do século vinte invadiu as regiões aparentemente marginais do Terceiro Mundo. O colonialismo cedeu lugar a um imperialismo econômico indisfarçável. Vivemos a época das organizações multinacionais. [...] Cada vez mais deixamos o trabalho autônomo por um emprego na organização [...] (ALBORNOS, 2002, p.25-26).

E com isso o processo de industrialização, o crescimento demográfico e êxodo rural fazem com que massas de indivíduos vão atrás de trabalho nas indústrias e organizações, e onde cada vez mais pessoas precisam se acomodar o desconforto, falta de espaço e de organização aparecem, isso proporciona mudanças nos hábitos desde alimentar-se, vestir-se e até relacionar-se transformando completamente o modo de viver.

Com a população crescendo a carência de produtos básicos de subsistência demanda a produção em massa de matérias e o tempo destinado ao trabalho ocupa maior parte preciosa da vida dos indivíduos. E esse contexto do trabalho nos forçou a submissão ao capital (ALBORNOS, 2002, p. 40), onde o trabalhador passa a produzir não para se manter, mas para manter o capital, nessa lógica a mão de obra barata permite não somente a produção de mercadoria, mas também a produção de mais-valia “[...] O trabalhador produz não para si, mas para o capital. Não basta,

portanto que produza em geral. Ele tem que produzir mais-valia” (MARX, 1984, p. 105).

A mais-valia segundo Marx está ligada à duração da jornada de trabalho onde o trabalhador produz dentro de algumas horas uma quantia equivalente pelo valor de sua força de trabalho, e além dessas horas passaria a produzir um valor apropriado pelo capital. Isso seria a produção de mais-valia absoluta (MARX, 1986).

Mas ainda há a mais-valia relativa onde Marx afirma que a jornada de trabalho esta dividida em trabalho necessário e mais-trabalho, assim para prolongar o mais-trabalho reduz-se o trabalho necessário, utilizando meios que permitam que o trabalhador receba o seu salário, mas produzindo em menos tempo, sendo assim a mais-valia relativa proporciona mudanças na produtividade e intensidade do trabalho (MARX, 1984).

Isso permite entender como a mão de obra do trabalhador no sistema capitalista sofre com a exploração e com a constante prolongação da jornada de trabalho para aumentar a mais-valia e a acumulação do capital²⁹.

O trabalhador esta nesse momento vivendo pelo interesse do capital e o roubo das energias físicas e espirituais destrói sua saúde fazendo com que chegue ao limite de horas de trabalho por dia³⁰.

Após longas décadas vivendo nessas condições os trabalhadores lutaram³¹ pela redução da jornada de trabalho e as conquistas foram sendo alcançadas. O ponto chave nessa discussão é que a diminuição da jornada de trabalho, a melhoria nas condições de vida dos trabalhadores, direito a repouso semanal, períodos de licença, férias anuais e diminuição de anos trabalhados que foram conquistados:

²⁹ Na perspectiva materialista-histórica-dialética o trabalho é entendido como fonte de riqueza, de realização humana e também de prazer, sendo assim, contribuía para os avanços da sociedade e dos indivíduos e isso só poderia trazer sentimentos de satisfação e contentamento. Marx (1974) defendia que o trabalho era uma condição da vida humana e que diferenciava os indivíduos dos animais. O trabalho seria segundo Marx expressão da condição ontológica inalienável do indivíduo.

³⁰ No capítulo A jornada de trabalho do livro I de O capital traz vários exemplos de como era insalubre, degradante e penoso a trabalho na época.

³¹ A Revolução Industrial começa no século XVII – XVIII, tem seu ápice no século XIX. No caso do Brasil a Revolução Industrial foi tardia aconteceu em meados dos anos 1930 a 1950. Desde o século XVII até os tempos de hoje os trabalhadores vem reivindicando melhores condições de trabalho. Alguns movimentos se destacaram como em 1811-1812 Movimento Ludista, Movimento Cartista (1837-1848), e as associações formadas por trabalhadores denominadas “trade-unions”. Essas lutas deram início a uma série de outras reivindicações para conquistas de melhores condições de trabalho. Fonte: http://www.clioistoria.hpg.ig.com.br/biblioteca/geral/hg_contemporanea/hg_contemporanea.htm Acesso em 10 09 1010.

Tiveram de ser garantidos pela burguesia [...] que soube perfeitamente como transformar em ganho para si o que lhe aparecera inicialmente como uma perda, inventando o consumo de massa [...] inventando necessidades fictícias de consumo por meio da indústria da moda, controlando o tempo livre dos trabalhadores com a indústria da moda, a do esporte e a do turismo (CHAUI, 1999, p. 48-49).

E é nesse momento que o capital dá ao trabalhador um tempo livre tornando-o muitas vezes alienado, consumista e subordinado as regras do jogo.

Com as mudanças no cenário do trabalho, surge uma categoria tempo livre, que pode ser entendida como tempo restante ao tempo de trabalho. Valores instituídos na sociedade afirmam o trabalho como sendo primordial na vida dos indivíduos e o tempo restante a ele só será bem utilizado quando proporcionar o restabelecimento das capacidades humanas para voltar ao trabalho.

O lazer inserido no contexto da sociedade moderna é um tempo curto que os indivíduos chamam de livre das obrigações. Nesse sentido o lazer no tempo livre pode ser entendido como meio de alienação.

A sociedade Moderna se tornou uma sociedade do consumo em massa, onde o lazer é visto como mercadoria e que segundo Mascarenhas:

[...] é comum ainda encontrarmos respostas que o associam (lazer) à participação e ao desenvolvimento, dentre outras possibilidades que evidenciam seu potencial formativo, mas o fato é que tendencial e predominantemente o que ele constitui mesmo é uma mercadoria cada vez mais esvaziada de qualquer conteúdo verdadeiramente educativo, objeto, coisa, produto ou serviço em sintonia com a lógica hegemônica de desenvolvimento econômico, emprestando aparências e sensações que, involucralmente, incitam o frenesi consumista que embala o capitalismo avançado. [...] o que estamos querendo dizer é que num movimento como nunca antes se viu o lazer sucumbe de modo direto e irrestrito à venalidade universal. A mercadoria não é apenas uma exceção no mundo do lazer como antes, mas sim a regra quase geral que domina a cena histórica atual (MASCARENHAS, 2005, p.141).

O autor nos revela que atualmente as perspectivas de desenvolvimento do lazer na sociedade pelos indivíduos estão sujeitas ao capital, e a dominação desse modo de pensar e agir o lazer evidenciam que essa nova mercadoria “produzida” está crescendo e parece que o que não faltará serão sujeitos dispostos a comprá-la.

As concepções sobre lazer apresentadas até o momento revelam muitos caminhos pelos quais podemos pensar o lazer. Contudo nesse momento utilizamos Cavichioli (2001) para demonstrar as limitações das abordagens teóricas expostas

acima. Cavichioli apóia-se em Gomes (2003, 2004) para dizer que os estudos sobre lazer estão divididas em determinadas correntes:

Inseridos na primeira corrente estão autores que consideram que o lazer existia nas sociedades mais antigas e que, portanto, sempre existiu (De GRAZIA, 1966; MUNNÉ, 1980; MEDEIROS, 1975). Do lado oposto, autores que entendem o lazer como um fenômeno moderno, com origem marcada nas modernas sociedades urbano-industriais (DUMAZEDIER, 1979; MARCELLINO, 1983; MELO; ALVES JUNIOR, 2003; MASCARENHAS, 2005)³².

Portanto esses autores apresentam análises sobre lazer baseado na dicotomia grosseira entre “trabalho e lazer”, ou, possuem uma “predisposição em assumir preceitos estruturados em opiniões políticas e morais, mais do que percepções científicas” ou ainda, balizam os estudos no pensamento teológico (CAVICHIOILLI, 2001, p. 297).

O autor explica que as pesquisas e estudos sobre lazer que trazem essa linha de pensamento acabam muitas vezes caindo em uma armadilha e pouco contribuindo para o avanço dos estudos científicos.

Essa armadilha esta no fato, muitas vezes, do autor estar com o posicionamento político motivado pela necessidade de transformações sociais³³, apresentando o lazer com instrumento que tem como função auxiliar nessa transformação social.

E vimos na construção desse texto, que apresentou diversos enfoques sobre lazer, vários deles estão ligados a essas dicotomias ou a posicionamentos políticos no sentido descrito acima.

Portando, e, para evitar cair também nessa armadilha, buscamos novo referencial teórico para pensar nosso objeto em Elias e Dunning visualizamos bases teóricas e categorias de análise que aparentemente nos ajudam a compreender e analisar os dados empíricos dessa pesquisa, aproximando com a noção de representações sociais anunciado no 2º capítulo, parte um: “REPRESENTAÇÕES

³² CAVICHIOILLI F., REIS L. J., STAREPRAVO, F. A. A Ocorrência histórica do Lazer: Reflexões a partir da perspectiva configuracional. Disponível em: http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:cWijpjcByhQJ:boletimef.org/biblioteca/2455/artigo/BoletimEF.org_A-ocorrencia-historica-do-lazer.pdf+abordagens+cientificas+no+campo+do+lazer+cavichioli&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESi19jx_D9bl-d3WIXwPQTjR0H_CrhEk65kelyYHuhgV5leZkz76aR467KIZCifesk49msuf_JacS23v8FWCw4KKsCMDpSdCWfwigCyUE_XVJMa9z-lip63xhP6QDndbXsVD8SdGh&sig=AHIEtbSq1E2qjvq_zboiqR0ORUP6-uYRkw&pli=1 Acesso em 06 02 2011.

³³ Ver Marcellino (2001).

SOCIAIS: O conceito de representações coletivas em Durkheim e o enfoque da Psicologia Social em Moscovici”. Na sequência desse texto procuramos discutir o lazer dentro da lógica desses autores.

2.3. LAZER NA BUSCA DA EXCITAÇÃO: o enfoque de Norbert Elias e Dunning.

A popularização do termo lazer que vivenciamos hoje, onde a maioria das pessoas são capazes de falar dele, definindo-o ou praticando-o, nos faz perceber que esse fenômeno está nas práticas sociais e presente no cotidiano.

Como vimos anteriormente o lazer pode ser associado ao trabalho, ao tempo livre e ao consumo. Contudo uma das formas de compreender o lazer apresenta-se como independente da sua relação com o trabalho, focando suas bases na busca pela excitação, pelas emoções e por sentimentos que durante o processo de desenvolvimento da sociedade foram sendo controlados³⁴ (ELIAS, 1994).

Esse processo revela o lazer como sendo um fenômeno construído historicamente. Sendo assim não podemos simplesmente dizer quando e como o lazer surgiu, pois, as modificações que decorrem de um processo histórico-social não podem ser entendidas como fruto de planos racionais. Contudo, é possível afirmar que essas ações são fruto de atos humanos (ELIAS, 1994).

Sendo assim, procuramos compreender o lazer por meio da teoria configuracional:

De acordo com a teoria configuracional, um fenômeno que ocorre no seio da sociedade não pode nem deve ser compreendido de maneira estática, como se as relações sociais que formam essa sociedade fossem imutáveis, formando-se instantaneamente de uma hora pra outra, mas sim como resultado de uma longa e intensa cadeia de modificações sociais que se produzem e se transformam ao longo dos tempos. Assim, compreender um fenômeno social que é visivelmente percebido em um determinado período histórico exige que se compreenda que ele é fruto de um processo contínuo, por vezes demasiadamente longo, que sofrendo avanços e recuos nem sempre caminha na mesma direção – não-linear, por assim dizer³⁵.

³⁴ O processo de controle das emoções é um aspecto básico dentro da Teoria do Processo Civilizador. Seus dois volumes tratam das mudanças ocorridas nas condutas sociais, na sociedade e personalidade da Europa ocidental durante o período de 850 a 1850, sendo a maior parte das evidências documentais utilizadas da segunda metade deste período: 1350 a 1850 (ELIAS, 1994).

³⁵ CAVICHIOLO F., REIS L. J., STAREPRAVO, F. A. A Ocorrência histórica do Lazer: Reflexões a partir da perspectiva configuracional. Disponível em: http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:cWijpjcByhQJ:boletimef.org/biblioteca/2455/artigo/Boleti mEF.org_A-ocorrencia-historica-do-lazer.pdf+abordagens+cientificas+no+campo+do+lazer+cavichi olli&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESi19jx_D9bl-d3WIXwPQTjfr0HCrhEk65kelyYHuhgV5leZ

Nesse sentido, esses fenômenos constituintes de padrões altamente mutáveis e inconstantes são criados e mantidos por seres sociais, e, a sociedade [...] “exerce influência sobre cada ser humano, cada eu individual” (ELIAS, 1980, p. 21), mas há uma inter-relação entre os indivíduos e a sociedade.

Em Norbert Elias há uma amplitude de concepções para se entender a sociedade. Vejamos que em razão do autor buscar analisar não somente o indivíduo em si, mas sim conceitos de formação, interdependência, equilíbrio das tensões, poder, fazendo com que compreendamos a sociedade de uma forma diferente da que, por exemplo, Durkheim compreendia. Para esse autor a sociedade era estática e mecanizadora reservando ao homem um papel secundário de apenas comprimento de funções.

Já Elias ao analisar e entender a sociedade como um processo de evolução e de desenvolvimento social acreditava que: “[...] as pessoas constituem teias de interdependência ou configurações de muitos tipos, tais como famílias, escolas, cidades, estratos sociais ou estados” [...] e que “[...] cada uma dessas pessoas constitui um ego ou uma pessoa, como muitas vezes se diz numa linguagem reificante. Entre estas pessoas colocamo-nos nós próprios.” (Elias, 1970, p. 15-16).

Dessa maneira já é possível visualizar que para Elias a compreensão dos fenômenos na sociedade só é possível a longo prazo, pois é partir da compreensão das evoluções de longa duração que poderemos compreender com mais cientificidade os fatos atuais.

Ainda nesse sentido Elias destaca que “[...] Que tipo de formação é essa, esta 'sociedade' que compomos em conjunto, que não foi pretendida ou planejada por nenhum de nós, nem tampouco por todos nós juntos?” (ELIAS, 1994, p. 13). Afirmando ainda que [...] “ela só existe porque existe um grande número de pessoas, só continua a funcionar porque muitas pessoas, isoladamente, querem e fazem certas coisas, e no entanto sua estrutura e suas grandes transformações históricas independem, claramente, das intenções de qualquer pessoa em particular” (ELIAS, 1994, p.13).

Mas podemos afirmar que a sociedade pensa e constrói a sua realidade histórico-social (MOSCOVICI, 2009), a questão é fazer uma síntese do real de tal forma que possamos visualizar essas relações de interdependência julgadas por Elias como prioritárias para a compreensão dos indivíduos e da sociedade.

Outro aspecto importante na teoria de Elias para compreender os indivíduos no processo de civilização e na construção da realidade é a sociogênese e a psicogênese. Essa teoria diz que [...] “toda e qualquer transformação ocorrida na estrutura da personalidade do ser individual (psicogênese), produz uma série de transformações na estrutura social em que o indivíduo está inserido” [...] (BRANDÃO, 2000, p.10). Ou seja, diz respeito às transformações do comportamento humano, e [...] “Da mesma maneira, as diversas transformações que ocorrem constantemente nas estruturas das sociedades (sociogênese), especialmente nas relações sociais, produzem alterações nas estruturas de personalidades dos seres individuais que a compõem” (BRANDÃO, 2000, p.10-11).

Para Elias (1993) esses dois conceitos (psicogênese e sociogênese) não se separam, ou seja, as transformações gerais sofridas pelas sociedades e as ocorridas nas estruturas de personalidade dos indivíduos formam uma relação de correspondência mútua, nesse sentido o autor afirma que é impossível, portanto, separar indivíduo e sociedade.

Como Norbert Elias trabalha com a teoria configuracional ele entende que esses dois processos acontecem em longo prazo e que é necessário haver um estudo psicogenético para compreender o indivíduo psíquico e é necessário também um estudo sociogenético para compreender “a estrutura total de um campo social formado por um grupo específico de sociedades interdependentes e da ordem seqüencial de sua evolução” (ELIAS, 1993, p. 239).

Essas transformações individuais (psicológicas) ocorrem do controle externo das emoções e dos sentimentos decorrentes do processo civilizador. Contudo além de sofrer alteração pelo meio em que vive, o indivíduo também pode influenciar esse meio e modificá-lo. Na Obra de Elias e Dunning podemos observar o lazer como forma de compreensão desse processo de civilização.

O lazer é refletido na obra o Processo Civilizador onde Elias demonstra que os indivíduos, nesse longo processo, refrearam suas pulsões, aumentando seu autocontrole por meio de mecanismos externos expressos em leis e mecanismos internos na mudança do patamar dos sentimentos de vergonha e delicadeza

(ELIAS,1994), e isso possibilitou a formação de uma sociedade com regras e leis que acabaram por influenciar a vida e os sentimentos das pessoas.

Segundo Cavichioli *et al* (2001, p. 301):

Nas sociedades mais diferenciadas e complexas profundamente organizadas, com alto grau de interdependência, as pressões e as formas de controle externo e interno são extensivas a todos os momentos vividos pelos seres humanos, resultando na monotonia das emoções. [...] O termo monotonia está associado a determinados tipos de restrições impostas pelas sociedades cotidianas – alegria, tristeza, amor e ódio, chorar compulsivamente – os excessos desses sentimentos foram amortecidos por restrições embutidas, conservadas por aquilo que se espera de cada indivíduo de acordo com sua posição social que em parte foram tão arraigadas em cada indivíduo, e por vezes passam a ser consideradas como “naturais”.

Esse contexto em que as emoções foram sendo restringidas pode ser compreendido no relato do processo civilizacional de longa duração descrito em o Processo Civilizador escrito por Norbert Elias (1994).

Em O Processo Civilizador (1994) o autor utiliza poemas (*Tischzuchten*) escritos em meados do século XIII sobre boas maneiras e como se comportar, por exemplo, a mesa, para dizer que o comportamento, os hábitos e as regras mudam, e também demonstrar como os indivíduos foram condicionados a essas mudanças:

Esses *Tischzuchten* e livros sobre boas maneiras constituem um gênero literário em si. Se a herança escrita do passado é examinada principalmente do ponto de vista do que estamos acostumados a chamar de “importância literária”, então a maior parte deles não tem valor. Mas se analisamos os modos de comportamento que, em todas as idades, cada sociedade esperou de seus membros, tentando condicioná-los a eles, se desejamos observar mudanças de hábitos, regras e tabus sociais, então essas instruções sobre comportamento correto, embora talvez sem valor como literatura adquirem especial importância. Lançam alguma luz sobre elementos do processo social em relação aos quais possuímos, pelo menos no que se refere ao passado, pouquíssimas informações diretas. Mostram-nos com exatidão a que estamos procurando - isto é, padrões de hábitos e comportamentos que a sociedade, em uma dada época, procurou acostumar o indivíduo. Esses poemas e tratados são em si mesmo instrumentos diretos de um “condicionamento” ou “modelação”, de adaptação do indivíduo a esses modos de comportamento que a estrutura e situação da sociedade onde vive tornam necessários. E mostram ao mesmo tempo, através do que censuram e elogiam, a divergência entre a que era considerado em épocas diferentes, maneiras boas e más (ELIAS, 1994, p. 95).

Apesar dos escritos de Elias estabelecerem a questão do controle das emoções, tendo como foco a sociedade européia, construindo uma teoria centrada

na Europa, não significa dizer que se trata de uma teoria eurocêntrica. Sendo assim, esses poemas demonstram uma série de regras que os indivíduos deveriam se adaptar, e na maioria das vezes se adaptam, não precisando necessariamente serem europeus (ELIAS, 1994).

Vejamos um exemplo de comportamentos citado pelos autores no livro *O Processo Civilizador*, item IV- Do comportamento à Mesa:

Século XIII

Vejamos o poema de Tannhiuser sobre as maneiras cortesias:

1. Considero homem bem educado aquele que sempre pratica boas maneiras e nunca se Mostra grosseiro.
2. Há muitas formas de boas maneiras e elas servem a muitos bons fins. O homem que as adapta nunca erra.
25. Quando comes, não esqueças os pobres. Deus te recompensará se os tratares bondosamente.
33. Um homem refinado não deve arrotar na colher quando acompanhado. É assim que se comportam pessoas na corte que praticam ma conduta.
31. Não é polido beber no prato embora alguns que aprovam esse grosseiro hábito insolentemente levem o prato e o sorvam como se fossem loucos.
41. Os que caem sobre os pratos como suínos quando comem bufando repugnantemente e estalando os lábios [...] (ELIAS, 1994, p. 96).

Esse é apenas um dos vários exemplos trabalhados no livro com intuito de demonstrar como se deram alguns hábitos e costumes no processo de civilização e embora tenhamos optado somente em descrever brevemente é importante ressaltar que no livro o tema é explorado densamente.

E assim como hábitos e maneiras de se comportar a mesa as emoções também foram sendo controladas:

Pode-se ver que as maneiras, nestes casos, continuam em processo de formação. O novo padrão não surge da noite para o dia. Algumas formas de comportamento são proibidas não porque sejam anti-higiênicas, mas por que são feias vistas e geram associações desagradáveis. A vergonha de dar esse espetáculo, antes ausente, e o medo de provocar tais associações, difundem-se gradualmente dos círculos que estabelecem o padrão para outros mais amplos, através de numerosas autoridades e instituições. Não obstante, uma vez sejam despertados e firmemente estabelecidos na sociedade, esses sentimentos através de certos rituais, como o que envolve o garfo, são constantemente reproduzidos enquanto a estrutura das relações humanas não for fundamentalmente alterada. A geração mais antiga, para quem esse padrão de conduta é aceito como natural, insiste com as crianças, que não vieram ao mundo já munidas desses sentimentos e deste padrão, para que se controlem mais ou menos rigorosamente de acordo com os mesmos e contenham seus impulsos e inclinações. Se tenta tocar alguma coisa pegajosa, úmida ou gordurosa com os dedos, a criança é repreendida: "Você não deve fazer isso". "Gente fina não faz isso". E o desagrado com tal conduta, que é assim despertado pelo adulto, finalmente

crece com o hábito, sem ser induzido por outra pessoa. (ELIAS, 1994, p. 134).

Assim a conduta e o modo de se viver se enraíza no subconsciente humano provocando uma espécie de controle que [...] “em parte – já não se encontra sob o seu domínio. Tornou-se um aspecto da estrutura profunda da sua personalidade” (ELIAS, DUNNIG, 1992, p.103), que:

[...] também se transforma. As proibições apoiadas em sanções sociais reproduzem-se no indivíduo como formas de autocontrole. A pressão para restringir seus impulsos e a vergonha sociogenética que os cerca - estes são transformados tão completamente em hábitos que não podemos resistir a eles mesmo quando estamos sozinhos na esfera privada. Impulsos que prometem e tabus e proibições que negam prazeres, sentimentos socialmente gerados de vergonha e repugnância entram em luta no interior do indivíduo (ELIAS, 1994, p. 189).

Nesse sentido o indivíduo se depara com certas emoções que devem ser veladas, como por exemplo, chorar em público ou então expressar medo ou raiva. Mas:

A estrutura emocional do homem é um todo: Podemos dar a instintos particulares diferentes nomes, de acordo com suas diferentes orientações e funções, falar de fome ou de necessidade de escarrar, de desejos sexuais e de impulsos agressivos, mas, na vida, esses vários instintos não podem ser mais separados do que o coração do estômago, ou o sangue no cérebro do sangue nos órgãos genitais. Eles se complementam e em parte se substituem transformam-se dentro de certos limites e se compensam mutuamente. Uma perturbação aqui manifesta-se ali. Em suma, eles formam uma espécie de circuito no ser humano, um sistema parcial dentro do sistema total do organismo. Sua estrutura é ainda obscura sob finitos aspectos mas não há dúvida que sua forma socialmente impressa e de importância decisiva para o funcionamento tanto da sociedade como dos indivíduos que a compõem (ELIAS, 1994, p. 189-190).

A partir dessa afirmação, podemos dizer que os indivíduos numa sociedade foram se adaptando a uma ordem vigente, mas os instintos permanecem sob uma espécie de controle da emoção. Elias cita alguns exemplos tendo por base o instinto da agressividade: as mutilações de prisioneiros pela honra do Rei, a tortura e mutilação dos pobres, e a matança dos devedores e ladrões (ELIAS, 1994).

Assim sendo:

Nas nossas sociedades, os adultos tornaram-se, em regra, tão habituados a não agirem de acordo com os seus sentimentos que esta restrição, com frequência, lhes parece ser o normal, o estado natural dos seres humanos, em especial se, em larga medida, a auto-restrição se torna automática.

Mesmo que o desejassem, não podiam abrandar o desenvolvimento interno do controle. [...] O grau e o padrão deste treino para o auto - controle varia de sociedade para sociedade, de acordo com o estágio do padrão específico do seu desenvolvimento. Em geral, pode dizer-se que o tipo de socialização característico das sociedades altamente industrializadas terem como resultado uma interiorização mais forte e mais firme do autocontrole individual, resultando numa armadura de autodomínio, a qual opera de forma relativamente harmoniosa e, em comparação, de maneira moderada — mas sem demasiadas saídas — em todas as esferas da vida (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 166).

A partir desse controle estabelecido surge a necessidade de buscar o autocontrole e equilíbrio por meio das atividades que, de algum modo, possam aliviar as emoções reprimidas, liberando-as, e que, a excitação exercida por elas esteja dentro de um plano aceitável pela sociedade, pois:

Nenhuma sociedade pode sobreviver sem canalizar as pulsões e emoções do indivíduo, sem um controle muito específico de seu comportamento. Nenhum controle desse tipo é possível sem que as pessoas antepõem limitações umas às outras, e todas as limitações são convertidas, na pessoa a quem são impostas, em medo de um ou outro tipo (ELIAS, 1994, p. 270).

Sendo assim, as próprias sociedades humanas desenvolveram formas de alívio destas tensões e emoções reprimidas por meio de atividades de lazer, que por sua vez, proporcionariam sensações agradáveis e de prazer.

Segundo Norbert Elias e Eric Dunning essas sensações são assim apresentadas:

Existem grandes variações na maneira como a excitação agradável, a diletante vibração das emoções proporcionadas pelas atividades de lazer, se pode expressar e, até que se estudem com maior detalhe as ligações entre a estrutura das atividades de lazer e da ressonância emocional que provocam em atores ou espectadores, seria prematuro avançar explicações, ainda que a título experimental, para as variedades de prazer proporcionadas (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 131).

Isso quer dizer que o campo das emoções que proporcionam o prazer possuem uma condição abstrata, onde cada indivíduo em determinado contexto manifestará uma reação diferente de outro indivíduo mesmo que este esteja no mesmo contexto.

Embora Elias tenha centrado seus estudos nas atividades de esporte para entender a excitação que uma atividade de lazer possa trazer, ele diz que na

verdade não são as atividade de lazer pelas quais as pessoa optam em realizar que trazem emoções, e sim que as emoções são renovadas por meio dessas atividades.

Elias e Dunning descrevem isso como tensões miméticas que, na verdade, são emoções que os indivíduos buscam por meio do lazer vivenciando sentimentos de euforia, tristeza, ódio, raiva, alegria de maneira controlada, ou seja, os sentimentos vividos na “vida real” são reproduzidos no lazer e “[...] muitas dessas ocupações de lazer, entre as quais o desporto nas suas formas de prática ou de espetáculos, são então consideradas como meios de produzir um descontrolo de emoções agradável e controlado” (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 73), nesse caso a lógica é da atividades de desporto.

A partir dessa afirmação vemos o lazer como fonte de excitação e busca de emoções satisfazendo as necessidades humanas de prazer, mesmo que seja feito de forma controlada. Essa satisfação proporciona um certo equilíbrio e controle das atividades e emoções na vida exterior:

Sob a forma de factos de lazer, em particular os da classe mimética, a nossa sociedade satisfaz a necessidade de experimentar em publico a explosão de fortes emoções - um tipo de excitação que não perturba nem coloca em risco a relativa ordem da vida social, como sucede com as excitações de tipo sério (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 112).

E embora essas emoções fortes fossem amortecidas e restringidas pelos poderes sociais vigentes em cada época e “[...] restrições embutidas conservadas pelo controlo social, que, em parte, são incrustadas de modo tão profunda que não podem ser abaladas”, as excitações obtidas pelas atividades de lazer constituem uma forma de extrapolar emoções dentro de uma aceitabilidade da sociedade (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 112).

Segundo os autores não há certeza do sentido original do termo mimético mas é possível sugerir o que signifiquem hoje:

O termo mimético refere-se a este aspecto de um tipo de factos e experiências de lazer. O seu sentido literal é imitativo, mas já na Antiguidade era usado num sentido mais alargado e figurado. Referia-se a todas as espécies de formas artísticas na sua relação com a realidade, quer possuíssem um caracter de representação ou não. Contudo, o aspecto mimético que é uma característica comum de todos os factos de lazer classificados sob esse nome, destacado ou minimizado segundo as avaliações correntes, desde as tragédias e sinfonias até ao pôquer e a roleta, não significa que se trate de representações de factos da vida real, mas antes que as emoções — os sentimentos desencadeados por elas —

estão relacionadas com as que se experimentam em situações da vida real transpostas apenas e combinadas com uma espécie de prazer (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 124-125).

Essa conceituação de mimetismo de Elias e Dunning associa as atividades de lazer com a necessidade humana de experimentar as tensões agradáveis produzidas durante as mesmas, e ainda, a capacidade que elas têm, de certa forma, de reproduzir as emoções vivenciadas na realidade.

O termo mimético não está somente relacionado ao contexto literal de adaptação ou imitação, mas, num sentido figurado, o conceito eliasiano diz respeito a todas as formas físicas e artísticas na sua relação com a realidade. Não é simplesmente uma imitação de acontecimentos reais, mas o despertar de emoções relacionadas à vida real.

“A excitação mimética é, na perspectiva social e individual, desprovida de perigo e pode ter um efeito catártico”³⁶ (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 125) [...], isso significa que as emoções excitadas pelo lazer podem ter efeitos curativos devido à sensação agradável que produzem. “O carácter essencial do seu efeito catártico é a restauração do tônus mental normal através de uma perturbação temporária e passageira da excitação agradável” (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 138).

Estamos falando de uma excitação onde o indivíduo se sente encorajado, provocado a procurar alívio da repressão social:

Creio que a satisfação de uma necessidade humana através do prazer, e, em particular, por intermédio da agradável excitação que equilibra o controlo regular dos sentimentos na vida exterior ao lazer, é uma das funções básicas que a sociedade humana possui para a sua satisfação (ELIAS, DUNNING, 1992, p.97).

Entendemos que [...] “Existem muitos matizes e graus de prazer e de satisfação que o cognoscenti pode encontrar nestas atividades de lazer” (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 134), contudo podemos afirmar que o prazer está relacionado a práticas de lazer.

Segundo Gutierrez (2001) sentir prazer em alguma atividade realizada distingue o lazer de outras atividades, pois não existe lazer sem que haja expectativa de prazer. Para o autor prazer tanto depende de como é condicionada a

³⁶ Catártico palavra que deriva do termo catarse, que diz respeito a termos médicos em relação com o expulsar de substâncias nocivas do corpo.

concepção em determinada sociedade, como da relação estabelecida entre o indivíduo e o meio.

Talvez seja por isso que o objeto lazer traga consigo dificuldades de interpretação em relação a sua manifestação, pois incorpora aspectos extremamente importantes de subjetividade. E isso significa que a dimensão do estudo do lazer enquanto atividade que gera emoções fica limitada as já limitadas metodologias de pesquisa.

Entretanto, segundo Elias e Dunning (1992), nem todas as atividades de lazer:

[...] proporcionam uma satisfação optima. Um jogo muito excitante pode ser perdido pela sua equipa. Nesse caso, as pessoas continuarão em geral a levar ainda para casa o gosto da sua excitação agradável, mas este divertimento não será tão puro como no primeiro caso. Mas um jogo muito bom pode acabar num empate. Nesta situação, entra-se numa área de controvérsia. O consenso — muito elevado nos casos que temos mencionado — parece diminuir logo que se atinge o único limite da escala que mencionamos, onde se encontra de novo um vincado nível de consenso. No futebol, como em todos os outros factos miméticos, existem sem dúvida insucessos. Para uma pesquisa sobre os prazeres do lazer, não é menos relevante estudar o character distintivo dos fracassos do que estudar aqueles que proporcionam uma satisfação. Os jogos que não satisfazem são, por exemplo, aqueles em que uma equipa é tão superior à outra que a tensão está ausente; sabe-se, de antemão, quem vai ganhar. Dificilmente existe aí qualquer surpresa e sem ela não há excitação. As pessoas não sentem grande prazer em semelhante jogo (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 134).

Os níveis de excitação e prazer causados em pessoas que praticam alguma forma de lazer mimético dependem de uma análise psicológica, biológica e social e de um estudo mais aprofundado, visto a complexidade e especificidade de cada caso.

O que podemos afirmar em relação à busca por essas atividades é que:

Nas sociedades mais desenvolvidas, a escolha individual das actividades de lazer também depende das oportunidades construídas antecipadamente, e estas mesmas actividades são habitualmente moldadas por fortes necessidades de estimulação social, directamente ou em convivência com o lazer mimético (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 157).

Para compreender o lazer vimos que Elias e Dunning apresentam essa atividade numa perspectiva de controle das emoções que são fruto do processo de civilização que algumas sociedades foram sendo submetidas.

Mas as atividades de lazer em Elias e Dunning possuem outro aspecto que deve ser refletido: o tempo livre.

Para esses autores há uma distinção entre as atividades no tempo livre e atividades de lazer. Há uma classificação que recebe o nome de espectro do tempo livre, vejamos:

O Espectro do Tempo Livre

1. Rotinas do tempo livre, subdividido em:
 - a) Provisão rotineira das necessidades biológicas.
 - b) Rotinas familiares e rotinas com a casa.
2. Atividades intermediárias de tempo livre que servem principalmente para satisfazer necessidades de formação e/ou também auto-satisfação e autodesenvolvimento, subdivididas em:
 - a) trabalho particular voluntário;
 - b) trabalho particular para si próprio,
 - c) “Hobbies”, leituras, trabalhos em madeira;
 - d) Atividades religiosas;
 - e) Atividades de formação de caráter mais voluntário, socialmente menos controlado e com frequência de caráter accidental.
3. Atividades de lazer, subdivididas em:
 - a) Atividades puras ou simplesmente sociáveis:
 - I) Participar como convidado em reuniões formais;
 - II) Participar em lazer comunitário, relativamente informal.
 - b) Atividades de jogo ou miméticas. Subdivididas em:
 - I) Participar em atividades miméticas de elevado nível organizativas - jogar futebol.
 - II) Participar como espectador em atividades miméticas bastante organizadas – assistir uma partida de futebol.
 - III) Participar em atividades miméticas menos organizadas; dança, montanhismo.
 - c) Miscelânea de atividades de lazer menos especializadas: viajar nos feriados, comer fora, passeio à pé³⁷.

Como podemos ver, todas as atividades de lazer são atividades de tempo livre, mas nem todas as atividades de tempo livre são de lazer. Quando Elias se refere a um espectro de atividades é justamente porque há sobreposição e combinação de características, talvez seja por essa característica que o autor não tenha intenção de propor uma classificação rígida.

Segundo Elias e Dunning:

O espectro do tempo livre é um quadro de classificação que indica os principais tipos de actividades de tempo livre nas nossas sociedades. Com o seu auxilio, podem observar-se rapidamente factos que estão, com frequência, obscurecidos pela tendência para equacionar o tempo livre enquanto actividades de lazer: algumas actividades de tempo livre terem o caracter de trabalho, ainda que constituam um tipo que se pode distinguir do trabalho profissional; algumas das actividades de tempo livre, mas de modo

³⁷ ELIAS; DUNNING. Em busca da excitação. 1992, p. 146, 147, 148.

algum todas, são voluntárias; nem todas são agradáveis e algumas são altamente rotineiras. As características especiais das actividades de lazer só podem ser compreendidas se forem consideradas, não apenas em relação ao trabalho profissional mas, também, em relação às várias actividades de não lazer, no quadro de tempo livre. Desta maneira, o espectro do tempo livre contribui para dar maior precisão ao problema do lazer (ELIAS, DUNNING, 1992, 149).

Sendo assim, as actividades de tempo livre apresentam entre si diferentes matizes, podendo fundir-se e/ou justapor-se entre si. Contudo mantém um eixo norteador capaz de dar suporte teórico geral.

Ressaltamos ainda que por o autor trabalhar o tempo livre e o lazer fora da perspectiva tradicional em que o lazer se liga ao trabalho não necessariamente teremos actividades de lazer em todo tempo livre:

[...] a polarização do lazer e do trabalho na sua forma tradicional é inadequada. Sugere que todo o tempo que não é despendido no trabalho, no sentido de uma ocupação de trabalho remunerado, ou seja, todo o tempo livre, pode ser dedicado a actividades de lazer (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 110).

Nessa lógica há possibilidade de realizar várias actividades durante o tempo livre, sejam elas trabalho remunerado, trabalho para si, lazer, etc. E nessa:

[...] polarização convencional do trabalho e lazer, o termo trabalho refere-se habitualmente a uma única forma específica de trabalho — o tipo de trabalho que as pessoas executam como modo de ganhar a vida. Nas sociedades mais diferenciadas e urbanizadas, este é um tempo rigidamente regulado e, na maior parte dos casos, um tipo de trabalho altamente especializado. Em paralelo, no seu tempo livre, os membros destas sociedades têm em geral de fazer uma boa parte de trabalho sem remuneração. Só uma porção do seu tempo livre pode ser votada ao lazer, no sentido de uma ocupação escolhida livremente e não remunerada — escolhida, antes de tudo, porque é agradável para si mesmo. Nas sociedades como as nossas, cerca de metade do tempo livre dos indivíduos é, em geral, dedicado ao trabalho (ELIAS E DUNNING 1992, p. 107).

Portanto Elias abandona a tradicional dicotomia que por vezes limitam a compreensão do fenómeno lazer, e, é a partir desse suporte teórico sobre o espectro do tempo livre que vemos há a possibilidade de compreender a unidade estrutural que existe por trás dessa variedade de ocupações de lazer. Segundo os autores no centro dessa unidade estrutural permanece a separação rígida entre uma esfera da vida social onde predominam actividades com objetivos impessoais que tem como prioridade às funções daquilo que fazemos pelos outros, assim como as

funções que realizamos para nós mesmos. Essas duas funções geram satisfações emocionais estritamente subordinadas a fria reflexão, ou seja, são relativamente desprovidos de emoções.

As atividades de lazer preenchem essas funções por uma diversidade de meios, os quais são chamados pelos autores como “elementos do lazer” que são a sociabilidade, mobilidade e imaginação, e:

Se olharmos para as categorias de actividades de lazer indicadas no espectro do tempo livre, pode ver-se, de imediato, que não há nenhuma actividade onde estas três formas elementares de ativação emocional se encontrem ausentes. Também se pode ver que dois ou três destes elementos se combinam com frequência embora, um deles possa ser dominante em qualquer das actividades. Cada um destes elementos pode servir, a sua maneira, como um meio de atenuar os controlos que, na esfera do não lazer, mantêm severamente vigiadas as inclinações afectivas das pessoas (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 178).

Segundo os autores, considerar esses elementos aponta para o modelo geral dos indivíduos, ou seja, para um equilíbrio de tensão instável [...] “entre uma esfera onde a actividade intelectual impessoal e o controlo das emoções que a acompanha prevalece sobre a estimulação das actividades emocionais” [...] (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 178), e na outra esfera [...] “onde a excitação agradável de semelhante processo emocional prevalece e os controlos inibitórios estão enfraquecidos” (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 178).

Isso quer dizer que cada um desses elementos pode servir como meio para atenuar os controlos que, na esfera de não lazer, mantêm as emoções dos indivíduos severamente vigiadas (ELIAS, DUNNING, 1992).

Para explicar essas funções os autores delimitam duas esferas. A primeira é a sociabilidade que:

[...] como um elemento básico do lazer desempenha um papel na maioria das actividades de lazer, senão em todas. O que significa dizer que um elemento do prazer e o sentimento agradável vivido pelo facto de se estar na companhia dos outros sem qualquer obrigação ou dever para com eles, para além daqueles que se tem voluntariamente (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 179).

Neste caso então o lazer oportuniza uma maior e mais profunda interação entre as pessoas e em decorrência disso uma amigável emotividade, a qual se

diferencia da praticada, e de certo modo, considerada normal, no âmbito das atividades profissionais e também nas atividades de não lazer.

E a outra esfera é o lazer mimético que como vimos nesse capítulo são atividades que tem função de antídotos para as rotinas da vida, e que proporcionam ao indivíduo experimentar tensões relativamente iguais às experimentadas na vida real, tendo efeito catártico ou não.

Voltando ao início dessa pesquisa, onde dissertamos sobre o objeto em estudo, temos a questão do *Hip-Hop* e os quatro elementos que o compõe, como base para compreender atividades que podem ser de lazer. Então, a partir do embasamento teórico em Elias e Dunning delimitamos 3 categorias que iremos trabalhar nas análises: lazer e prazer, tempo livre e lazer mimético. Essas categorias foram escolhidas pois identificamos nas falas dos nossos sujeitos a relação do lazer com o prazer; as atividades que envolvem os elementos do *Hip-Hop* desenvolvidas nas rotinas de tempo livre e experiências em atividades que trazem alívio de tensões.

Na continuidade desse texto apresentamos uma reflexão sobre o Movimento *Hip-Hop* trazendo aspectos gerais do seu surgimento, o *Hip-Hop* no Brasil e em específico o Movimento em Ponta Grossa, pois é preciso entender o contexto em que os sujeitos dessa pesquisa estão inseridos.

3. CAPITULO 3

3.1 O MOVIMENTO HIP-HOP

Existem algumas divergências a respeito de onde e como o *Hip-Hop* surgiu, contudo, no final da década de 1960 um novo estilo musical começou a despontar nos bairros pobres conhecidos como guetos na África. Foi uma das primeiras manifestações culturais pela qual, os negros procuravam expressar seus sentimentos de reivindicação devido às condições miseráveis e problemas sociais que assolavam a África naquele período.



Imagem 3: Martin Luther King
Líder pacifista negro norte-americano.

O movimento cresceu, com influência intensa da luta dos negros pelos direitos civis ocorrida nos anos 60, com base forte na ideologia pacifista de Martin Luther King, que defendeu desde o começo da sua militância a alternativa do diálogo pregando o amor e a não-violência desde os anos 50.

Martin envolveu-se com o Movimento pelos Direitos Civis e procurava a solução para os problemas da população negra.

Contudo, o “auge” do Movimento *Hip-Hop* acontece na segunda metade da década de 1970, por meio do África Bambaataa que foi um dos primeiros DJs que tocava as primeiras batidas e mixagens do

Breakbeate³⁸.

Seu grupo Zulu Nation cresceu e virou um movimento internacional, tendo inclusive representantes brasileiros. Esse movimento iniciou no Bronx (USA), desenvolvido por jovens afro-americanos e por caribenhos, como uma nova expressão cultural, em um momento de transição da cidade nova-iorquina, mergulhada no desemprego, na crise da industrialização, no aumento da violência, fatores que incidiam diretamente sobre a juventude (STOPPA, 1999).



Imagem 4: África Bambaataa é um DJ Estado-unidense e líder da Zulu Nation, reconhecido como fundador oficial do *Hip Hop*.

³⁸ Breakbeat é uma vertente musical do estilo eletrônico.

Na busca por melhores condições de vida, a comunidade negra se uniu com intuito de reivindicar direitos de uma maneira alternativa. Por esse motivo encontra no Movimento *Hip-Hop* uma das primeiras expressões para de alguma forma catalisar a população e seus anseios em torno de expressões de luta social, utilizando como estratégia manifestações culturais, sejam elas por meio da dança, da música e do grafitti.

Com base nesses quatro elementos a arte (grafite), linguagem peculiar (*rap*), dança (*Break*) e música (*DJ*) o *Hip-Hop*, que significa literalmente saltar movimentando os quadris, é o meio pelo qual seus integrantes demonstram a cultura, os seus valores, ideologias e pensamentos.

Podemos dizer que o *Break* foi a primeira vertente de toda essa cultura *Hip-Hop*. Cada movimento de *Break* possui como base o reflexo do corpo debilitado, ferido dos soldados americanos ou então algo utilizado no confronto, por exemplo, o *Head Spin* apoiando a cabeça no chão, o impulso com os braços faz com que o corpo gire, simbolizando os Helicópteros, esses movimentos foram criados como protesto contra a guerra do Vietinã (FOCHI, 2007³⁹).



Foto 3: Na Praça do Prado no bairro da Ronda em Ponta Grossa acontecia um evento no dia 13 12 2009. Com apresentações dos integrantes do Movimento *Hip-Hop* de break.

Existem diversos estilos no elemento dança do *Hip-Hop* o *locking* e *popping* que foram desenvolvidos na década de 1970 por negros e Latino-americanos, o *Breaking krumping* surgiu na década de 1990, na cidade de Los Angeles. A principal diferença que separa o *break* das outras danças são os movimentos de improvisação onde os dançarinos de *Hip-Hop* se envolvem em disputas realizadas em um espaço que se forma naturalmente uma vez que a dança começa (COSTA, 2008⁴⁰). A seguir podemos ver imagens de integrantes do Movimento dançando no

³⁹ FOCI. Marcos Alexandre Bazeia. **Hip hop brasileiro: Tribo urbana ou movimento social?** Disponível em: http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_17/fochi.pdf Acesso em 07 07 2010.

⁴⁰ COSTA. Sara Maria Guimarães Maia. **O papel da dança na (sub) cultura Hip Hop.** Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14546/2/O%20papel%20da%20dan%C3%A7a%20na%20subcultura%20hip%20hop.pdf> Acesso em: 07 07 2010.

estilo *Break Locking* realizados por um Grupo de dança que se apresentou no evento União de B-Boys:



Foto 4 e 5: Observação realizada em 16 de outubro de 2010 no Ginásio Oscar Pereira em Ponta Grossa onde acontecia o evento “União B-Boys”.

Na foto 4 temos os B-Boys se preparando para as batalhas de dança. As batalhas de dança são apresentações onde um B-Boy dança “provocando” o outro B-Boy e após os dois se apresentarem são julgados e somente um ganha a batalha prosseguindo assim para a próxima.



Foto 6: As batalhas entre os B-Boys.

Os B-Boys (abreviatura de “*Break Boy*” rapaz que dança no *Break* da música), começaram a se apresentar na periferia de Nova York, na década de 1970, ouvia-se o *Soul*, onde o cantor James Brown era o rei, e também surgia o *Funk*, um estilo

agressivo. Esses estilos musicais somados ao *Rhythm and Poetry* (Ritmo e Poesia, *Rap*), o *soul* e ao *Funk* são os ritmos do *Hip-Hop* (COSTA, 2008)⁴¹.

O sentimento por tudo que os negros passavam era expresso nas suas canções, falavam de mudança de atitude, valorização da cultura negra, revolta contra os opressores, fazendo do *rap* a sua voz. Segundo o integrante Gafanhoto⁴²: “o rap, inventaram, como uma forma de aumentar a auto-estima”.

Há diferentes estilos de *rap*, o *Gangstar Rap*, *Porno Rap*, *Love Rap*, *Brown Rap* entre outros, mas o que é importante ressaltar é que o rap é o ritmo aliado à essência da alma, a poesia e as manifestações culturais, sociais, por meio da qual o MC (cerimônia de mestre) passa a sua mensagem:

[...] ele é o cara que canta, às vezes você tá deprimido e você faz uma música sobre o sentimento, sobre amor, sobre alegria e isso aí incentivando os outros “caras” (INTEGRANTE LENART DO GRUPO MANIFESTO SONORO).

E é o *DJ* quem toca as batidas para o *rapper* cantar tendo uma grande responsabilidade, pois ele “[...] o *DJ* tem que ser o cara! Tem que entender de música e estar atualizado, também conhecer nota musical para construir música, para mixar uma música” (INTEGRANTE GUÉG).

Além da dança e da música existe o grafitti que é a arte de desenhar e escrever nas paredes. Segundo Dingo⁴³ “Muitas pessoas vêem os trabalhos dos grafiteiros apenas como um amontoado de letras rabiscadas e sem nexos, ou, como pura poluição visual e ato de vandalismo contra o patrimônio público”; ele explica que isso acontece por que “há inúmeras fachadas, monumentos, igrejas e todo um conjunto de locais pichados indiscriminadamente”.

Embora muitas críticas sejam feitas aos grafiteiros, também chamados de *writers* (escritores), eles procuram por meio do grafitti chamar atenção para as questões sociais, reivindicar melhores condições de vida e se comunicar.

A seguir algumas imagens dos grafittis pelas ruas de Ponta Grossa-Pr⁴⁴

⁴¹ Fonte: COSTA. Sara Maria Guimarães Maia. **O papel da dança na (sub) cultura Hip Hop**. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14546/2/O%20papel%20da%20dan%C3%A7a%20na%20subcultura%20hip%20hop.pdf> Acesso em: 07 07 2010.

⁴² Integrante Gafanhoto do Grupo Federação Repúbli-k. Essa entrevista ocorreu em 26 06 2010.

⁴³ Dingo é escritor de grafite, colunista da OLIE, designer publicitário, integrante da banda Sudaca, arte educador da Associação EREMIM, fonte: <http://culturahiphop.arteblog.com.br/> Acesso em 07 07 2010.



Foto 7 à esquerda: Grafitti assinado pelo grafiteiro Jackson. Local do grafite: muro na Rua: Av. Bispo Dom Geraldo Pelanda.

Foto 8 à direita: grafittis assinados pelos grafiteiros Jackson e Leboard. Local do grafite: muro na Rua: Benjamim Constant.



Foto 9: Grafite assinado pelo grafiteiro Jackson. Local do grafite: Ruínas de uma casa antiga na Rua: Visconde de Nácar com a Rua Comendador Miro.

Dadas às circunstâncias artísticas e culturais o Movimento *Hip-Hop* pode ser um espaço de desenvolvimento de uma identidade, de criação e expressão de uma cultura, para romper com preconceitos e demonstrar que o *Hip-Hop* é um estilo de viver a vida, um Movimento sócio cultural e não somente modismo.

Segundo Duriguetto “Uma pluralidade de movimentos sociais de diversos matizes multiplicaram-se por todo o país” (2007, p. 149), dinamizando “[...]”

processos de mobilização de defesa e conquista e ampliação de direitos” (2007, p. 149). No fim do século XX e no início do século XXI é repleto de novos movimentos antiglobalização, a luta pela democratização dos meios de comunicação, o debate sobre o desenvolvimento sustentável.

Na interpretação de Gohn (2008, p. 14) o movimento social “é sempre expressão de uma ação coletiva e decorre de uma luta sociopolítica, econômica ou cultural”. A literatura da civilidade mostra que vários foram os autores que discutiram e elaboraram teorias sobre movimento social, por exemplo, Cohen, Habermas, Bobbio e Adam. Mas parece certo concordar com Gohn quando a autora diz que “só com teorias não se muda a realidade, mas sem elas também não há mudança significativas, emancipatória”, pois a realidade é complexa e sempre está em continuo movimento.

Segundo Touraine (1977) movimentos sociais podem ser definidos como ações coletivas associadas à luta por interesses, por sua vez associados à organização social, a mudanças na esfera social e cultural. Evidentemente, essa mobilização é realizada contra um opositor, que resiste.

Na contemporaneidade surge uma nova discussão sobre os movimentos sociais, a crise da modernidade e a emergência de novas formas de racionalidade demonstram as transformações ocorridas nas relações sociais. Outras categorias de análise surgem: redes sociais, território e mobilização social (GOHN, 2008). E tem-se uma discussão sobre os “novos” movimentos sociais que:

Desenvolvem ações particularizadas relacionadas às dimensões da identidade humana, deslocada das condições socioeconômicas predominantes, de modo que suas práticas não se aproximam de um projeto de sociabilidade diferenciada das relações sociais capitalistas, ou seja, não se voltariam para a transformação das atuais formas de dominação política e econômica, no sentido da construção de sociedade baseada na organização coletiva e no desenvolvimento das potencialidades humanas na direção não-capitalista⁴⁵.

⁴⁵ SIQUEIRA. Sandra Maria Marinho. O PAPEL DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DE OUTRA SOCIABILIDADE. Disponível em: [p://64.233.163.132/search?q=cache:vPhULN16LdkJ:www.anped.org.br/reunioes/25/excedentes25/sandramariamarinhosiqueirat03.rtf+O+PAPEL+DOS+MOVIMENTOS+SOCIAIS+NA+CONSTRU%C3%87%C3%83O+DE+OUTRA+SOCIABILIDADE&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=BR](http://64.233.163.132/search?q=cache:vPhULN16LdkJ:www.anped.org.br/reunioes/25/excedentes25/sandramariamarinhosiqueirat03.rtf+O+PAPEL+DOS+MOVIMENTOS+SOCIAIS+NA+CONSTRU%C3%87%C3%83O+DE+OUTRA+SOCIABILIDADE&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=BR). Acesso em 12 03 2010.

O Movimento *Hip-Hop* no seu sentido social da luta de indivíduos por melhores condições de vida marca uma forma de agir e pensar que emerge como fonte para uma formação de uma identidade alternativa onde Rose declara que:

A identidade do hip hop está profundamente arraigada à experiência local e específica e ao apego de um status em um grupo local ou família alternativa. Esses grupos formam um novo tipo de família, forjada a partir de um vínculo intercultural que, a exemplo das formações das gangues, promovem isolamento e segurança em um ambiente complexo e inflexível. E, de fato, contribuem para as construções das redes da comunidade que servem de base para os novos movimentos sociais (ROSE, 1997, p. 202).

Sendo assim, entendemos que o Movimento *Hip-Hop*, nesse contexto, pode ser considerado um Movimento Social que tematiza questões sobre gênero, questões étnicas, onde cada grupo, em diversos lugares no mundo, tem sua causa específica e se organiza em torno dessa causa.

Ainda podemos afirmar que todo movimento tem sua identidade, suas características, sua causa. No caso do Movimento Hip-Hop sempre houve o caráter contestatório da ordem vigente em busca de melhores condições de vida o que acaba por enquadrar o Movimento hip-Hop dentro da lógica dos Movimentos sociais. Segundo Souza o Movimento *Hip-Hop*:

Executa trabalhos sociais numa tentativa de 'costurar' as arestas deixadas pelo Estado. Dessa forma, muitos desses jovens, por ocuparem uma posição desprivilegiada na hierarquia, abraçam os ideais e as atividades do movimento como uma forma de exercer a cidadania e buscar melhores perspectivas de vida (SOUZA, 2004, p.70).

Contudo, uma das características atribuídas ao Movimento é o aspecto cultural. Nesse sentido os quatro elementos que compõe o Movimento evidenciam manifestações culturais. Durante o processo de construção do *Hip-Hop* como Movimento houve a fusão de diferentes elementos culturais como a religião, raça, etnia e criações artísticas que acabam por constituir valores.

Em seu contexto intrínseco, a cultura híbrida do *Hip-Hop* se modifica e sofre constantes transformações ao longo da história. Assim, configura-se ao mesmo tempo como Movimento cultural e como Movimento social.

As manifestações artísticas por meio do *rap*, do *Break*, do *grafitti* e de apresentações de *DJs* na maioria das vezes apresentam um caráter político e ideológico voltado às características do Movimento *Hip-Hop*. Hoje podemos dizer

que cada grupo traz uma especificidade própria, como forma de expressar sentimentos e vivências sociais abrindo espaços para discussões e debates em busca da ampliação dos direitos sociais e da cidadania.

Portanto, nós vemos que o Movimento *Hip-Hop* possui aspectos (lutas, reivindicações) que o definem como Movimento social, mas é por meio de expressões artísticas (quatro elementos) que os seus integrantes agem, comunicam-se e fazem com que o *Hip-Hop* seja um instrumento para pensar, refletir e construir uma sociedade mais justa e igualitária fazendo do *Hip-Hop* um Movimento cultural.

De forma semelhante ao processo histórico ocorrido nos EUA, o *Hip-Hop* no Brasil veio “no embalo da cultura *Black* e desenvolveu-se no país, em meados da década de 80, nos salões que animavam a noite paulistana, no circuito negro e na periferia da cidade” (STOPPA, 1999). Procuraremos agora identificar em linhas gerais como o Movimento *Hip-Hop* chegou e se desenvolveu no Brasil, para depois chegarmos a cidade de Ponta Grossa a qual damos atenção especial neste trabalho.

3.2. O HIP HOP NO BRASIL

O *Hip-Hop* no Brasil surge no final dos anos 1970, início dos anos 1980, em um momento em que há eclosão dos denominados “novos movimentos sociais”, que passam a incorporar questões como a de gênero e raça no processo de construção de um novo modelo de sociedade mais pluralista, democrática e participativa, gerando novas formas de práticas de exercício político reivindicatório.

Muitos acreditaram que o *Hip-Hop* no Brasil não passaria apenas de moda, um estilo transitório, mas com o decorrer do tempo o *Break*, que foi o primeiro elemento a aparecer e tomar conta das ruas de São Paulo, o *rap* e o graffiti ganharam notoriedade transformando o *Hip-Hop* em um estilo de vida.

Nos meados de 1983 quando o movimento ainda estava começando uma série de perseguições por parte da sociedade e até mesmo da polícia ocorreram aos adeptos do *Hip-Hop*, que eram ridicularizados e discriminados.

Mesmo assim o *Hip-Hop* em 1988-1989 com o lançamento dos primeiros discos de *rap* no país, a coletânea “HIP – HOP. Cultura de rua. O som das ruas” em 1989, que lançou os expoentes do *rap* nacional, a dupla Thaide & DJ Hum, a ousadia do *rap* “made in Brazil”, em 1988, mostraram o *Hip-Hop* de atitude

consciente e com bases reivindicatórias, desde então o Movimento começa a conquistar o seu espaço no Brasil.

Mas somente em 1990 o *Hip-Hop* passa ser visto e entendido pelos setores formais da sociedade como Movimento Social e Cultural.



Imagem 6: Capa do Cd do grupo de Rap Racionais.

Nesse momento que o grupo de rap paulistano Racionais MC's lança o 4º álbum "Sobrevivendo no Inferno", com

vendagem superior a um milhão de cópias (ROCHA et al 2001). Esse grupo influenciou a cultura Hip-Hop desde o seu

primeiro disco.

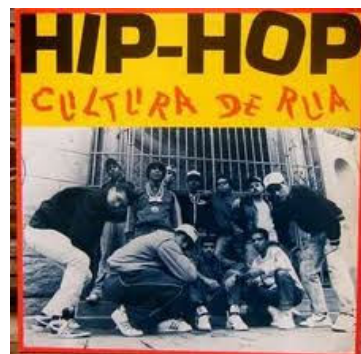


Imagem 5: Coletânea histórica do Hip-Hop nacional – Hip-Hop cultura de rua, Lp.

Porém, de acordo com Herschmann (2000 apud STOPPA, 2005)⁴⁶:

[...] o *hip-hop*, assim como as demais expressões culturais surgidas nas classes populares sofre, de forma preconceituosa e por parte da mídia, um processo de estigmatização, por causa das leituras equivocadas dos elementos constituintes do movimento, como as músicas, com suas letras ácidas, algumas que, até mesmo, glorificam o "mundo do crime", caso do "*gangsta rap*" e das danças, que são consideradas incitadoras da violência urbana e da delinquência juvenil. Também o grafite, arte que busca a apropriação/reapropriação de certas áreas da cidade, como resposta à exclusão que as pessoas sofrem, em relação ao espaço urbano, é, no do imaginário popular, constantemente reduzido à pichação.

O movimento apesar de marginalizado por grande parte da sociedade conseguiu emergir no cenário social e cultural principalmente nas capitais do Brasil difundindo os seus elementos e demonstrando que o *Hip-Hop* é um movimento organizado e que luta pelos direitos humanos.

A partir desse momento o *Hip-Hop* ganha as capitais do Brasil e adentra as periferias e cidades do interior dos estados. Tem-se na cena a cidade de Ponta Grossa (PG). Sendo nossos sujeitos moradores dessa cidades e integrantes do

⁴⁶ Stoppa, Edmur Antonio. Ta ligado mano": o hip hop como lazer e busca da cidadania. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/EDUCA_CAO_FISICA/teses/Stoppa.pdf Acesso em 20 07 2010.

Movimento *Hip-Hop*-PG, entender a história e alguns aspectos do Movimento nessa cidade é importante para esse estudo.

3.3. O HIP HOP EM PONTA GROSSA (PG) – PR

*Muda, que quando a gente muda o mundo muda com a gente. A gente muda o mundo, na mudança da mente. E quando a mente muda a gente anda pra frente. E quando a gente manda ninguém manda na gente.*⁴⁷

Para contar um pouco da história do Movimento *Hip-Hop* em PG, utilizamos as entrevistas semiestruturadas que foram realizadas com integrantes do Movimento⁴⁸ para essa pesquisa, e em especial utilizaremos as falas de um dos “iniciadores” do Movimento. Nesse momento não estaremos apresentando análises das falas, estamos somente utilizando os depoimentos para contextualizar o Movimento *Hip-Hop*.

Chamados de velha escola no movimento *Hip-Hop* de PG o Grupo Ponta Rap começou sua história em meados de 93, compondo suas primeiras letras de *Rap* e organizando alguns eventos na cidade. Sobre esse início um integrante relata:

Um amigo que veio de São Paulo em 91, 92 trouxe umas fitas cassetes, tenho até hoje as fitas “ai”, comecei a curtir e tal as fitas, comecei ir atrás pra escutar mais. Essas fitas eram de uma rádio de São Paulo que chamava Metro FM, mudou de dono não existe mais. E naquela época, alugava cd para poder escutar, e ao lado da Polar sorvetes tinha uma “parada” pra alugar cd. Mas do nada tocou na rádio uma música desse estilo que eu gostava, e na rádio tocava só batidão e nem sertanejo não tocava, tava tocando Gabriel Pensador... *Sou play boy filhinho de papai...* “Ai” depois passou a tocar Racionais. Mas era muito pesado, um som muito pesado para tocar na rádio [...] As rádios não tocavam muito (INTEGRANTE GUÉG).

Nesse momento tem-se um princípio de abertura das rádios em relação às músicas de *Rap*. Tocar as músicas de um estilo tão peculiar e visto pela maioria da sociedade como marginal, foi um avanço para essa época, mesmo que tocadas poucas vezes demonstra que a cultura do *Hip-Hop* estava se expandindo.

⁴⁷ Música: Até Quando? Composição: Gabriel o Pensador; Itaal Shur; Tiago Mocotó.

⁴⁸ Os integrantes são, Guég e Lenart. As entrevistas ocorreram no dia 03 03 2010 e no dia 03 07 2010.

Que aconteceu, eu queria tocar “daí” o que eu tava ouvindo. “Ai” comecei ir atrás de vinil, cd e fitas[...] Mas não tinha base nenhuma [...] Para aprender e tocar não tinha aonde aprender a tirar a batida. E no começo a gente copiava uns pedacinhos de música na fita e colava em outros pedacinhos (risos), e depois comprei um teclado que vinha tudo pronto, um monstro de um teclado [...] “Ai” ia fazendo as músicas, tocava um punk pop (risos) deixava as batidas tocando e colocava a harmonia em cima das batidas, “*tunununa tu tu tu na*”. Montei uma meia dúzia de músicas (INTEGRANTE GUÉG).

Muitos jovens nessa época também tiveram o primeiro contato com o *Hip-Hop* e seus elementos, nesse caso o *rap*, dessa mesma forma: alugando cd, fita cassete, ouvindo algumas músicas na rádio e tentando reproduzir de maneira amadora o que estavam ouvindo e curtindo. A partir de então:

Na época o Jocelito (prefeito do município) tinha um projeto nos bairros e tal. “Ai” um dia a prefeitura viu que a gente cantava umas musiquinhas e tal e fomos convidados pra tocar umas músicas no bairro Cara-cara, por meio da fundação cultural e eles vieram buscar a gente aqui em casa pra tocar. Lá no cara-cara fizemos uma apresentação de 3 a 4 músicas fomos eu e a minha esposa, e a partir daí a gente viu que a galera gostava de Hip-Hop na cidade, que curtia e que tinha como desenrolar, pensamos em gravar cd, tínhamos um sonho. (INTEGRANTE GUÉG).

Uma iniciativa de um sujeito que tinha ouvido e que pensou que poderia reproduzir aquele som. Segundo o Integrante foi nesse momento o estilo do *Hip-Hop* começou a aparecer em Ponta Grossa

Em 92 um amigo meu veio e falou: cara você conhece tanto essa cidade! Será que a gente não dava conta de encher um clube e “tal”? “Véio”, eu disse, só enche se tocar *rap*. Ele respondeu: “Pá”!! Então “fechou o pacote”. (de fundo escuta-se uma conversa sobre o movimento na década de 90, apresentada em um filme que estava passando na TV durante a entrevista). Mas ninguém tinha os discos pra tocar lá. Mas eu tinha alguns. Nessa fita aí, todo mundo foi lá, Ronda, 31 de março, todo mundo ia lá cara, e nessa época eu dançava Break também. Dançava com a galera (INTEGRANTE GUÉG).

Contudo, nessa época e mesmo hoje em dia, os instrumentos de som utilizados para fazer o *rap* eram muito caros e inacessíveis para os meninos que estavam começando a criar as músicas e tocar o *Hip-Hop*:

O sonho de gravar um som ainda tava na idéia. Formamos um grupo com uma daqui, um de lá, e “tal”, pra gravar, mas não rolou, tudo é muito caro, era caro demais. “Daí pá”! o grupo se “desmanchou” [...] Mas a gente continuou a escutar. Mas aí outro amigo meu convidou pra tocar numa festa que ele tava fazendo, um show Black e “tal”. A gente não se apresentava em lugar nenhum, mas a gente ensaiava bastante (risos) é por que a gente gostava da parada. Cantamos umas 10 músicas nesse show, e lá a gente conheceu outra banda e fizemos outros sons. O pavilhão 10 veio aqui em 97, sei que

daí a gente conheceu 2 grupos que também estavam que nem a gente em PG fazia um “sonzinho” e “tal”. Rolou uma troca de idéias (INTEGRANTE GUÉG).

Nos anos 1997 a 2000 os encontros, eventos e shows começaram a ficar mais evidentes no cenário pontagrossense e mais constantes, foi quando:

O movimento começou a evoluir aqui, pois “aí” passamos a tocar aqui e em outras cidades. [...] Quando “via” nossos nomes em cartazes na cidade. Tinha equipamento meia boca e levava tudo às “parafernalias” e não era aquela coisa sabe[...]Mas era bem feitinho. Fomos pra Londrina, Rolândia, pegava a kombi e “ia”, Guarapuava, Curitiba, Telêmaco Borba vários lugares, foi então que aqui na cidade a gente começou a fazer vários eventos e aí surgiram muitos grupos todos praticamente surgiram nesses eventos. Mais shows, mais público. “Aí” bolamos uns projetos pra comunidade saber o que era o Hip-Hop, as crianças, os jovens, as mães e “tal”. Mas não tinha essa comunicação que a gente tem hoje como internet e tal e a parte de divulgação ficava ruim. E montamos um projeto abril pro rap em 2003 que tem até hoje. (INTEGRANTE GUÉG).

A imagem abaixo mostra o cartaz do evento:



Imagem 7: Cartaz de divulgação do evento: abril pro Rap.

Nesse ano de 2003 muitos grupos de *rap* surgiram e muitas pessoas se interessaram em saber sobre o *Hip-Hop*. Com parcerias da Secretaria da Cultura, da prefeitura e divulgação nos meios eletrônicos projetos foram executados e, como dito acima, até hoje são realizados.

Alguns projetos são voltados ao elemento *rap*, mas outros projetos envolvem o graffiti e o *Break*, vejamos os cartazes de divulgação dos eventos a seguir:



Imagem 8: Cartaz de divulgação do Evento Graffiti no Escadão.

Sobre esse projeto Graffiti no escadão o integrante Guég fala:

Grafite no escadão foi um sonho realizado, foi um projeto que eu e o Farinha desenvolvemos com a secretária da cultura. Veio grafiteiros de fora pra fazer umas aulas e tipo no dia só deu meia dúzia de pessoas, mas foi massa. A gente convidou grafiteiros para participar e foi muito proveitoso (INTEGRANTE GUÉG).



Imagem 9: Cartaz de divulgação do evento: União B-boys.

Segundo o entrevistado, Ponta Grossa conta com um diferencial em relação ao elemento *rap*:

Aqui em Ponta Grossa tem vários grupos e um é diferente do outro, tipo assim, tem um grupo que está estourando aí todo mundo canta igual, aqui cada um faz seu estilo, sua letra, tem gospel tem Love, falando sobre drogas, social, uns sobre vídeo game [...] Então é um diferencial. *Hip-Hop* é *rap*, mas também tem que ter o envolvimento da comunidade [...] Mas temos que montar mais coisas para que o pessoal veja isso aqui com qualidade, [...] e tenha interesse, e que o *Hip-Hop* seja reconhecido aqui no Paraná (INTEGRANTE GUÉG).

Há uma certa preocupação na fala do entrevistado em relação ao caráter social do Movimento *Hip-Hop*, seja no elemento *rap*, *graffiti* ou *Break* as atividades e projetos desenvolvidos demonstram a importância da divulgação para que a sociedade participe e compreenda o que é o *Hip-Hop*. Um exemplo disso:

[...] levar uma cultura para a periferia pontagrossense, as crianças, participar, as pessoas quando vêm falar com a gente, a gente ouve: “pô” moço legal você ensinar que as drogas “é” ruim pro meu filho. Outros falam que é legal levar música que fala sobre as vilas. Isso não é nem prestígio, é reconhecimento que a gente leva a cultura a sério (INTEGRANTE GUÉG).

O Movimento *Hip-Hop* em Ponta Grossa tem atividades culturais, e, como fonte de valores construídos historicamente adota o respeito, a dignidade e a educação. Porém, por se tratar de um “Movimento” considerado marginal sofre muita discriminação por parte da sociedade em geral. Mas a maioria de seus integrantes trabalha em prol de demonstrar o que o Movimento realmente é.

Atualmente o “Movimento *Hip-Hop* PG” é representado por cerca de dez (10) grupos de *rap*, dois (2) grafiteiros e vários dançarinos de *Break*. Alguns projetos estão em desenvolvimento como o *abrilprorappg*, uma coletânea *Rappers* Gerais dois (2) com a gravação de um DVD de *rap*;

O projeto “*Hip-Hop* PG nos bairros” divulga o Movimento nas vilas e bairros da cidade e o mais complexo entre os projetos é realizar um programa de TV chamado “programa *Hip-Hop* PG”, todos esses organizados pelo Grupo *Ponta Rap*⁴⁹.

As formas de organização e mobilização da sociedade civil demonstram que há participação dos indivíduos, estejam eles ligados a objetivos comuns como no caso do Movimento *Hip-Hop* ou não.

O que importa ressaltar é que o *Hip-Hop* também é uma forma de manifestação artística, onde seus integrantes constroem uma identidade e procuram soluções para os problemas sociais. Embora esse processo seja constantemente marcado por dificuldades, a busca por uma vida mais justa e igualitária faz emergir dentro do Movimento uma consciência de participação.

A importância do surgimento do Movimento *Hip-Hop* é observado hoje por meio das conseqüências dessas articulações, ou seja, todo esse processo de luta e

⁴⁹ Mais informações sobre esses projetos no site: <http://www.hiphoppg.com.br/pontarap.html> Acesso em: 15 mar 2010.

de participação popular esta marcado por criações de ONG's, espaços comunitários e a própria valorização do *Hip-Hop*.

As novas configurações do movimento tornam-no também um espaço de trocas, negociação de valores, ação e:

[...] a sociabilidade oportunizada pelas práticas culturais do Movimento Hip-hop possibilita que estes jovens possam construir o seu conhecimento do mundo, assumindo-se como atores e autores de sua própria expressão. E, eles fazem isso com a coragem de quem defende a sua vida, porque este é de fato um dos poucos ofícios que dominam, e que têm a oportunidade de aprender com relativa autonomia, para garantir sua sobrevivência⁵⁰.

Ou seja, a possibilidade de transformar a realidade e melhorar as condições de educação, lazer, participação política são frutos dessas práticas, fazendo com que o movimento *Hip-Hop* seja um espaço de mudança e reivindicação.

Um exemplo da importância das ações do Movimento *Hip-Hop* PG é que ele foi ganhador do Prêmio Cultura Hip Hop 2010 na categoria conhecimento nesse ano de 2011. A iniciativa do integrante Guég (Ismael Alves do Santo) em desenvolver o Programa de Televisão *Hip-Hop* PG fez com o Movimento fosse reconhecido e premiado pelo Ministério da cultura que com o Prêmio Cultura Hip Hop 2010 – Edição Preto Ghóez, fortaleceu a cultura *Hip-Hop*.

A atual edição é uma homenagem a Márcio Vicente Góes, o Preto Ghóez, maranhense, fundador do Movimento Hip Hop Organizado Brasileiro (MHHOB), escritor e vocalista do grupo Clã Nordestino, falecido em 09 de setembro de 2004. Nas próximas linhas apresentamos os dados empíricos coletados a partir das entrevistas, documentos e observações feitas no decorrer dessa pesquisa.

Em Ponta Grossa o Movimento *Hip-Hop* promove vários eventos culturais, com apresentações, como por exemplo, de shows de *rappers* locais e de outras cidades, batalhas de rimas e dança.



Imagem 10: cartaz de divulgação do prêmio Cultura Hip-Hop Edição Preto Ghóez.

⁵⁰ GUSTSAKI, HIP-HOP Educabilidade e traços culturais em movimento. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6454/000441886.pdf?sequence=1> Acesso em 01 01 2011.

Entretanto, existe um contraste observado por nós entre os *Hip hoppers* na cidade de Ponta Grossa que moram no centro e que moram na periferia. Esse contraste se refere ao estilo musical dentro do Movimento *Hip-Hop*:

Contraste do movimento para o centro é o estilo musical, grupo do centro não tem como ele dizer: moro na quebrada e “tal”. Se ele morar lá ele vai partir para uma linha underground, uma outra linha de pensamento, músicas pra festa e “tal”. Também é bom. Mas rola festa e o pessoal não cola no underground. Mas aqui a gente se mistura com os underground, mais do que em Curitiba por exemplo (INTEGRANTE GUÉG).

Partindo para a relação entre os membros do Movimento que moram no centro e os que moram na periferia perguntamos aos integrantes sobre esse contraste mas a maioria respondeu que não havia contraste algum, ou então que:

O Hip-Hop, em cidade que tem estrutura grande mas não tem bons rappers, bons grafiteiro, aqui a gente tem “caras” bons, mas não temos estrutura. Rap é coisa da favela, é coisa de negro, não é isso não, o rap não tem dono. Eu sou negro, mas não tenho essa de porque eu sou negro e moro na favela que tenho que ter poder, por causa de tudo que aconteceu, a escravidão, os quilombos, o negro é tipo de gente que tem muito preconceito na favela, mas tem caras que moram em apartamento e “tal” e tem muito mais preconceito, assim como tem “caras” de apartamento que “sacam” muito mais que os “caras” da favela então isso já era. O rap é pra conscientizar pra melhorar a vida. Aqui em Ponta Grossa o Hip-Hop é cultura, é social também [...] (INTEGRANTE IGOR).

Essa resposta demonstra que dentro do cenário do *Hip-Hop* em Ponta Grossa á uma tentativa de desenvolvimento dos quatro elementos sem tentar distinguir quem é do centro ou quem é da periferia, mas já apresenta uma contradição pois a própria vertente do *Rap* (underground) demonstra essa dicotomia.

Nós percebemos durante os encontros e atividades do movimento que a cena



Imagem 11: Cartaz do 1º Fórum Estadual *Hip-Hop* em Ponta Grossa.

underground⁵¹ do Movimento *Hip-Hop* de Ponta Grossa “*não se mistura*” com o Movimento dos grupos de *rap* que não pertencem a essa lógica e estilo.

Há uma certa divergência entre eles, pois como observado em eventos da cena underground eles são apoiados pelo Guég na sua posição de coordenador do Movimento, mas quando o Guég realiza algum evento, como por exemplo, o primeiro fórum Estadual *Hip-Hop* PG, a cena underground já não faz parte.

Os interesses entre os underground e o Movimento *Hip-Hop* que possuem como coordenador o Guég são diferentes. A cultura underground *Hip-Hop* em Ponta Grossa possui integrantes, mas não conseguimos nenhum contato com eles para explicar melhor essa dicotomia e se ela realmente existe.

Entretanto, conclui o Integrante Adriano:

Eu não sou muito do centro, eu sou mais da vida, do lado da vila. Mas acho que não pode existir diferença, e/ou divisão se o “cara” é da vila ou do centro, a gente só vai para frente “se juntar”, se unir. Temos que ter o pensamento aberto para tudo. Quando tem evento aparece bastante gente do centro e da vila.

Nesse mesmo sentido o integrante Lenart:

“Periferia/centro? Bom, da minha parte independente se você gosta e tem identificação é isso que vale, mas tem sim alguma coisa, mas se a pessoa se identifica não tem porque” (INTEGRANTE LENART).

O Movimento *Hip-Hop* em Ponta Grossa está caminhando para o fortalecimento da cultura, e para o fortalecimento como Movimento social. No fórum que aconteceu no dia 14/11/2011, várias lideranças do Movimento *Hip-Hop* do Paraná participaram, músicos reconhecidos



Imagem 12: Cartaz de divulgação do 1º Fórum Estadual do Movimento. Hip-Hop.

⁵¹ Underground ("subterrâneo", em inglês) é uma expressão usada quase sempre para designar um ambiente cultural que foge dos padrões comerciais, dos modismos e que está fora da mídia.

também, além da apresentação da MC Paty (Grupo Ponta Rap) que esclareceu conceitos sobre economia solidária e, empreendedorismo, com intuito de trazer para os Integrante do Movimento Hip-Hop PG possibilidades de se pensar o *Hip-Hop* como meio de trabalho.

Nesse fórum o *Rapper* Will Capa Preta falou sobre o *Hip-Hop* hoje e destacou importantes aspectos do Movimento, segundo ele:

O movimento Hip-Hop deixou de ser somente um movimento Negro, passou a ter poder para interferir e melhorar a condição de vida tanto de quem mora na periferia e no centro. Na primeira vez na história do Movimento Hip-Hop ele foi reconhecido nacionalmente como Movimento social, com possibilidade de transformação para uma sociedade mais unida. O Hip-Hop agora passa a ter uma discussão política e ideológica, não mais somente pragmática, digamos assim. E nós queremos o que? Queremos com essa iniciativa, organizar o Movimento aqui em Ponta Grossa e no Paraná para fortalecer, e criar uma consciência de participação. Isso significa uma abertura para a real democracia acontecer; eu estava falando com o pessoal de Curitiba e lá o fórum juntou muito mais pessoas que aqui, mas aqui tem pessoas, e isso é um espaço que pode se tornar cada vez maior com cada vez mais gente participando. A rapaziada aqui traz consigo uma história de vida, lá em Londrina tem a casa do Hip-Hop, é uma iniciativa que foi desenvolvida e acabou com uma experiência que deu certo, então porque não montar uma casa do Hip-Hop em Ponta Grossa. São essas coisas que temos que discutir (RAPPER WILL CAPA PRETA).

Nesse momento histórico no cenário do *Hip-Hop* em Ponta Grossa vemos que a mobilização dos integrantes, em seu primeiro Fórum de discussões, que tem como objetivo originar possibilidades concretas de ação e de participação, trazendo para o Movimento um fortalecimento, idéias e experiências que podem legitimá-lo, de certa forma, como Movimento cultural e social.

No próximo capítulo vamos expor os dados empíricos coletados nessa pesquisa e as análises realizadas sob a luz do referencial teórico.

4. CAPÍTULO 4

4.1 ANÁLISES

Com intuito de compreender as representações sociais dos integrantes do Movimento, procuramos saber um pouco do contexto subjetivo de cada sujeito.

Iniciamos as análises pelas conversas realizadas com cada entrevistado, momento em que eles contaram um pouco sobre seu grupo, sobre os sentimentos em relação ao *Hip-Hop* e sobre as vivências dentro do movimento.

A ordem das entrevistas apresentadas segue a seqüência em que os integrantes foram sendo entrevistados. Contudo, utilizamos trechos de outras entrevistas para explicar algumas questões referentes ao nosso primeiro entrevistado. Começamos então com o integrante Guég que foi entrevistado no dia 03/ 03/ 2010.

Como já relatamos, ele foi o precursor do Movimento aqui em Ponta Grossa, começando suas atividades em meados dos anos de 1990. Hoje ele é reconhecido pelo Movimento como um grande incentivador, promotor e organizador dos eventos e “corres”⁵² do *Hip-Hop* em Ponta Grossa.



Imagem 13: Integrante Guég. Nome: Ismael dos Santos.

No evento Batalha de Rimas no Centro de Cultura ocorrido no dia 27/02/ 2010 tivemos a oportunidade de conversar com o Guég. Contamos a ele sobre a pesquisa e perguntamos se ele poderia falar sobre o Movimento *Hip-Hop* PG, foi nesse momento que a trajetória de entrevistas, idas em eventos, observações das atividades começaram.

Ele falou sobre os grupos, sobre eventos e projetos que estavam executando e nos convidou para conhecer o estúdio de gravação que ficava na sua casa. Marcamos o dia e a hora.

⁵² “corres” são atividades planejadas e/ou realizadas junto ao Movimento.

Chegando na casa do Guég estavam presentes a esposa dele MC Pá, e um amigo, o *rapper* Adriano. Logo já começamos a falar da pesquisa e o Guég contou sobre o Movimento.

Começamos a entrevista perguntando se ele poderia falar um pouco sobre a sua vida, e ele respondeu: “Meu nome é Guég, e sou integrante do Movimento Hip-Hop PG e sempre estamos na correria”.

Contou sobre o seu primeiro contato com o *Hip-Hop*, que aconteceu por meio do *Rap*. Como o Guég foi um dos *rappers* iniciantes em Ponta Grossa ele falou um pouco da história do *Hip-Hop* em Ponta Grossa, já descrita por nós no item o **HIP-HOP EM PONTA GROSSA**.

Percebemos o grande orgulho que o Guég tem em ser membro do Movimento e de contribuir muito com ele na resposta dessa pergunta: você acha que é um integrante do Movimento *Hip-Hop* em PG (Ponta Grossa), ? “Sou”.

Parece um simples sou, mas o olhar profundo como se o filme de toda a sua trajetória no *Hip-Hop* passasse em sua memória, e em um breve suspiro e aceno com a cabeça no sentido afirmativo demonstrou que realmente o engajamento, as dificuldades e os “corres” significam muito para ele.

E esse esforço do Guég significa algo também para todos os entrevistados dessa pesquisa. Temos abaixo algumas falas deles nesse sentido:

Foi em um dos projetos do Ponta Rap, que o integrante Adriano do Grupo Consciência do Gueto formou seu Grupo e é com incentivo direto de Guég que “[...] a gente forma um objetivo e não se perde no caminho errado”.

Já para o integrante Zero Meia foi por meio de um convite feito pelo Guég que ele cantou *rap* em um evento onde conheceu o futuro parceiro do seu grupo. “[...] Aqui em Ponta Grossa o Guég sempre buscou e ele idealizou o movimento” (Integrante Zero meia).

“[...] O Guég, ele sempre correu [...] a gente tem que respeitar porque ele se dedica muito ao movimento; é a vida dele. É o reconhecimento do Integrante Morony Jay, pelo esforço do Guég.

Sérgio do Nação Jesus Salva antes de formar do seu grupo de *rap* gospel chegou a abrir shows para o Ponta *rap*: “[...] sabe eu era aquele “cara” que tinha uma voz boa para falar e chamar os grupos, apresentar e eu fazia isso para o Ponta Rap.”

A seguir perguntei quantos integrantes o Grupo Ponta Rap tem e quais são as atividades desenvolvidas?

[...] Tem eu, a Paty, o DJ que ta meio desmotivado aí [...] Do meu grupo eu organizo os eventos, gravo Cds, faço o corre dos eventos. Planejo, apresento, divulgo. A gente até saiu em alguma tvs de Ponta Grossa, mas a divulgação peca um pouco. Às vezes a gente tem espaço nas rádios e em outros meios.

A intenção dessa pergunta era saber quais atividades entre os elementos do *Hip-Hop* eram desenvolvidas no grupo dele. Contudo como o grupo também é assessor dos outros grupos gravando Cds, apresentando eventos, planejando, o Guég ficou restrito a essa dimensão e por um momento esqueceu que as atividades do grupo em relação ao *Hip-Hop* eram o *Rap* e o *DJ*. Durante essa conversa dissemos isso e o Guég gargalhou dizendo: “[...] há é!”

Mas então o que o Movimento *Hip-Hop* representa para você, na sua vida Guég?

Meu! (um suspiro muito profundo), representa um trabalho que ainda não foi desenvolvido na periferia, e isso que é o que me sustenta pra continuar. E a galera ta ouvindo, ta participando, o rap de Ponta Grossa ta evoluindo e levar uma cultura para a periferia pontagrossense, as crianças “participar”, as pessoas quando vêm falar com a gente, a gente ouve: “pô” moço legal você ensinar que as drogas “é” ruim pro meu filho. A gente vê gente que não sabe nem ler e escrever, mas estão entendendo as letras e gostando. Outros falam que é legal levar música que fala sobre as vilas. Isso não é nem prestígio, é reconhecimento que a gente leva a cultura a sério. Eu já curti muito rock, samba, dance, mas nenhum me trouxe tanto quanto o Hip-Hop.

Ao lado podemos observar uma imagem do grupo Ponta Rap e algumas figuras que ilustram os projetos que o grupo desenvolve :



Imagem 14: O Grupo Ponta Rap¹, integrantes atuais: Guég, MC Pá e DJ A.



Imagem 15: Ilustrações dos projetos realizados pelo Ponta Rap.

Entramos no tema lazer com a pergunta: Vivenciando essas atividades (quatro elementos do *Hip-Hop*, nesse caso o *rap*), você acha que elas podem ser atividades de lazer? Em que sentido? O integrante Guég responde:

Lazer é quando “chama” as pessoas na praça e consegue um apoio pra “dar” um lazer pras crianças, tipo cama elástica, visita do papai Noel ou então quando a gente se reúne pra fazer um freestyle e mostra a cultura para as outras pessoas, dá lazer para as outras pessoas.

Tipo as atividades do *Hip-Hop* são de lazer, pois as crianças vem e dançam, participam isso é um lazer básico, de desenvolvimento básico. Mas “pros” integrantes também, tipo assim, pra gente ir ver um grafite é lazer ir lá e ver sabe, gostar.

Os DJs tocarem então você vai vendo e vai gostando. O *break* tem também, embora tenha um limite que é o corpo, mas também é. Mas vai desde o som, até [...] criar novas coisas.

A parte do DJ é a parte mais f. porque o cara tem que ter o dom, pois é ele que vai comandar o bagulho desde a música pro b-boy, a batida pro freestyle. Desde o grafitti, a música combina e o cara desenvolve um grafite entendeu?

Nessa fala do integrante Guég percebemos três formas de se pensar o lazer enquanto atividade realizada dentro do Movimento. A primeira diz respeito à frase do parágrafo inicial onde o depoente afirma que o lazer existe para quem acompanha alguma atividade do Movimento *Hip-Hop*, contudo não necessariamente precisa estar ligado aos quatro elementos que compõe o Movimento.

Esse pensamento está ligado ao trabalho social que o Grupo do Guég realiza em conjunto com outros integrantes do Movimento e com apoio da secretaria da cultura, prefeitura e outras instituições. Pois quando alguma atividade dentro dos quatro elementos é realizada, em praça pública por exemplo, o número de crianças

que vem assistir é grande. E como o objetivo nessas apresentações é disseminar a cultura *Hip-Hop* e também “distrair” as crianças e proporcionar algum lazer outras atividades são realizadas, como a cama elástica, entrega de balas, presença do papai Noel.

Esse pensamento mostra a preocupação do Guég em proporcionar alguma atividade de lazer para outras pessoas. Essa dimensão do lazer para outras pessoas está ligada á atividade de coordenador do Movimento *Hip-Hop*-PG que o Guég realiza.

No segundo parágrafo percebemos outra forma de pensar o lazer como atividade de desenvolvimento básico. Como o integrante afirma, isso se dá pelo fato do Grupo Ponta Rap desenvolver projetos nas escolas com intuito de levar o *Hip-Hop* até as crianças.

Mas, para os integrantes, as atividades desenvolvidas pelo Movimento também são de lazer e proporcionam algum sentimento prazeroso definido pelas palavras “gostar e gostarem”. O depoente afirma que os quatro elementos são atividades de lazer e acrescenta ainda que o “criar” algo, como por exemplo o grafite, faz parte dessa atividade de lazer, essa é a terceira forma de se compreender o lazer.

Como refletimos no segundo capítulo, parte um, sobre as representações sociais que são re-produzidas pelos indivíduos na sociedade, esse lazer na percepção do Guég demonstra que ele faz parte do Movimento como *rapper*, mas que a atividade de *rapper* apresenta-se nesse momento como atividade não tão importante e, a atividade de coordenador do Movimento é a atividade que além de ocupar mais tempo e demandar mais esforços aparece como principal.

Já a dimensão das atividades realizadas dentro dos quatro elementos do *Hip-Hop* quando *observadas* por ele se configura lazer mas ainda não podemos dizer que as atividades do Movimento *Hip-Hop* quando *realizadas* por ele, nesse caso quando o Guég se apresenta como *rapper*, seja lazer.

Mesmo assim, vemos que o caráter de criação de algo remete a uma atividade “gostosa” de lazer e acaba nos levando ao entendimento de que o lazer para esse integrante seja uma atividade que pode estar dentro dos quatro elementos do *Hip-Hop* mas não necessariamente deve ser realizada por alguém, mas sim que pode ser só observada.

Segundo Gutierrez (2001) lazer sem a perspectiva de prazer não é possível, como vimos no Segundo Capítulo parte dois, e nesse depoimento do Integrante Guég observamos que nas três formas que o integrante compreende lazer o prazer esta presente.

Contudo quando perguntamos em quais espaços o lazer e/ou as atividades são ou podem ser desenvolvidas pelo grupo e pelo Movimento, o depoente afirma que: “Lazer a gente faz aqui em casa, mas projeto a gente desenvolve nos bairros”.

Nessa frase entendemos que o lazer é uma atividade menos importante que, por exemplo, o trabalho desenvolvido pelo Guég nesses projetos. A forma de produção e trabalho atuais vivem no modelo capitalista, isso indica que grande parte dos indivíduos estão marcados pelo paradigma do trabalho enquanto atividade predominante na vida e que é entendido como principal atividade desenvolvida.

Nesse sentido voltamos ao que Elias e Dunning afirmaram sobre a convencional polarização do trabalho e lazer, vemos a clara divisão feita pelo Guég em relação ao tempo de trabalho e ao tempo livre que para ele é o tempo de lazer.

O integrante entende o lazer como atividade menos importante na sua vida em relação ao trabalho e que pode ser realizado em casa. Embora o Guég trabalhe organizando eventos, shows, e fazendo os “corres” de organização e coordenação do Movimento *Hip-Hop* em Ponta Grossa configurando-se em um trabalho autônomo e de também de criação (*rapper*) as atividades desenvolvidas por ele enquanto trabalhador não são de lazer e as atividades do Movimento que ele vivencia quando não esta trabalhando no Movimento (no seu tempo livre) são de lazer. Há em uma mesma atividade dois posicionamentos do depoente.

Fora dessa dicotomia entre trabalho e lazer temos a possibilidade de compreender que no tempo livre do Guég ele desenvolve atividades de rotina (descritas por Elias no espectro do tempo livre) e que o lazer para ele revela um estado de prazer e satisfação quando sugere que ele participa das atividades na lógica dos quatro elementos do *Hip-Hop* como espectador e se sente bem.

Isso quer dizer que o tempo livre esta marcado por atividades de lazer e de não lazer e [...] “quando se trata da escolha das suas próprias actividades de lazer, a consideração pelo seu próprio prazer, pela sua própria satisfação, pode ser soberana dentro de certos limites socialmente estabelecidos” (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 140).

Análise da Entrevista realizada no dia 03 03 2010 com o Integrante Adriano do Grupo Consciência do Gueto.

Essa entrevista ocorreu na casa do integrante do Movimento *Hip-Hop* em Ponta Grossa-PR chamado Guég. Quando eu cheguei para conhecer a casa, o estúdio de gravação de músicas, e o acervo pessoal do Guég, o Integrante Adriano estava presente.

No começo o Adriano demonstrou muita apreensão em relação a nossa presença. Estávamos na sala e estava passando um filme na televisão que mostrava o *Hip-Hop* no contexto americano.

Primeiro, realizamos a entrevista com o Guég e posteriormente perguntamos ao Adriano se gostaria de participar da pesquisa e ser entrevistado. Com incentivo do Guég ele aceitou. A partir desse momento não houve contato visual, pois ele estava com boné e não olhava para nós demonstrando muita timidez. Mas à medida que as perguntas eram feitas, o Adriano passou a dialogar com mais confiança.

O depoimento do Adriano é importante para essa pesquisa, pois ele faz parte do Movimento *Hip-Hop* e participa com frequência das atividades desenvolvidas. Ele se destaca dos outros rapazes que fazem parte do movimento pois é um excelente *rapper* e tem facilidade em rimar. Acompanhamos algumas batalhas de rimas que aconteceram entre “os manos” e “minas” do Movimento nas quais o Adriano participou e ganhou a maioria, sendo muito rápido em pensar e falar a rima ao ritmo da batida do DJ, desafiando seus oponentes e mostrando superioridade nas rimas.

Para iniciar perguntamos se ele poderia falar um pouco sobre si ele nos respondeu que seu nome era Adriano

Então perguntamos qual foi o primeiro contato dele com o *Hip-Hop*, ele respondeu que:

Pra falar a verdade meu primeiro contato foi quando eu conheci o Guég em um evento. Nós já gostávamos da música, e já faz uns 7 anos que nosso grupo existe. Foi em um dos projetos do Ponta Rap. Somos uma família. Sabe! Sou eu e os meus primos. A gente colocou isso na cabeça e estamos até agora, somos em três (INTEGRANTE ADRIANO).

O grupo chama-se Consciência do Gueto e foi criado em 2006 na zona oeste de Ponta Grossa. É formado pelos integrantes Adriano, Cristian, Rodrigo (gringo) e

pelo Dj Lê. Atualmente estão gravando um cd chamado Periferia Shock, sendo gravado de forma independente.

Ao ser questionado se ele se considerava um integrante do Movimento *Hip-Hop* em PG, Adriano nos respondeu afirmativamente e em função dessa resposta solicitamos que falasse sobre a formação do seu grupo: “Foi o que eu falei, conheci os caras em um dos projetos do Ponta Rap, sou eu e meus primos”.

A seguir pedimos para ele falar sobre o que o Movimento *Hip-Hop* representa para ele, nesse sentido ele nos disse que: “Nossa! Representa muita coisa”. Nesse momento houve contato visual com o entrevistador. Ele suspirou profundo e disse:

“Toda uma expressão, um estilo, representa tudo, é uma saída de algumas coisas. Fazendo música a gente deixa o stress. Então representa muito”.

Na seqüência questionamos a respeito das atividades desenvolvidas dentro do seu grupo. Obtivemos a resposta:

É o rap. A gente se expressa através da música, manda uma mensagem “pros caras” saírem do caminho errado.
Se não fosse o rap eu não estava aqui e agora, eu com certeza estava perdido. O incentivo que o Guég dá a gente forma um objetivo e não se perde no caminho errado (INTEGRANTE ADRIANO).

Segundo Adriano é somente o *Rap*, mas podemos observar na formação do Grupo que também há um *DJ*.

A próxima pergunta (Quais as atividades desenvolvidas dentro do *Hip-Hop* em geral?) não foi feita, pois o Adriano estava muito constrangido e notamos que não era uma boa hora para a pergunta. Fizemos um julgamento rápido e silencioso e resolvemos passar a próxima pergunta. Talvez essa atitude pareça ousada, ou desrespeitosa ao entender isso, mas foi o que sentimos na hora.

Então questionamos se ele ao vivenciar essas atividades, acharia que elas poderiam ser atividades de lazer e em que sentido, ele nos disse que:

Lazer? (*ficou um tempo pensativo*) Pra mim é o rap. Porque eu só trabalho e quando eu vou nos finais de semana nos eventos eu levo minha filha e minha esposa. O rap é lazer e não só pra mim *Hip-Hop* é pra todos uma maneira de lazer, vai lá troca umas idéias com “os caras” canta e se expressa (INTEGRANTE ADRIANO).

Essa pergunta torna-se difícil para alguns integrantes que por algum motivo talvez não tenham refletido sobre lazer ligado ao Movimento. O importante é que o

espaço serviu de reflexão para a própria vida dele pois ao tocar nesse assunto ele revelou que foi pai recentemente e que a “barra” estava pesada pois ao assumir essa responsabilidade ele teve de procurar trabalho, alguma ocupação. Então os momentos de lazer se tornaram os momentos que ele se dedicava ao *Hip-Hop*, mesmo que tenha se dedicado antes com muita frequência ele entendia que era a vida dele e não momentos de lazer.

Adriano é um *rapper* que além de cantar participa de batalhas de rimas de improviso.

Essas batalhas são formas de manifestar as emoções, os pensamentos e, é por meio delas que os batalhadores elevam a sua tensão agindo de forma agressiva, contudo nos limites permitidos pela sociedade, ou pelo grupo em que o indivíduo está inserido. Alguns palavrões de baixo calão e gestos obscenos fazem parte de algumas batalhas.



Foto 10: Integrante Adriano do Grupo Consciência do Gueto participando de uma batalha de rimas.

Vimos em Elias e Dunning que os indivíduos ao longo da história sofreram um controle dos impulsos afetivos e emocionais mais espontâneos o que acabou por levar as pessoas a desenvolver atividade em que o controle dessas emoções estivesse assegurado.

Um exemplo disso pode ser essas batalhas de rimas que surgiram no *Hip-Hop* como forma de canalizar a violência que existia entre as gangues, tentando por meio do *rap*, e do *Break* competir artisticamente. Sendo assim, podemos afirmar que essas batalhas constituem em meios de produzir um descontrole de emoções agradável e controlado. Essas atividades segundo Elias e Dunning (1992, p. 73):

[...] oferecem (embora nem sempre) tensões miméticas agradáveis que conduzem a uma excitação crescente e a um clímax de sentimentos de êxtase [...]. Nesta linha, as tensões miméticas das actividades de lazer e a excitação com elas relacionada, isenta de perigo ou de culpa, podem servir como um antídoto das tensões provenientes do *stress* que, no quadro da repressão global estável e harmoniosa característica das sociedades complexas, se verifica entre os indivíduos.

Pudemos observar em várias batalhas que sentimentos como raiva, medo, e alegria são vividos intensamente pelos indivíduos que estão duelando e que as

agressões verbais e por meio de gestos geram uma tensão, onde o indivíduo experimenta uma sensação de euforia.

Talvez pelo momento tenso ao qual nosso sujeito estava passando (ser pai recentemente) o alívio para as tensões que surgiram transformaram a atividade de *rapper* e como participante de batalhas de rimas de improviso em atividades de lazer desenvolvidas no tempo livre. Seguindo esse raciocínio podemos dizer que as batalhas de rimas são atividades de lazer e ainda conforme Elias e Dunning estão dentro das atividades miméticas.

Ao final da entrevista eu perguntamos se ele gostaria de acrescentar algo, falar mais, mas o entrevistado disse que não. Foi quando o Guég tomou a palavra e perguntou se poderíamos segui-lo para ver o estúdio e os arquivos sobre o movimento.

Entrevista realizada no dia 03 07 2010 com o Integrante Lenart do Grupo Manifesto Sonoro.

Essa entrevista ocorreu numa tarde de sábado. Marcada para as 15:00 h o depoente Lenart mandou uma mensagem de celular explicando que iria se atrasar, chegando assim as 18:00 h. No começo da entrevista notamos que o depoente estava muito apreensivo e nervoso, mas no decorrer da conversa a entrevista fluiu.

Perguntamos se o Lenart poderia falar um pouco sobre a sua vida, ele nos respondeu que seu nome era Lenart que ele era integrante do Grupo de Rap Manifesto Sonoro.

Logo na sequência, questionamos sobre qual teria sido o seu primeiro contato com o *Hip-Hop*, ele nos disse que estava muito nervoso mas que o primeiro de todos os seus contatos foi aqui na cidade de Ponta Grossa na vila São Francisco onde:

Os “caras” estavam cantando eu só estava passando andando de skate. O rap me agradou de “cara”. Eu escuto chega a me arrepiar “as músicas” me agrada muito. Foi nos anos 2000, eu comecei a prestigiar o rap, e nesse tempo a galera ouvia muito Racionais (INTEGRANTE LENART).

Vemos que desde o primeiro contato do Lenart com o *rap* ele sentiu um sentimento que lhe agradou. Então perguntamos se ele se considerava um integrante do Movimento *Hip-Hop* em PG, ele respondeu que:

“Acho que sou, faço parte, ajudo a expandir a cultura”.

Então pedimos para ele contar como foi a formação do seu grupo, ele respondeu que era uma longa história pois num evento ele conheceu o Cássio do Grupo de *Rap* Raciocínio engatilhado e o Cássio perguntou a ele:

“‘Cara’ se você gosta tanto por que você não canta?

Ele nos disse:

[...] Fico assustado em subir no palco, me dá um medo. Mas se você tiver coragem você vai e canta. Então eu comecei a fazer umas letras. Sou eu e meu camarada só no grupo. Eu dei um tempo na atividade por que rolou uns problemas. Eu trabalho e me mudei de bairro e só agora que a gente está voltando. O manifesto sonoro, vai voltar.

Eu procuro nas letras, não falar só de tiro e morte, procuro passar uma alto estima “pro cara” que está ouvindo, não é só “bang bang” eu não tenho nada contra. Uma batida mais animada alegre o pessoal e a letra também porque “os caras” se identificam com sua música, e, eu falo de amor, faço letras boas. Não só morte e violência. As pessoas procuram ouvir rap pra se motivar, é agradável, a pessoa se anima, levanta a moral.

São vários estilos de rap. aqui em Ponta Grossa cada um tem seu estilo. Você vai a outras cidades não tem diferencial nenhum nem na levada nem na batida. Aqui tem “Gospel”, de “love” e tem “gangster”. Meu grupo é mais uma mistura (INTEGRANTE LENART).

Marcado pelo medo de subir nos palcos, Lenart hoje se apresenta com seu Grupo em vários lugares e festas em Ponta Grossa.

A próxima pergunta foi: O que o movimento *Hip-Hop* representa para você, na sua vida?



Foto 11: Integrante Lenart do grupo Manifesto Sonoro se apresentando.

Foi a minha salvação. Eu tive um tempo que usei umas drogas sabe, mas “os caras” me passaram uma idéia e eu... eu saí fora. “Os caras” fazem apologia ao rap dizendo que é incentivo a droga, ao crime, mas ao mesmo tempo ele diz que isso prejudica você. Mas na verdade como que eu vou fazer rap, se eu uso droga? Como que eu vou passar as mensagens se eu uso droga? Não posso. Então isso me salvou (INTEGRANTE LENART).

Nesse caso Lenart não foi levado somente pelo prazer de criar, mas pela transformação que o *Rap* poderia fazer na sua vida. Então perguntamos quais eram as atividades desenvolvidas dentro do seu grupo e ele nos disse que é somente o *Rap*, e no *Hip-Hop* em geral ele não soube explicar, falou que:

Aí você me pegou, eu vou falar só do rap. Que é o cara que canta, às vezes você está deprimido e você faz uma música sobre o sentimento, sobre amor

sobre alegria e isso ai incentivando os outros “caras” (INTEGRANTE LENART).

E então questionamos se essa atividade como *rapper* poderia ser de lazer e em que sentido, ele nos respondeu:

“É. Tipo chegar né, agrada. É um lazer. É prazeroso, é bom, muito bom”.

A atividade de *rapper* é entendida nesse caso como lazer e que propicia prazer e, segundo Gutierrez (2001) o lazer possui uma característica essencial imutável que é a busca do prazer. Nesse aspecto a resposta do integrante do Manifesto sonoro acaba entrando em concordância com o que o autor Gutierrez diz a respeito do lazer.

Em seguida perguntamos em quais espaços o lazer e/ou as atividades são ou podem ser desenvolvidas pelo grupo, o integrante afirmou que:

“Hum”. (silencio). “Não sei. Acho que a rua também”.

Para o Movimento *Hip-Hop* em Ponta Grossa não há um local certo, uma casa de referência onde os seus integrantes possam desenvolver os quatro elementos. É por isso também que quando indagados os depoentes afirmam que a rua e a casa do Guég são lugares em que podem se encontrar.

Contudo, a rua é um lugar livre de criação e de desenvolvimento de atividades do *Hip-Hop*. Observamos isso quando passamos a ir a encontros e apresentações dos integrantes do Movimento.

Entrevista realizada no dia 09 07 2010 com o Integrante Sergio do grupo Nação Jesus Salva.

Essa entrevista ocorreu na Igreja que o Integrante Sergio freqüenta, a noite estava fria e havia um culto acontecendo no local. Conversamos na frente da igreja, sentados num banco. Explicados os objetivos da entrevista e da pesquisa, perguntamos se o integrante poderia falar um pouco sobre a sua vida, ele respondeu:

“Pelo nome da minha banda você já sabe quem eu sigo. Tudo que eu vou te falar é sobre Jesus Cristo”.

No começo dessa dissertação pensamos em construir um referencial teórico que nos desse apoio para conseguir interpretar e analisar os depoimentos e as

observações feitas. O estudo das Representações Sociais nos trouxe um arcabouço teórico capaz de nos subsidiar nessa intencionalidade.

Vimos em Moscovici (2009) que as representações sociais são impostas sobre nós e transmitidas como resultado de sucessivas interpretação da realidade, portanto elas penetram e influenciam a mente de cada um. Nessa entrevista em especial podemos observar isso, pois, as representações sociais do Sergio quando questionado sobre coisas da vida, demonstra que a dupla função das representações sociais (estabelecer uma ordem que possibilitará as pessoas orientar-se, e comunicar-se, Moscovici 2009) revela quais são as formas de conhecimento por ele partilhadas na sua realidade.

Sendo assim as representações sociais do Sergio sobre seu grupo, sobre o seu posicionamento no contexto do Movimento *Hip-Hop* e sobre lazer estão marcadas por uma série de acontecimentos, valores e características que compõe o ambiente da religião que ele segue. Não se trata aqui de um julgamento sobre os costumes e caráter do nosso depoente, mas sim uma tentativa de compreensão mais intensa sobre o visível e o invisível das representações desse integrante.

Lembramos o que Moscovici (2009) nos diz sobre isso, onde é essencial identificar a sociedade ou o grupo onde circulam as representações sociais, o tempo e o espaço, pois esse contexto particular permite uma análise da realidade de maneira mais profunda.

Portanto, o Sergio compartilha de tais representações que o constituem tal como ele é nesse momento e nesse espaço. Na próxima indagação perguntamos qual foi o primeiro contato dele com o *Hip-Hop*, e ele respondeu que:

O nação Jesus Salva iniciou em 2004, já faz 6 anos, quando eu me converti. Eu morava em Florianópolis e vim de lá pra cá, meu irmão é pastor aqui da igreja, meu irmão mais velho e quando ele se converteu ele me chamou, eu canto rap desde cedo, desde quando eu tinha 11 anos e estou com 32 anos. Vim de lá pra fazer uma visita lá no Núcleo Borsato na Igreja Petencostal apostólica Betel, quando cheguei lá “os cara” estavam cantando rap eu fiquei com a boca desse tamanho, o que? Rap de Jesus? Vocês tão “loco”? Aonde? E “os cara” já chegaram direto em mim, calça larga e boné, né!.

Eu apresentava, cantava rap secular, minhas músicas eu torcia a capa do cd saia sangue. Secular quer dizer que não é gospel não está falando do poder de Deus, está dentro da palavra de Deus, um modo de dizer mais espontâneo do mundo, sobre o mundo.

As minhas músicas seculares eram horríveis; misericórdia da minha vida. Eram horríveis porque o rap não sendo gospel se baseia em três coisas na crítica, sempre criticando, fala mal e protesto e eu tava cansado disso porque sempre a mesma coisa, chega lá os cara fala mal da polícia, da

sociedade e do outro, e Deus? Entra aonde? Porque que eu me separei do Ismael? Porque ele tem essa idéia de falar mal dos outros, da policia, da ronda, periferia e Deus ta aonde? Nisso eu disse Ismael me mostre: aonde que ta na bíblia que Deus manda fazer isso?

O primeiro fator dos meus raps é amar-vos aos outros como eu vos amei. São bases do Nação Jesus salva e quando eu cheguei na igreja os meninos me explicaram isso. O Sérgio tem que ser assim, assim, assim, o pastor disse: ó Sérgio você quer cantar aqui, então aceita Jesus como teu único e suficiente salvador muda a tua vida.

Deus não quer mudar seu guarda roupa, quer mudar seu coração. Eu comecei a cantar rap mas não parei de usar minhas calças largas, não deixei de usar meus bonés que eu gosto só que eu comecei a amar e entender os outros, e não somente criticar.

Tem uma banda que canta aqui comigo, os meninos começaram com 10 e 9 anos, hoje estão com 13 e 14 são uma ramificação do Nação Jesus Salva a banda se chama Resgate do Senhor.

Eu já gravei meus dois cds, vendi duas mil cópias sem divulgação, sem nada, só boca a boca nas igrejas e nos bairros, mostrando, e assim que foi.

Eu chamei outros meninos, chamei outro menino que andava com o Ismael que aliás eu nunca mais vi; chamei pra cantar rap ele disse que rap gospel não tem “nada haver”.

O próprio Ismael não quis. Tem outro menino que canta rap gospel mas foi para outra congregação. Foi um chamado tem muitos que precisavam ouvir rap na rua porque lá tem prostituta, tem drogas aí ele falou: Sérgio eu vou pra lá porque Deus me chamou pra ir pra lá, eu disse com os olhos cheios de lágrimas e falei: Deus te abençoe em nome de Jesus. Já gravou cd; mantenho contato com ele.

A minha visão é evangelismo porque eu cansei de ficar criticando e a bíblia diz aquele que critica será criticado. Eu sai daqui entregar meus cds nas ruas com nossos carros, entrego cd para meretrizes, homossexuais, o que que adianta entregar um cd que só fala mal disso e daquilo que que vai adiantar na vida da pessoa?

É isso que falta no Rap; o Hip-Hop já se converteu e tá na hora de falar de Jesus não adianta falar de policia, maldição, a favela tem isso e aquilo, vai falar de Jesus.

Quando eu tinha 11 anos eu era muito revoltado; meu pai dava de comer pra gente, a gente tinha um carro mas eu queria ser o revoltado da família e acabei andando com uns meninos e escutei rap. Mas o verdadeiro rap eu só descobri o que o rap era quando eu me converti, o rap era uma crítica mas eu vi que não, que o rap é salvação.

Todos os eventos aqui em Ponta Grossa eu participei eu abria o show e apresentava o show, e eu era esse cara que apresentava. Mas eu tinha vontade de ajudar as pessoas. Mas eu vi que todas as palavras que eu falava eram vazias por causa das criticas, eu tive que renascer de novo, aí comecei a falar de Deus com Jesus edificando. O principal fundamento do rap é esse mostrar que Jesus existe, salvar as pessoas, se não for assim não funciona (INTEGRANTE SERGIO).

No começo do *rap* na vida do Sergio o Movimento *Hip-Hop*, do qual todos os outros depoentes nessa pesquisa afirmam fazer parte, está presente. Ele inclusive abria shows em casas noturnas para alguns grupos de *rap* da cidade. Mas como vimos, ele procurou o caminho julgado por ele como mais correto, e entrou para a Igreja. Hoje o Sergio quando questionado se é um integrante do Movimento *Hip-Hop* em PG, ele diz que:

“No *rap* gospel sim, no *rap* gospel sou sim, e, eu fui o principiante”.

Então perguntamos como foi a formação do grupo dele.

“O nação Jesus salva sou só eu”.

Rápido e sucinto nos respondeu que era o único integrante, mas podemos ter uma noção de como o grupo foi formado pela resposta da primeira pergunta onde o entrevistado afirma ter deixado as atividades seculares e criado seu Grupo de *Rap Gospel* com de acordo com os princípios religiosos que ele segue.

Mas, quando foi questionado sobre o que o Movimento *Hip-Hop* representa para na vida dele, ele afirmou que não significa:

“Nada, porque o que representa tudo na minha vida é Deus, é Jesus”.

É essencial compreender um pouco sobre o caminho que o Sergio trilhou na sua vida, para entender que essa resposta é fruto das vivências e intenções do Sergio enquanto pessoa e enquanto cantor de *rap*. Sendo assim, a atividade desenvolvida no seu grupo é o *Rap Gospel*. E as atividades desenvolvidas dentro do *Hip-Hop* em geral, para ele são:



Foto 12: No centro temos o integrante do Nação Jesus Salva, Sergio se apresentando na Igreja.

Se for pra mim falar da parte lógica a parte que vem do rap hoje no Brasil e no mundo vou falar do rap gospel vou falar coisa que eu sei se for pra falar coisa que eu não sei não vou nem falar.

Eu vejo que o hip-hop gospel é uma potencia muito forte só dentro do site que eu coloquei minhas musicas foram 6000 downloads pra você ver que a bíblia disse de graça, eu ganhei, de graça eu dou.

Hó! Eu, é 100% diferente, é rap bem produzido. Gosto de rap lírico, só de bandas gospel no palco mp3 tem mais de 4 mil bandas e fora o que a gente não sabe fora dali (INTEGRANTE SERGIO).

O *rap* gospel na opinião do depoente é a única forma de *rap* que realmente vale a pena fazer, pois, é a transmissão da palavra de Deus. Por esse motivo que a Sergio nos responde a próxima pergunta sobre se essa atividade como *Rapper* poderia ser de lazer:

Na verdade eu não tenho o rap como principal fundamento eu tenho Cristo, tenho ele como uma ferramenta pra falar de Jesus pros outros porque quantos meninos que escutam rap e estão fumando maconha, estão na criminalidade estão por “aí” se prostituindo. Só aqui dentro da igreja muitos fumaram muito dinheiro em pedra “aí eu dei” o meu cd pra ele e hoje ele “tá aí” dentro. Eu vejo a ferramenta do rap para ganhar as pessoas para Jesus.

Prazeroso é sempre, porque você ver uma vida transformada de um viciado de pedir pão velho na rua e depois conhecer a palavra vir para a igreja. Do lixo nascer um diamante. Isso é lazer mas não como lazer de jogar um futebol e o vídeo game, mas sim de ver a pessoa crescer meu prazer hoje é viver pra Jesus. É um lazer espiritual que só aquele que tem Cristo sabe (INTEGRANTE SERGIO).

O prazer, nesse sentido, está ligado ao ato de transformação que a religião pode fazer na vida de uma pessoa, e ainda revela que a ajuda do Sergio nessa transformação é que lhe confere prazer e não o *rap* em si. Então, as atividades, dentro dos quatro elementos do *Hip-Hop*, nesse caso o rap, podem ser de lazer e conferir prazer, mas delimitado o contexto da intenção do depoente em realizar essa atividade.

Em Elias e Dunning (1992, p. 147) quando os autores falam sobre as rotinas do tempo livre essa atividade do Sergio como membro da igreja é considerada:

- 2) Actividades intermediarias de tempo que servem, principalmente, a necessidades de formação e, ou também, autosatisfação e autodesenvolvimento.
- a) Trabalho particular (isto é, não profissional) voluntário para outros, por exemplo, participação em questões locais, eleições igreja e actividades de caridade;

O que demonstra que não necessariamente essa atividade deve ser considerada lazer. A análise que fazemos dessa entrevista é que a atividade de *Rapper* que o Integrante Sergio desenvolve esta dentro da lógica Gospel, o que significa dizer que há um contexto por trás das suas apresentações, pois ele desenvolve essa atividade como instrumento para atrair as pessoas para a Igreja, para os ensinamentos Bíblicos. Suas representações sobre o *Hip-Hop* e sobre o lazer sofrem influências do meio em que ele está inserido, assim como as representações sociais dos indivíduos de maneira em geral.

Entrevista realizada no dia 26 06 2010 com o Integrante Zero Meia do Grupo Federação Repúbli-k.

Essa entrevista ocorreu em uma das salas na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Marcada para acontecer às 18h, com somente o Integrante Zero Meia. Contudo ele perguntou se poderiam participar os três integrantes juntos. Na hora marcada para a entrevista apenas os dois *rappers* apareceram e o DJ não

pode estar presente. Porém a entrevista foi individual, e o integrante Zero meia foi o primeiro depoente. Para saber um pouco sobre a vida do integrante do grupo Federação Repúbli-k perguntamos se ele poderia falar um pouco sobre a sua vida, ele nos disse que:

Particularmente, fui criado com uma família estruturada, na Coronel Cláudio, fomos pobres mas eu não posso reclamar. Tive que trabalhar cedo. Mas nesse meio tempo a gente acaba vivendo na rua e isso propicia a gente a conhecer algumas coisas, como a música. Eu busquei em vários estilos e rock e tal, mas quando eu ouvi o rap eu achei muito legal.

Em função dessa resposta questionamos qual foi o primeiro contato com o *Rap* e com o *Hip-Hop*. Zero Meia nos respondeu que quando ele começou a ouvir *rap* nos anos de:

[..] 97, 96 em Ponta Grossa não tinha nada, tinha algumas coisas de Gabriel pensador, Racionais.

No Brasil é diferente que no resto do mundo. Os quatro elementos e tal, mas aqui no Brasil é diferente, veja o exemplo de Ponta Grossa, é desenvolvido trabalho para a comunidade então realmente é uma cultura, deferente do EUA.

Aqui em Ponta Grossa o Guég sempre buscou e ele idealizou o movimento (INTEGRANTE ZERO MEIA).

O integrante ressalta a característica do Movimento pontagrossense que para ele é um Movimento cultural. Como vimos no referencial teórico sobre o Movimento *Hip-Hop* em Ponta Grossa as ações desenvolvidas buscam, além de disseminar a cultura *Hip-Hop*, fortalecer o Movimento e fazer dele um espaço de participação. Essa disseminação e difusão dos elementos que compõe o Movimento se dão por meio das expressões artísticas e culturais dos seus integrantes.

O próximo questionamento foi sobre o Zero Meia ser ou não um integrante do Movimento *Hip-Hop* em PG, ele responde que se considera. Sendo assim solicitamos que ele falasse sobre o seu grupo, como ele surgiu e sobre o integrante, ele nos disse que:

Cada um tinha seu trabalho solo. E quando eu me apresentei em público, pela primeira vez o Gafanhoto também, eu não conhecia nada nem o Guég mas já tinha muitas letras escritas, eu escrevia em casa. E quando eu conheci o Guég ele me perguntou se eu podia abrir um show pra ele, um evento. Eu abri e o gafanhoto tocava sozinho com um parceiro dele, um grupo chamado Arte Final. Mas na hora eu gostei das letras dele e a gente se identificou. Nosso rap é o estilo lado b. o rap tem vários estilos tem o gângstar que o Brasil se encaixa mais. Tem o lado underground o rap é underground nunca tá na mídia né. Estilo Camal, é mais voltado ao lado

underground. Aqui em Ponta Grossa tem diferenças entre o rap. Agora somos três integrantes (INTEGRANTE ZERO MEIA).

Como a maioria dos depoentes nesse estudo O Zero Meia também começou seu Grupo por meio de um evento organizado pelo Grupo Ponta Rap.

A próxima pergunta revelou o que o Movimento *Hip-Hop* representa na vida do Zero Meia, ele contou que:

“Na verdade é abstrato, porque na verdade é a música e não o movimento, o rap eu não consigo viver sem, é do cotidiano, é paixão”.

Embora ele afirme que é um integrante do Movimento *Hip-Hop* em Ponta Grossa, nessa frase vimos que o mais importante para ele é a música e não o Movimento, mas na maioria dos eventos que ocorrem no cenário



Hip-Hop PG o Zero Meia estava presente.

Portanto, cabe ressaltar que é possível no

Imagem 16: Ilustração do Grupo Federação Repúbli-k.

Movimento se dedicar a esse ou aquele elemento sem que necessariamente o indivíduo tenha que desenvolver ações dentro do Movimento.

Quando perguntamos sobre as atividades desenvolvidas dentro do Grupo Federação Repúbli-k ele afirmou que tem o *Rap*, o *DJ* que são elementos do *Hip-Hop* mas que:

[...] “também o Gafanhoto produz. Produz as batidas pois ele tem facilidade, tem o dom”.

Indagamos também sobre se essas atividades (*rap* e *DJ*) poderiam ser para ele atividades de lazer, ele fez um longo silêncio e respondeu que:

[...] Pra mim é! ... (Silêncio). Eu cumpro meu tempo vago fazendo música, mas além disso é uma coisa que dá prazer. É o se sentir bem. No caso do rap uma pessoa que ouve e gosta de rap isso pra mim é lazer. E também tem os eventos e isso já acaba sendo lazer também, reuni pessoas pra trocar idéia (INTEGRANTE ZERO MEIA).

Essa atividade no tempo livre que gera prazer e faz com que o integrante Zero meia se sinta bem, como por exemplo, compor músicas e reunir pessoas para falar sobre *Rap*, esta relacionada com o aspecto do tempo livre classificada por Elias

e Dunning (1992) como atividades de lazer puras ou simplesmente sociáveis. Nesse caso, seriam as atividades de lazer comunitário, relativamente informal onde o integrante participa de eventos, e reuniões com outros indivíduos.

Outra característica presente na fala do Zero Meia é que o prazer não esta somente em compor o *Rap*, mas em sentir que outras pessoas ao escutá-lo gostem dele. Esse contexto nos revela que o Zero meia é um músico preocupado em fazer *Rap* de qualidade. Na cidade de Ponta Grossa seu Grupo de *Rap* é reconhecido pela maioria dos integrantes como um Grupo excêntrico.

Entrevista realizada no dia 26 06 2010 com o integrante Gafanhoto do grupo Federação Repúbli-k

Após a entrevista com o Zero Meia, o Integrante Gafanhoto respondeu as nossas perguntas. Começamos perguntando se o Gafanhoto poderia falar um pouco sobre a sua vida, e ele respondeu que iria falar de *Rap*.

Nesse momento o integrante estava aparentemente tranqüilo, mas notou-se que havia um nervosismo que consideramos típico dentro desse momento da pesquisa. Ele foi breve em suas respostas.

A próxima indagação foi sobre o primeiro contato que o integrante teve com o *Hip-Hop*, onde ele relatou que o seu primeiro contato tinha sido quando ele ouviu Gabriel Pensador e então ele começou a participar de shows, em meados de 1992. no começo ele achou muito interessante e inteligente, gostava também de Racionais e do Ataíde; e na rádio quando tocava *rap* o pai dele chamava ele para ouvir.

Nesse sentido, perguntamos se ele se achava um integrante do Movimento mas ele no disse que:

Eu acho que não ativamente mais. Eu sumi um pouco só me identifico com a música e não participo mais ativamente das atividades propostas o quanto eu participava antes (INTEGRANTE GAFANHOTO).

Embora tenhamos visto esse integrante em várias atividades desenvolvidas no cenário do *Hip-Hop* PG, pudemos observar que outras atividades (cursar universidade, trabalho) afastaram ele do Movimento.

Para saber um pouco sobre a formação do seu Grupo perguntamos como ele surgiu, e a resposta foi:

Eu cantava com um outro amigo meu e então eu conheci o Alex e a gente se conheceu num show de rap e a gente conversou e achou que o que a gente cantava era parecido “ai” a gente juntou e formou o Federação República. São três integrantes (INTEGRANTE GAFANHOTO).

Aproveitando essa resposta do entrevistado, perguntamos o que o *Hip-Hop* representava para ele, mas, essa pergunta teve como resposta um breve “nada” entendido por nós ao ver o Gafanhoto balançar a cabeça de um lado para o outro. Para o integrante o contexto do Movimento *Hip-Hop* não faz parte da sua vida, como um todo, somente o elemento *rap*.



Foto 13: Zero Meia Gafanhoto e DJ Banga do grupo Federação Repúbli-k.

Sobre as atividades desenvolvidas no seu Grupo e no Hip-Hop em geral ele nos disse que:

“Bom no nosso grupo tem dois MCs e DJ é música que a gente tá fazendo e tem o Farinha que faz grafitti, ele não tem muito envolvimento com o grupo, mas ele é amigo nosso”.

E no Hip Hop em geral é meio complexo. São quatro elementos, tem o grafitti é a arte da rua, o rap que é a música e o MC, vem o DJ e o b-boys. Em cada canto do mundo é interpretado diferente mas eu gosto mais do Brasil e na França porque manteve as raízes, por exemplo, nos EUA foi para um lado que eu não gosto de esbanjar, gastar, eu gosto mais da música. Pra mim o rap inventaram como uma forma de aumentar a auto estima e eu procuro me identificar com isso e os negros e tal a cultura afro dizem que *Hip-Hop* surgiu na Jamaica.

Dentro do rap tem vários estilos também, aqui em Ponta Grossa é variado e tem surgido grupos novos que fazem romântico, gângster e underground e a gente é uma mistura nova, a gente tem influência de vários estilos, a gente faz uma coisa diferente (INTEGRANTE GAFANHOTO).

O Federação Repúbli-k começou em 2003 e é um grupo com grande reconhecimento no cenário *Hip-Hop* em Ponta Grossa.

No contexto do tema lazer perguntamos se vivenciando essa atividade (*rap*) ele achava que poderiam ser de lazer, a resposta foi:

Sim. Bom acho que depende do que você colocar nas letras de rap, e da liberdade que tiver o rap, é importante manter a auto estima, defender a própria cultura ter uma postura política mas se divertir também. Às vezes tem gente que fica na idéia política somente é o que falta no rap de hoje é diversão; pra mim lazer é fazer coisas que eu gosto. Faço natação, skate, basquete e mais o rap. Eu produzo as bases e é assim eu pego uma música pronta antiga e muda tom velocidade e coloca outras batidas com base naquela antiga. Antes era com fita cacete e tal hoje em dia tem muito material (INTEGRANTE GAFANHOTO).

O sentimento de prazer e de se divertir fazendo uma atividade que nesse caso é o *rap* esta presente na fala desse integrante. Contudo outro aspecto é das atividades que ele desenvolve é o *rap* como trabalho, desenvolvendo as batidas e as bases das músicas do seu Grupo de *Rap*. Na lógica do tempo livre em Elias e Dunning (1992) podem ser classificadas como atividades intermediárias de tempo livre que servem para satisfazer necessidades de formação ou de autosatisfação e autodesenvolvimento. Na subdivisão dessas atividades podemos dizer que esse trabalho de montar as batidas esta voltado para o trabalho particular, para si mesmo.

Outra questão são representações sociais dele sobre o Movimento. Observamos que ele entende que o *Hip-Hop* é uma cultura e que seus integrantes possuem uma consciência política, mas que também é preciso se divertir.

Entrevista realizada no dia 10 08 2010 com o integrante Morony Jay do Grupo DDR a Firma.

Essa entrevista aconteceu no local de trabalho do integrante, uma loja que vende produtos e artigos dentro do contexto do *Hip-Hop*. Muito simpático ele logo já começou a falar e contar suas vivências:

Ah eu estudo, faço curso de administração e tal. Pra mim o Hip-Hop; bom primeira vez que eu ouvi rap foi na casa de um amigo e foi Racionais, mas naquela época eu não me firmei muito, a gente era criança não tinha muito isso de ficar escutando rap.

“Aí” um grande amigo meu foi embora para o Rio Grande do Sul e quando ele voltou nossa olha lá tem muita gente que anda de skate e estou curtindo muito rap, tem um grupo de rap muito legal lá. Então comecei escutar.

No começo eu achava que todas a músicas de rap tinham 9 minutos e era muito grande por isso eu não gostava. A partir “daí” eu fui conhecendo e pegando outras músicas, foi a partir “daí” que o rap entrou na minha vida. Passei a comprar cd, as roupas, camiseta “né” e o calção.

Então esse meu amigo voltou do Rio Grande do Sul e trouxe umas bases e batidas das musicas pra gente poder criar. A gente já tava cheio de idéias e com as batidas eu comecei. Mas teve uma vez que eu me quebrei o braço e pulso no skate que era o esporte que eu mais gostava aí não podia escrever nem nada. Aí ele o Paraná me incentivou pra eu começar a rimar e fazer as músicas. Eu fazia uma coisa bem simples e pensava que tinha sempre que melhorar. A primeira musica que eu gravei foi com um amigo do meu chefe e ele tinha um outro amigo que tinha um estúdio e “tal”, pequeno mas tinha computador, fomos até na Marina de a pé. A gente chegou lá e tinha mais dois meninos. Eu pegava o microfone e eu tremia cantava com medo, e não saia nem a voz. Nisso a gente gravou música e apresentamos em um evento e a partir de então, passou um ano eu terminei o 2º grau e fomos fazendo mais músicas, rolou um cd (INTEGRANTE MORONY JAY).

Aproveitando essa resposta, questionamos se o Morony se considerava um integrante do movimento *Hip-Hop* em PG, onde ele afirmou que:

“Sou, faço parte do movimento. Eu me visto com as roupas e chego na universidade com essas roupas e tal. As pessoas me perguntam e eu conto que tenho o meu grupo e tal, que trabalho aqui na loja”.

Nesse sentido perguntamos como foi a formação do grupo dele e ele respondeu:

O Nome do meu grupo é DDR a Firma, mas no começo era DDR Criu, depois DDR a sigla, mas agora tá esse nome DDR a firma. Mas “aí” foi passando o tempo a gente foi evoluindo, e eu o DJ e o Paraná nunca moramos na favela então tem muita gente aí que morou na favela na periferia passaram mais dificuldade, eu nunca fui rico mas minha mãe sempre me deu as coisas e eu estudei em escola pública. “Aí” a gente foi evoluindo e muita gente foi se identificando com nossas idéias porque nas letras a gente só passa idéia positiva, auto estima, sem falar em cadeia, morte. A gente tem que levar um pensamento bom tem pessoa que acham que a gente é estrela é pop star, ficam “mordidas”, mas “nada haver”. A gente vem evoluindo bem eu e o Paraná somos amigos há anos, mas a gente precisava de um DJ e o Gordo andava com a gente “aí” ele disse que gostaria de ser DJ e que iria se empenhar. “Aí” eu vim aqui na loja e tal e o meu atual chefe me falou que um rapaz tinha pra vender e custava R\$ 700,00. Mas a gente conseguiu esse dinheiro.

A gente foi no empório desacreditado e tal mas lá deram o número do cara, a gente ligou e ele pediu pra gente ir na casa dele e a gente foi. Então a gente viu as picapes era muito legal fechamos o negócio, e tipo, o Guég era o único que tinha e agora a gente tinha também.

Passou um tempo a gente foi com o Gordo se apresentar e foi ruim porque ele errou e não sabia mexer direito, mas, foi evoluindo e evoluindo e daí agora a gente quer lançar um cd legal caprichado e que a gente possa mostrar para as pessoas. Não estou querendo desmerecer os outros grupos mas a gente sempre busca o melhor. Todos nós temos uma cabeça boa uns pensamentos bons.

O rap na minha vida me proporcionou eu chegar e falar com os outros e a conversar de boa, fui aprendendo muito, aprendi nas vivencias no dia a dia envolvido.

O Guég, ele sempre correu sabe, todo mundo tem seus “defeitinhas” ele fala umas coisas que eu não gosto mas a gente tem que respeitar porque ele se dedica muito ao movimento é a vida dele.

Eu também quero me dedicar a isso. Quem sabe no futuro fazer um movimento mais social. Juntar o pessoal do rap pra tentar fazer um trabalho social. Fazer uns eventos e projetos pra ajudar, nesses eventos propor para as pessoas passar um conhecimento, atenção e quem sabe até um atendimento de saúde.

Por enquanto está sendo isso e o grande objetivo esse ano é gravar o cd (INTEGRANTE MORONY JAY).

Perguntamos o que o Movimento representa na vida do Morony e ele disse que representa a vida dele, as coisas que ele curte.

O próximo questionamento foi se vivenciando a atividade de rapper o integrante acreditava que poderiam ser atividades de lazer. Ele respondeu:

Ah! Eu creio que sim a gente pode tá melhorando e adaptando para o Hip-Hop, isso, pois ele é um meio de lazer. Tem gente que se veste aí com as nossas roupas mas só fazem coisa errada sabe, só trazem coisa negativa pra cultura. E ando assim e você sabe que na universidade tem gente de todo o tipo, por isso que se chama universidade “né?”. E em alguma coisa você tem haver. O Hip-Hop tem haver com lazer mas as pessoas têm que saber isso, não só a moda a roupa e “tal” mas muito mais do que isso. É que aqui em Ponta Grossa é mais difícil, veja em Curitiba e em São Paulo é muito mais desenvolvido isso. Eles estão “a milhões” na nossa frente. Não é coisa de maloqueiro e bandido não (INTEGRANTE MORONY JAY).

Ligado á noção de consumo, a perspectiva de lazer por esse integrante não aponta uma atividade de prazer e nem que seja realizada no tempo livre. As representações sociais dele, nesse sentido, estão ligadas ao trabalho do Morony em uma loja de artigos da cultura *Hip-Hop* em PG, e talvez o aspecto mais relevante sobre lazer nesse depoimento seja o lazer/consumo.

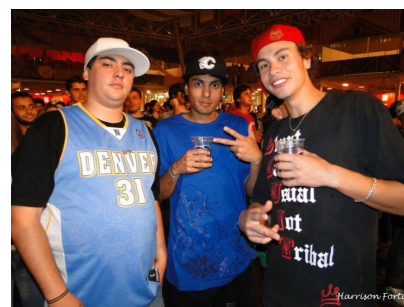


Foto 14: Integrantes do grupo DDR a Firma.

“Não é só a gente, todo mundo está ligado ao *Hip-Hop*, e o *Hip-Hop* como forma de lazer, como você também pode empreender nessa área”.

Entrevista realizada no dia 31 10 2010 com o integrante Igor do Grupo Depoimento Profético.

Essa entrevista ocorreu nas proximidades da Igreja que o integrante freqüenta. Perguntamos inicialmente qual foi o primeiro contato com o *Hip-Hop*, o Igor nos respondeu que o seu primeiro contato foi quando tinha dose anos, foi no colégio. Contudo ele já escutava *rap* há mais tempo. Ele começou a escrever a três anos atrás e hoje em dia compõe canções e se apresenta.

Sobre as atividades desenvolvidas dentro do *Hip-Hop* em Geral e no Grupo Depoimento Profético, o que o integrante faz parte ele revelou que:

Tem a dança o B-Boy, o DJ, o Rap e o grafitti, mas tipo, o Hip-Hop não é só um Movimento cultural é também social, a ação social que envolve a sociedade e apesar de ser muito marginalizado o Movimento é um

manifesto cultural. Manifesto porque reivindica e social porque tipo assim não é só cultural, em cada lugar tem um tipo, mas desenvolve ações com a sociedade (INTEGRANTE IGOR).

A reflexão do Igor sobre o *Hip-Hop* mostra que ele entende o Movimento como sendo cultural e social. Nas nossas observações e análises sobre o Movimento *Hip-Hop* PG nesse estudo vimos que ele está caminhando para uma possível legitimação enquanto Movimento Sócio cultural. Entretanto o *Hip-Hop* Gospel também desenvolve ações sociais por meio de apresentações artísticas, mas no âmbito das instituições religiosas a caracterização do Movimento *Hip-Hop* está ligada a religião e ao contexto da Igreja, o que diferencia do Movimento *Hip-Hop* não Gospel em Ponta Grossa.

Assim como o integrante Sergio do Grupo “Nação Jesus Salva” o Igor se considera um integrante do Movimento *Hip-Hop* PG na perspectiva do Gospel; porque dentro desse espaço ele cria, faz, movimenta as coisas, se dedica e corre atrás.

Indagamos sobre a formação do Grupo Depoimento Profético, ele nos respondeu:

“Ah! meu grupo já era um grupo de uma igreja da cidade e aí se desfez, mas o nome é o mesmo. Era eu, minha irmã e outros. Só que “aí” o Jackson também se separou do grupo dele. Depois de dois anos mudou e hoje está eu e o Jackson”. Dentro do nosso grupo tem os elementos *Rap*, *MC* e o *Graffiti*.



Foto 15: Integrantes do grupo Depoimento Profético se apresentando.

Nesse sentido, perguntamos o que o Movimento *Hip-Hop* representa para ele, e Igor falou:

“Representa a alma, a construção da minha identidade. Tem muitos caras que acham que Hip-Hop é tocar horror, mas o Hip-Hop não é isso, é muito mais, é cultura, é uma coisa forte”.

Como ele desenvolve o elemento *Rap* questionamos se o integrante acha que essa atividade pode se de lazer, ele respondeu:

Lazer?, “cara”, não!. Porque lazer já vai para a parte da brincadeira. Porque acho que é mais, tipo eu sei que você tem que gostar do que faz, mas Hip-Hop é coisa séria e tem muita gente que acha que é só chegar e cantar, grafitar e “tal”. Não, tem que ter um foco, eu não vejo como lazer eu vejo como uma arma do bem, para regenerar, mudar opiniões, formar uma

opinião. Eu, quando estou cantando eu sinto uma alegria, porque estou cantando coisas da minha vida. E para os outros mando uma mensagem para “caras” pararem de usar drogas e pensar mais na vida. Fazer as pessoas pensarem, por mais que façam errado, eu vejo assim eu faço rap para fazer as pessoas refletirem. Eu gosto de passar muito amor no meu rap, procuro fazer uma rap fraternal (INTEGRANTE IGOR).

Para o Igor o *Rap* não é lazer, pois para ele lazer significa talvez, uma atividade menos séria, de brincadeira. Já o *Hip-Hop* para ele é um trabalho sério onde tem haver comprometimento dos envolvidos com a cultura. Ele não canta *rap*, por lazer, mas destaca que as pessoas devem gostar daquilo que elas fazem. Ele canta *rap* para contribuir de alguma forma com o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária.

As representações dele sobre o Movimento *Hip-Hop* refletem a ligação dele com a igreja, pois revelam que ele tenta por meio do *rap* “regenerar” os indivíduos fazendo eles pensarem e refletirem mais sobre a própria vida. Esses valores construídos socialmente atribuem ao lazer características que o revelam como atividade que os indivíduos podem fazer sem que haja empenho.

Entrevista realizada no dia 31 10 2010 com o integrante do Movimento *Hip-Hop* Tiago.

Essa entrevista ocorreu na Igreja que o Integrante Thiago frequenta. Apesar do depoente estar momento de culto, ele aceitou participar da entrevista. Então perguntamos qual foi o seu primeiro contato com o Movimento *Hip-Hop* e ele respondeu que:

Meu primeiro contato foi aqui em Ponta Grossa, nos anos 90 uns “caras” do 31 de março viram em Curitiba outros “caras” dançando break, e trouxeram para “cá”. Meus irmãos mais velhos me ensinaram e eu fui vendo e me aprofundando nos movimentos. Agora aqui tá bem forte. Tem bastante B-Boy. (INTEGRANTE TIAGO DE DEUS).

Indagamos se o Tiago poderia falar um pouco sobre o elemento *Break* e ele contou que:

“O break foi o pioneiro do Hip-Hop, lá nos anos 70, no Bronx eles brigavam por território e nesse tempo



Imagem 17: Jackson Five foi um grupo musical de R&B e Soul dos Estados Unidos.

tava soul, James Brown e os Jackson five estavam explodindo na cena, e eles tiveram a idéia de em vez de brigar dançar, nas baladas eles ganhavam o território

por meio da batalha da dança, assim foi para o rap e grafitti e os DJs”.



Imagem 18: James Joseph Brown Jr. Cantor, compositor e dançarino norte-americano.

Essas batalhas acontecem de foram semelhante às batalhas de rimas entre os *rappers*. Conforme a música toca os *B-Boys* vão formando um círculo onde um *B-Boy* inicia a dança provocando um outro *B-Boy* que ele escolhe. Em algumas batalhas há um sorteio que define previamente quem vai batalhar com quem.

Quando a batalha inicia o batalhador se apresenta dançando nos estilos do *Break* e quando ele termina sua apresentação, que dura em torno de 30 segundos, o oponente começa a dançar. Há possibilidade de que o primeiro *B-Boy* a dançar volte e faça um replica. Ganha quem mostrar passos melhor elaborados. Geralmente há uma banca compostas por jurados ou então o público que esta assistindo escolhe quem dançou melhor.



Foto 16: Tiago de Deus, executando um movimento característico do Break.

Quando a primeira batalha ocorre o ganhador dança com o ganhador da batalha seguinte, e assim por diante, até que sobre apenas dois batalhadores. Pode haver empate. Nesse caso ou é realizada mais uma batalha de três apresentações ou os dois batalhadores ganham.

A próxima indagação foi sobre o que o *Break* representa na vida do Tiago, ele disse:

“Muita coisa porque o *break* retira o cara da rua, o cara mano é o cara malandro, mas o cara do movimento é mano “responso”. Eu em vez de viver na rua, eu vivia nos treinos dançando”.

Nesse sentido aproveitamos para questionar se ele se achava um integrante do Movimento, ele respondeu afirmativamente. Como o Integrante do Movimento é um dançarino de *Break* perguntamos se ele considerava o *Break* como uma atividade de lazer e ele afirmou que:

“É, porque também é educativa. Eu já ganhei dois campeonatos aqui no Paraná. E é a mesma coisa de você comparar a um jogo de futebol. Porque você sente a emoção, aquela tensão, e alivia o stress”.

Para nós o *Break* pode ser considerado um esporte onde há concentração, esforço assim como num jogo de futebol, como o depoente exemplifica.

E, segundo Elias e Dunning:

No caso de um jogo de futebol, movimento e emoção estão intimamente ligados um ao outro, pelo menos na situação dos jogadores. Mesmo o público tem um campo de possibilidades maior para transmitir os seus sentimentos entre si e aos jogadores, por intermédio de movimentos, incluindo os da língua, dos lábios e das cordas vocais. Porém, não só o futebol, mas o desporto, de uma maneira geral, possui o carácter de um combate mimético controlado e não violento. Uma fase de luta, ou conflito de tensão e excitação, que pode ser exigente em termos de esforços físicos e de técnica mas que pode também ser, em si mesmo, hilariante, uma libertação das tensões e dificuldades da rotina exterior ao lazer e, habitualmente, seguida de uma fase de decisão e de alívio do conflito de tensões, quer seja pelo júbilo da vitória ou pelo desapontamento da derrota (ELIAS, DUNNIG, 1992, p. 83).

Portanto, o *Break* é compreendido por nós como uma atividade de lazer mimético, onde as tensões miméticas das atividades de lazer e a excitação que se relaciona com elas se torna isenta de perigo ou de culpa. Essas atividades podem servir como antídoto para aliviar tensões advindas do stress do dia-a-dia (ELIAS, DUNNING, 1992).

Apesar de não terem um lugar próprio para dançar, segundo o entrevistado “[...] a prefeitura liberou o Parque Ambiental [...]”, para eles dançarem *Break*.

Voltamos ao começo dessa dissertação onde contamos como nos aproximamos do universo *Hip-Hop*, por meio dos dançarinos de *Break* no Parque Ambiental. Vimos que em um primeiro momento os integrantes afirmaram não querer participar dessa pesquisa. No entanto, depois de outras conversas, *rappers* e o B-Boy Tiago concordaram em ser entrevistados.

A partir dessas análises, compreendemos que para a maioria dos entrevistados o Movimento representa muito, assim, a interpretação dessas

impressões revelam que o Movimento *Hip-Hop* em Ponta Grossa é um espaço de vivências muito ricas em experiências e práticas culturais e sociais.

Outra característica que se revelou na leitura e análise dos dados obtidos é que para a maioria dos integrantes as atividades que envolvem os quatro elementos do *Hip-Hop*: *Break*, *Rap*, *DJ* e *Graffiti* são atividades de lazer, e que o prazer está ligado a essa categoria.

A partir do contexto de lazer em Norbert Elias acreditamos que o rap e o *Break* são atividades que apresentam as características do lazer mimético, e atividade que mais evidencia isso são as batalhas de rimas entre os MCs e os confrontos de *Break* entre os B-Boys, hoje em dia não mais em busca e conquista de território, mas na tentativa de sentir uma tensão em busca de uma excitação agradável, controlada e permitida pela sociedade.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No início dessa pesquisa escolhemos uma série de ferramentas com intuito de trilhar esse caminho na busca da compreensão de uma realidade específica: O Movimento *Hip-Hop* em Ponta Grossa. Agora esse caminho foi trilhado e chegou a hora de falar sobre essa trilha.

Um primeiro capítulo metodológico escrito para demonstrar quais seriam as ferramentas utilizadas pelo pesquisador para conhecer a realidade estudada foi escrito. Como coletar dela informações, dados e depoimentos, observá-la e depois analisa-la foram algumas inquietações que fizeram parte desse estudo.

Nesse momento, construímos uma lógica de pensamento baseada em técnicas e métodos. As técnicas de coletas de dados que foram utilizadas nos ajudaram a compreender a realidade, contudo observamos que as perguntas elaboradas para as entrevistas foram, talvez, ingênuas.

Apesar de trazerem respostas ricas em vivências e de que conseguiram transmitir alguns aspectos mais profundos da realidade, tiveram de ser complementadas com as observações feitas para agregar mais informações importantes.

Como o objetivo geral dessa pesquisa foi identificar representações sociais dos integrantes do Movimento *Hip-Hop* em Ponta Grossa-PR, e os específicos foram descrever como os integrantes vivenciam o Movimento *Hip-Hop*; apontar quais são as atividades desenvolvidas dentro do Movimento *Hip-Hop*; identificar se essas atividades desenvolvidas são para as integrantes atividades de lazer, percebemos que apesar das dificuldades encontradas pela razão das escolhas das perguntas, conseguimos compreender as representações sociais dentro desse contexto exposto acima.

Para analisar as entrevistas o modelo hermenêutico escolhido nos ajudou, pois foi também por meio da linguagem que compreendemos a dinâmica das relações sociais. A fala, os depoimentos no deram suporte para reflexão da experiência humana de mundo.

Portanto as representações do Movimento *Hip-Hop* PG para a maioria dos entrevistados nos mostram que ele é um Movimento que tem características de Movimentos sociais e culturais. Também podemos dizer que tanto o Movimento *Hip-Hop* e o Movimento *Hip-Hop* Gospel PG fazem parte da vida dos entrevistados,

proporcionando vivências e aprendizados. Observamos também que para dois sujeitos o que realmente faz parte da vida deles é o elemento *Rap* (a música) e não o Movimento como um todo.

Ser *rapper* e dançarino de *Break* para os entrevistados significa desenvolver uma atividade que, de uma maneira ou de outra, proporcione um sentimento de alegria e de prazer. A construção das representações sociais sobre o Movimento estão marcadas pelo contexto social, do grupo e individuais de cada integrante.

O elemento de coesão entre os integrantes do Movimento *Hip-Hop* em Ponta Grossa é a música, o *rap*, sejam eles integrantes do *Hip-Hop* gospel, do Movimento *Hip-Hop* PG ou estejam somente vinculados a algum dos quatro elementos.

As representações sociais desses integrantes sobre lazer, apresentam características em comum, entre elas o lazer está vinculado à atividade de *rapper*. O contexto geral das representações é o Movimento *Hip-Hop* e em específico se as atividades (elementos) do *Hip-Hop* poderia ser uma atividade de lazer, nesse sentido cada sujeito apresenta uma especificidade.

Como vimos, o coordenador do Movimento (Guég) nos respondeu basicamente três modos de se entender o lazer. As representações dele sobre lazer estão marcadas pelo trabalho que ele desenvolve dentro do Movimento e também pelas vivências dele dentro do Movimento.

As representações sociais de lazer para o integrante Adriano demonstram o momento da vida em que esse indivíduo está vivendo. Posteriormente entrevistamos o integrante Lenart e podemos dizer que as representações sociais desse integrante sobre lazer estão ligadas ao sentimento de prazer que o *rapper* sente ao cantar.

No contexto do *Hip-Hop* gospel entrevistamos o integrante Sergio do Grupo Nação Jesus Salva e as representações sociais sobre lazer revelam o *rap* como atividade de não lazer. Pois para ele o verdadeiro lazer está em ajudar o próximo. Essa representação social do Sergio demonstra que o contexto religioso influi na percepção da realidade, motivando, muitas vezes, a construção e a re-produção das representações desse sujeito.

Os dois próximos entrevistados (Gafanhoto e Zero Meia) fazem parte do grupo Federação Repúbli-k. As representações sociais dele a respeito do *rap* como forma de lazer demonstraram que ele trabalha como *rapper* mas que também em seu tempo livre compõe músicas. Já as rerepresentações do Gafanhoto revelaram

que ele é um *rapper* e que o Movimento *Hip-Hop* para ele não é tão importante quanto o *rap*.

O próximo sujeito dessa pesquisa expôs o *rap* como forma de lazer, mas também como uma forma de empreender. Podemos dizer que essa afirmação se deve ao fato das representações sociais desse integrante estarem marcadas pelo contexto profissional, Morony trabalha em uma loja que vende produtos e artigos voltados à cultura *Hip-Hop*.

Embora, até então, todos os entrevistados tivessem respondido que o *rap* poderia ser uma atividade de lazer o integrante Igor nos revela que para ele o *rap* não é lazer. Esse integrante faz parte do Movimento *Hip-Hop Gospel*, e é também a partir das vivências dele na Igreja que percebemos que as representações sociais dele sobre o *rap* como atividade de lazer assumem algumas dimensões do contexto religioso. Esse integrante nos relatou que o *rap* para ele é uma atividade que não pode ser de lazer porque não é brincadeira, o *rap* deve ser levado a sério, as pessoas devem se empenhar.

O que percebemos, nesse sentido, foi que o *rap* para ele é uma ferramenta para regenerar as pessoas, devido ao trabalho que ele desenvolve como *rapper* na igreja.

E por fim as representações do integrante Tiago (dançarino de *Break*) revelam que esse indivíduo vê o *Break* como lazer que proporciona alívio das tensões. Essas representações dele sobre o *Break* vieram sendo construídas ao longo da sua vida, pois ele aprendeu com os irmãos a dançar e os momentos que ele se dedica a essa atividade são momentos que ele aprende, o que torna o *Break* também uma atividade educativa.

Para ter condições de entender quais eram as representações dos integrantes do Movimento *Hip-Hop* refletimos sobre representações sociais no segundo capítulo parte um. Esse capítulo iluminou nosso olhar sobre a realidade e nos proporcionou uma base sólida para o estudo e compreensão do objeto de nossa pesquisa, pois foi a partir dessa reflexão utilizando o autor base Moscovici que vimos como as representação são produzidas e reproduzidas, e como podemos entendê-las.

Para falar de lazer, no segundo capítulo, parte dois, entendemos que foi a partir das leituras sobre lazer em diversos autores que chegamos a uma crítica sobre as dicotomias e posicionamentos teóricos políticos no campo do lazer. Posteriormente a essa discussão, Norbert Elias e Dunning aparecem como autores bases para as

análises, pois encontramos na teoria deles compreensões sobre a realidade e sobre lazer que iluminaram o entendimento a respeito do objeto em estudo. O viés eliasiano sobre lazer pressupõe uma quebra em relação à dicotomia entre lazer e trabalho o que nos levou a compreender o lazer de outra maneira.

O aspecto do tempo livre, o lazer mimético e o lazer que gera prazer foram as categorias teóricas escolhidas por nós para analisar as entrevistas. Essas categorias deram suporte e auxiliaram na compreensão das representações dos integrantes quando questionamos se as atividades que compõem os quatro elementos seriam de lazer e em que sentido.

Como a nossa inquietação inicial era saber se as atividades desenvolvidas pelos Integrantes do Movimento *Hip-Hop* PG dentro dos quatro elementos que o compõe seriam atividades de lazer e de incentivo próprio de quem irá praticá-lo chegamos a seguinte conclusão: As atividades nessa lógica são para a maioria dos entrevistados atividades de lazer que proporcionam prazer e, embora, a maioria não tenha dito que essas atividades são realizadas por incentivo próprio observamos que os integrantes participam do Movimento e se dedicam as essas atividades porque querem e gostam.

Outra característica observada foi que pelo modo com que elas são desenvolvidas (batalhas de rimas e de *Break*) podem ser consideradas como atividades de lazer que proporcionam o alívio dessas tensões, e/ou ainda miméticas com efeito catártico.

Entre os entrevistados também obtivemos uma resposta que caracterizou o *Rap* como uma atividade de não lazer, outra que considerou o *Rap* como estratégia para conseguir algo, e esse “algo” é o que lhe daria prazer.

É verdade que o intuito era analisar os quatro elementos, mas não conseguimos entrevistar grafiteiros e nem *DJs*. Sendo assim, somente o *Rap* e o *Break* (mesmo que representado somente por um *B-Boy*) puderam ser analisados.

O terceiro capítulo apresentou o Movimento *Hip-Hop*, sua gênese, a difusão da cultura no Brasil e em Ponta Grossa. Entendemos o *Hip-Hop* como um Movimento Sócio-cultural e como espaço de relações sociais, de criação e participação.

E no último capítulo apresentamos as análises das falas, depoimentos, observações realizadas ao longo dessa pesquisa, a partir das representações

sociais do Movimento *Hip-Hop* em Ponta Grossa – Pr, revelando perspectivas de lazer nos quatro elementos que compõe o Movimento.

Objetivos propostos, metodologia definida, pesquisa realizada e alcance dos objetivos. Não ficamos por aqui. A preocupação inicial sempre foi o de observar se o referencial teórico que definia e delimitava uma série de saberes. Os dados empíricos julgados por nós como necessários, criando categorias de análise a partir de uma lógica classificatória, nos rendeu alguns dias de árduo trabalho que por sua vez propiciaram outros tantos dias de desespero, selecionando, deletando e concertando escritos, percepções e idéias já construídas a partir da metodologia utilizada. Mas nem tudo foi perda, ficaram algumas idéias centrais nas quais podemos de fato entender e reconstruir, visualizar e discutir as vivências de integrantes do Movimento *Hip-Hop*.

E nem tudo mudou. Mas o que mudou fez a diferença. O ponto de partida já não era mais o mesmo e apesar de nos sentirmos ora invadindo o mundo do outro e ora sendo amarrados pelo objeto de estudo, tendo nosso mundo invadido, partimos a procura do fazer a pesquisa (acadêmica), mas também do entendimento das contradições existentes em quem faz a pesquisa e em quem participa dela, com todo o cuidado e com toda a persistência para olhar a realidade e dela demonstrar aquilo que realmente vimos.

O que podemos dizer é que há um sentimento forte de felicidade em compreender tudo (talvez pouco e ainda mutável) isso, sobre os caminhos percorridos, e sobre as ferramentas utilizadas nesse processo. Mas que há um sentimento ainda mais forte em ter percorrido esse caminho, há!

Ao final, ainda temos muito para falar, como quando alguém começa e não consegue mais parar, voltando sempre ao início da conversa. E dizer que os quatro elementos do *Hip-Hop* podem ser atividades de lazer e ainda defini-lo a partir de uma idéia central, revelando os depoimentos e analisando-os, pode ter sido a saída.

Mas não podemos esquecer que os Mcs fazem a poesia (*rap*) compondo sobre a realidade vivida, os B-Boys e os Grafiteiros expressam toda uma cultura seja por meio da expressão corporal ou dos desenhos coloridos, e o *DJ* manda o ritmo para que tudo isso se torne uma experiência única, vivida com intensidade pela maioria dos *rappers* e B-Boys que fizeram parte dessa caminhada.

E, lembramos ainda, a fala do Integrante Guég onde ele diz que os pesquisadores vem e voltam, as vezes, mas não se preocupam, de certa forma, com os sujeitos de sua pesquisa.

Nesse sentido, os *Hip Hoppers* acompanharam o processo dessa pesquisa, por meio de mensagens em redes sociais pela internet, ou em encontros em eventos, festas e vivências, onde não somente atualizamos coisas a respeito da pesquisa, como éramos atualizados sobre conquistas, novidades e “corres” do Movimento:

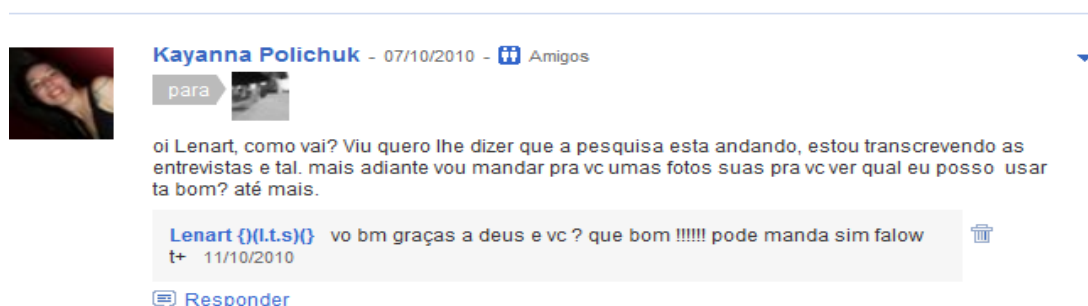


Imagem 19: Conversa para atualizar informações sobre a pesquisa com o integrante Lenart.

Enfim, procuramos entender algumas vivências dos integrantes do Movimento *Hip-Hop* em Ponta Grossa, por mais focados em um objeto que estivéssemos e delimitados metodologicamente, e também compreendendo que o real processo de pesquisa fica muito aquém de revelar intrinsecamente a realidade e também revelar aos indivíduos tais caminhos, pois não necessariamente soubemos fazê-lo, pois na realidade o conhecimento não esta somente aqui, mas sim lá, neles, no cotidiano, no agir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Revolução Industrial Fonte:
http://www.cliohistoria.hpg.ig.com.br/biblioteca/geral/hg_contemporanea/hg_contemporanea.htm Acesso em 10 09 1010.

ALBORNOZ, Susana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. São Paulo: Forense Universitária, 2004.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

ARUGUETE, Natalia **Los médios de comunicación y La formación de La agenda pública**. 2005 (n/c).

A virada do rap. São Paulo. **Folha de São Paulo**, p. 7, 22 de janeiro de 2001. Folhateen.

BRANDÃO, C. F. **A teoria dos processos de civilização de Norbert Elias: o controle das emoções no contexto da psicogênese e da sociogênese**. (Tese de Doutorado) Marília, São. Paulo: Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2000.

BRUHNS, Heloisa Turini. **Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes**. São Paulo: Chronos, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. São Paulo: Moderna, 1981.

CHAUÍ, Marilena. In: LAFARGUE, P. **O direito à preguiça**. São Paulo: Hucitec; Unesp, 1999.

CAVICHIOILLI F., REIS L. J., STAREPRAVO, F. A. A Ocorrência histórica do Lazer: Reflexões a partir da perspectiva configuracional. Disponível em: http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:cWijpjcByhQJ:boletimef.org/biblioteca/2455/artigo/BoletimEF.org_A-ocorrencia-historica-do-lazer.pdf+abordagens+cientificas+no+campo+do+lazer+cavichioli&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESi19jx_D9bl-d3WIXwPQTjfR0HCrhEk65kelyYHuhgV5leZkz76aR467

KIZCIFesk49msuf_JacS23v8FWCw4KKsCMDpSdCWfwjgCyUEXVJMa9z-lip63xhP6QDndbXsVD8SdGh&sig=AHIEtbSq1E2qjvq_zboiqROORUP6-uYRkw&pli=1 Acesso em 06 02 2011.

COSTA. Sara Maria Guimarães Maia. **O papel da dança na (sub) cultura Hip Hop.** 2008. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14546/2/O%20papel%20da%20dan%C3%A7a%20na%20subcultura%20hip%20hop.pdf>

CORREIA. A. **Cadernos de Ética e Filosofia Política** 7, 2/2005, p. 165-173 disponível em <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:t4Dz-kocwi4J:www.fflch.usp.br/df/cefp/Cefp7/correia.pdf+arendt+labor+e+praxis&hl=pt-B> Acesso em 13 09 10.

CORREIA. Cadernos de ética e Filosofia e Política. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/df/cefp/Cefp7/correia.pdf> Acesso em 06 02 2011.

DE GRAZIA, Sebastian. **Tiempo, trabajo y ocio.** Madrid: Tecnos, 1966.

DURIGUETO. MARIA LÚCIA. **Sociedade Civil E Democracia: Um Debate Necessário.** São Paulo: Cortez, 2007.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico.** 2º. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico.** São Paulo: Martin Claret. 2003.

DURKHEIM, Emile. As regras do Jogo sociológico disponível em http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:64q07htcuYcJ:gesem.com.br/Durkheim%2520-%2520As%2520regras%2520do%2520metodo%2520sociologico.pdf+A+consci%C3%A7%C3%A2ncia+moral+da+sociedade+se+manifestaria+por+inteiro+em+todos+os+indiv%C3%ADduos+e+com+uma+vitalidade+suficiente+para+impedir+tudo+ato+que+a+ofendesse,+tanto+as+faltas+puramente+morais+como+os+crimes.+Mas+uma+uniformidade&hl=ptBR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESgizoT58d_aLSvZU5y4f4SqAv48-EGUuvceVAoCujuoszatp53R_YYNbapmwTeo_DoovTyjkkGBrOYzhbQYf_eqK4yuC6hiBcnjnHsjdoVHgggJLjUZSJBV-95f9SbfMqQJ-tOug&sig=AHIEtbS83uYtDBuSzsEkS5vqiKy_VkuReg Acesso em 02 01 2011.

DILTHEY. **Conceito de Vida e Pedagogia.** São Paulo:Ed. Perspectiva, EDUSP,1987.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1999.

DUVEEN, Gerard. **Crianças enquanto atores sociais**: as representações sociais em desenvolvimento. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 261-293.

ELIAS, Norbert.; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1994. V. 2.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1999.

FARR, R. **Representações Sociais: A teoria e sua História**. In: GUARESCHI, P, JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2002.

FACEBOOK. Fonte: www.facebook.com.br Acesso em 06 11 2010

FREGE. **Translations from the philosophical writings of Gottlob Frege**. Oxford: Basil Blackwell, 1977.

FLICKINGER, Hans-G. **O fundamento ético da hermenêutica contemporânea**. In: VERITAS.v.48, n.2, Porto Alegre: PUCRS, 2003.

FOCHI. Marcos Alexandre Bazeia. **Hip hop brasileiro: Tribo urbana ou movimento social?** Disponível em: http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_17/fochi.pdf Acesso em 07 07 2010.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método II**. Petrópolis, Vozes. 2002.

GIL, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.

GIOIELLI. Rafael Luis Pompéia. **Pistas para entender a identidade cultural no contexto da globalização**. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18054/1/R1951-1..pdf> Acesso em 05 07 2010.

GUARESCHI. Pedrinho, JOVCHELOVITCH. Sandra. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GUSTSAKI. Felipe. **HIP-HOP Educabilidade e traços culturais em movimento**. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6454/000441886.pdf?sequence=1> Acesso em 01 01 2011.

GUTIERREZ. Gustavo. **Lazer e prazer: questões metodológicas e alternativas políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

HEIDEGGER, Martin: **Zollikoner Seminare**. Frankfurt/ M, Klostermann, 1987. Tradução brasileira: Maria de Fátima Almeida Prado, Gabriela Arnhold, São Paulo, Educ; Petrópolis, Vozes, 2001.

HERSCHMANN, Micael. **O Funk e o Hip-Hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

HIP-HOP-PG. Fonte: <http://www.hiphoppg.com.br/pontarap.html> Acesso em: 15 mar 2010.

JODELET, Denise. **La representación social: fenómenos, concepto y teoría**. In: MOSCOVICI. Serge. **Psychologie sociale**. Paris: PUF, 1984, p. 469-494.

JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 117-145.

JODELET, Denise. **As representações sociais**. Rio de Janeiro, UERJ, 2001.

JODELET, D. **Folie et représentations sociales**. Paris: PUF, 1989

KORSTANJE, Maximiliano Emanuel. **El ocio aristocratico de los Cesares: un estudio comparado entre el ocio romano y el turismo moderno**. Caderno Virtual de Turismo. ISSN: 1677-6976 Vol. 10, N° 2 (2010) Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/viewarticle.php?id=529> Acesso em 03 10 2010.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

MARCELLINO, Nelson. Carvalho. **Lazer e educação**. Campinas: Papirus, 2001.

MARTINELLI, Maria. Lúcia. (org.). **Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras Editora, 1999.

MASCARENHAS, Fernando. **Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2005. 307f, 2005.

MASCARENHAS, Fernando. Em busca do ócio perdido: idealismo, panacéia e predição histórico à sombra do lazer. In: PADILHA, V. (Org.). **Dialética do lazer**. São Paulo: Cortez, 2006.

MARCUSE, Horkheimer. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.

MARX, Karl. **O capital, crítica da economia Política**, Vol 1 Livro primeiro, tomo 2, São Paulo: Abril Cultura, 1984.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos: e outros textos escolhidos**. In: **Os pensadores** (coleção). São Paulo: Abril Cultural, 1974.

MSN. Fonte: www.msn.com.br Acesso em 09 11 2010.

MINAYO, Maria. Cecília. **Ciência, Técnica e Arte: O desafio da pesquisa Social**. In: MINAYO, M. C. (Org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes. 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **HERMENÊUTICA-DIALÉTICA COMO CAMINHO DO PENSAMENTO SOCIAL**. Disponível em <http://www.nesp.unb.br/utics/aexperiencia.pdf> Acesso em 01 09 10.

MINAYO, C. S. (Org.); DESLANDES, S. F; CRUZ NETO, O; GOMES, R; **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 7. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MUNNÉ, Frederic. **Psicosociología del tiempo libre: un enfoque crítico**. México: Trillas, 1980.

ORKUT. Fonte: <http://www.orkut.com.br> Acesso em 06 11 2010 .

ORTEGA. Graciela Uribe. **Identidade cultural, território e lazer**. In: **Lazer numa sociedade Globalizada**. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.

PADILHA, Valquiria (Org). **Dialética do lazer**. São Paulo: Cortez, 2006.

PARKER, Stanley. **A sociologia do lazer**. Rio de Janeiro: Zarár, 1978.

QUEIRÒZ. D. T. et al. **Observação Participante na Pesquisa Qualitativa: Conceitos e Aplicações na Área Da Saúde**. Disponível em <http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf> Acesso em 03 ago 2010.

QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, LucVan. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992. Disponível em <http://www.fep.up.pt/docentes/joao/material/manualinvestig.pdf> Acesso em 06 11 2010.

RELATÓRIO DIAGNÓSTICO DE REGULAMENTAÇÃO. **Normalização e Certificação em Turismo de aventura**. Disponível em http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Relatorio_Diagnostico_Turismo_Aventura.pdf Acesso em 09 10 10.

RIZZINI, Irma. et al. **Pesquisando: guia de metodologias de pesquisa para programas sociais**. Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula, 1999.

ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. **HIP HOP a periferia grita**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2001.

ROSE, Tricia. **Um estilo que ninguém segura: Política, estilo e a cidade pós-industrial no hip hop**, in HERSCHMANN, Micael (org). **Abalando os anos 90: funk e hip hop: globalização, violência e estilo cultural**. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

**TERMO DE RESPONSABILIDADE
DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO ÉTICO COM A ORIGINALIDADE
CIENTÍFICO-INTELLECTUAL**

Responsabilizo-me pela redação do trabalho de Projeto de Pesquisa sob o título: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE INTEGRANTES DO MOVIMENTO *HIP-HOP* EM PONTA GROSSA-PR: seus elementos e o lazer, atestando que todos os trechos que tenham sido transcritos de outros documentos (publicados ou não) e que não sejam de minha exclusiva autoria estão citados entre aspas e está identificada a fonte e a página de que foram extraídas (se transcrito literalmente) ou somente indicadas fontes e ano (se utilizada a idéia do autor citado), conforme normas e padrões ABNT vigentes.

Declaro, ainda, ter pleno conhecimento de que posso ser responsabilizada legalmente caso infrinja tais disposições.

Ponta Grossa, 28 de fevereiro, 2011.

Naja Kayanna Polichuk

Número do R.A.: 30912103